

# **Universidade de São Paulo**

Departamento de psicologia social e do trabalho

Guilherme C. Oliveira Silva

## **Leitura e escrita da letra na obra de Jacques Lacan**

São Paulo,

Fevereiro de 2018

Guilherme Celio Oliveira Silva

## **Leitura e escrita da letra na obra de Jacques Lacan**

**Versão corrigida**

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP para obtenção do título de mestre em Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Nelson da Silva Júnior

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados Fornecidos pelo(a) autor(a)

Celio Oliveira Silva, Guilherme

Leitura e escrita da letra na obra de Jacques Lacan / Guilherme Celio Oliveira Silva; orientador Nelson da Silva Júnior. -- São Paulo, 2018.

99 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

1. Teoria Psicanalítica . 2. Sujeito do inconsciente. 3. Psicanálise. 4. LACAN, JACQUES-MARIE ÉMILE, 1901-1981. I. da Silva Júnior, Nelson, orient. II. Título.

Nome: SILVA, Guilherme C. Oliveira

Título: Leitura e escrita da letra na obra de Jacques Lacan

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP para obtenção do título de mestre em Psicologia Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Professor Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Professora Dra. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Professor Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

## Sumário:

Agradecimentos.....	06
Resumo.....	07
Introdução.....	08
Capítulo I: Da carta à letra: gênese do conceito de letra nos primeiros seminários de Jacques Lacan.....	28
Capítulo II: Letra e apagamento.....	55
Conclusão.....	92
Referências bibliográficas.....	98

## Agradecimentos

Ao professor Nelson, por esses dois anos de orientação e pela insistência na escrita de um texto claro;

A todos os meus colegas do grupo de orientação, em especial ao Heitor, Leilane, Mario e Paulo, companheiros de empreitada;

À banca de qualificação, cuja leitura e apontamentos foram decisivos na confecção final dessa dissertação;

Aos meus grandes amigos, Eduardo e Elton, pela companhia e amizade;

A Sandra Berta, pela escuta e sensibilidade;

A toda a minha família, em especial ao meu pai e à minha mãe, pelo amor que me permitiu partir; e à minha irmã, Paulo e vó Conceição, pela marca carinhosa dos anos;

## Resumo

Esta pesquisa analisa o estatuto da letra nos nove primeiros seminários de Jacques Lacan. Parte-se de uma questão sobre a gênese do conceito na obra, ao se analisar o texto *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud* e aparições de ideias relativas a leitura e escrita do inconsciente nos quatro primeiros seminários. A noção de transliteração é tomada aqui como uma operação simbólica da letra. Num segundo momento, a análise se voltará a problemática do traço unário no seminário IX e uma possível separação da leitura e escrita, quando o psicanalista fala de uma gênese do escrito a partir da leitura do rastro (*trace*) e da escrita do significante ao tratar do traço (*trait*) unário.

## Abstract

This research analyzes the statute of the letter in the first nine seminars of Jacques Lacan. It begins with a question about the genesis of the concept in the work, when analyzing the text *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud* and apparitions of ideas regarding reading and writing of the unconscious in the first four seminars. The notion of transliteration is taken here as a symbolic operation of the letter. Secondly, the analysis will turn to the problematic of the unary trait in seminary IX and a possible separation of reading and writing, when the psychoanalyst speaks of a genesis of the writing from the reading of the trace and the writing of the signifier when talking about the trait unary.

## Introdução

Nossa pesquisa se propõe a analisar o conceito da obra de Jacques Lacan, através do qual uma *leitura* do inconsciente se faz com o escrito; o conceito que, de uma mensagem em sofrimento, faz decifração, leitura que compara o escrito com o escrito (ALLOUCH, 1984). Trata-se da *letra*, noção talvez ambígua na obra, cuja economia conceitual nos propomos a estudar.

Nos encontramos diante de uma tarefa assaz complicada: analisar a gênese da letra nos seminários e alguns textos escolhidos do psicanalista, supondo-lhe uma possível unidade conceitual. Ora, se um mapa dos desenvolvimentos da letra pode ser traçado, talvez não seja possível, na mesma proporção, supor-lhe exatamente uma unidade. Voltaremos a isso com o caminhar do texto, por hora cabe dizer que se é possível supor desenvolvimentos e avanços conceituais no que tange à letra, talvez haja, dada já de partida, uma ambiguidade no conceito que perdurará até o final da obra.

No livro *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE 1916/1967), que marca o momento de fundação da linguística moderna, o significante é apresentado como imagem acústica, elemento distinto do significado. Entre significante e significado, entretanto, haveria uma constante influência, como mostram as flechas do seguinte signo:



Jacques Lacan se apropriará desse signo invertendo os dois termos e os separando, com o algoritmo S/s. O significante será promovido ao andar superior, permanecerá sobre o significado, e a barra manterá uma independência entre os dois termos. Essa inversão do algoritmo saussuriano S/s produz uma mudança radical de concepção. Segundo Le Gaufey (LE GAUFEY, 1991), passa-se assim de uma concepção sobre as ligações entre o significante e o significado para uma concepção fundada nas ligações dos significantes. Seriam estas últimas que efetuariam a gênese



do próprio significado: “(...) Lacan faz de partida valer uma ‘autonomia do significante’, cujos cortes prevalecem na produção de significação, nas quais aparecem então, e somente então, cortes no significado<sup>1</sup>.” (Ibid. p, 150; tradução modificada). Essa prevalência dada à estrutura do significante permite ao psicanalista teorizar o sujeito freudiano como determinado por uma estrutura de linguagem. Ponto importante, dado o momento do autor que procurava na linguística e no estruturalismo amparos conceituais para a psicanálise.

Diante dessa inversão, a letra surge como uma possibilidade de escrita da estrutura localizada do significante (LACAN, 1957/2001). Porém, o conceito será primeiramente trabalhado a partir do sentido de uma “carta”, segundo a análise do conto *A Carta Roubada*, de Edgar Allan Poe.

No texto *Le séminaire sur la lettre volée* (LACAN, 1955/2001), a carta misteriosa do conto é lida como uma mensagem enigmática que organiza as diversas relações que vão se construindo entre os personagens: ministro, rainha, rei, polícia e Dupin (NANCY, LACQUE-LABARTHE, 1991). Seu conteúdo é desconhecido, mas comprometedor, engajando cada personagem de determinadas maneiras no decorrer da história. Lacan a tomará como significante a partir do qual diversas relações estruturais serão formadas (LACAN, 1955/2001).

Dois anos depois, em *Instância da Letra*, essa carta se tornará uma letra<sup>2</sup>, num texto no qual, segundo Le Gaufey (Ibid.), podemos ler o essencial da operação lacaniana do significante. Lacan aí falará da letra como o “(...) *suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem*”<sup>3</sup> (LACAN, 1957/2001; tradução modificada). Pois, será ela que, materialmente, permitirá uma apresentação estrutural dos significantes, e por isso também será definida como “(...) *a estrutura essencialmente localizada do significante*”<sup>4</sup> (Ibid.; tradução modificada). Trata-se de uma maneira de tratar os significantes por uma via outra que aquela do significado, e

---

<sup>1</sup> Lacan fait dès le départ valoir une « autonomie du signifiant » dont les découpages prévalent dans la production de significations dans lesquelles apparaissent alors, et alors seulement, des découpages dans le signifié.

<sup>2</sup> *Lettre* em francês significa tanto *letra* quanto *carta*.

<sup>3</sup> “(...) support matériel que le discours concret emprunte au langage”.

<sup>4</sup> « (...) la structure essentiellement localisée du signifiant. »

que se constrói através de uma leitura que esse suporte material permite da estrutura de linguagem:

(...) é que o sonho é um rébus. E Freud estipula que é necessário ouvi-lo como eu disse primeiramente: literalmente (*à la lettre*). O que pertence à instância no sonho dessa mesma estrutura literante (dito de uma outra maneira: fonemática), na qual se articula e se analisa o significante no discurso. Tais quais as figuras não naturais do barco sobre o teto ou do homem com cabeça de vírgula, expressamente evocadas por Freud, as imagens dos sonhos devem ser retidas pelo seu valor de significante; ou seja, por aquilo que elas permitem soletrar sobre o “proverbio” proposto pelo rébus do sonho. Essa estrutura de linguagem que torna possível a operação da leitura está no princípio da *significância do sonho*, da *Traumdeutung*.<sup>5</sup>. (Ibid. Tradução modificada)

Esta citação trata da instância da letra. As figuras do sonho são tomadas como permitindo *ler* o inconsciente, por estarem elas próprias estruturadas num enquadre simbólico composto por significantes, ou seja: elas têm valor de significante. É, pois, naquilo que se depreende como literalidade nessas figuras, enquanto letras de um discurso inconsciente, que encontramos sua função. No trecho, temos também a evocação da instância da letra enquanto estrutura “literante”, ou fonemática. É uma maneira de falar do caráter de decomposição e localização da cadeia significante, permitidas pela letra. Ao literalizar o puro som do significante, encontra-se um traçado que permite sua leitura e decifração. Trata-se de uma ordem de escrita. O termo *escrita* (ou *escritura*) é um termo que merece uma discussão ampla. Voltaremos a ele mais a frente, quando formos falar da *transliteração* a partir de algumas considerações de Jean Alloch (ALLOCH, 1984).

Segundo Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, a instância da letra é também sua insistência (NANCY, LACOUÉ-LABARTHE, 1991). Na razão desde Freud se trataria da produção insistente da letra no inconsciente. Se, como dirá Lacan em certo momento, a característica do inconsciente é de partida o fechamento

---

<sup>5</sup>(...) c'est que le rêve est un rébus. Et Freud de stipuler qu'il faut l'entendre comme j'ai dit d'abord, à la lettre. Ce qui tient à l'instance dans le rêve de cette même structure littéraire (autrement dit phonématique) où s'articule et s'analyse le signifiant dans le discours. Telles les figures hors nature du bateau sur le toit ou de l'homme à tête de virgule expressément évoquées par Freud, les images du rêve ne sont à retenir que pour leur valeur de signifiant, c'est-à-dire pour ce qu'elles permettent d'épeler du « proverbe » proposé par le rébus du rêve. Cette structure de langage qui rend possible l'opération de la lecture, est au principe de la *signifiante du rêve*, de la *Traumdeutung*.

(LACAN, 1964/1973)<sup>6</sup>, essa razão freudiana estaria ligada à sua abertura. Abertura que permite uma leitura da organização significativa inconsciente, através desse conceito que mantem algo suspenso no sentido:

(...) é o conceito pelo qual é marcada a especificidade da cadeia significativa como, para dizê-lo rapidamente, a iminência, isto é, o reportar indefinido do sentido que está no princípio do automatismo de repetição, do *Wiederholungszwang* de Freud. A instância da letra seria, pois, talvez também, nesse sentido, sua insistência – algo como o suspenso do sentido. (NANCY, LACOUÉ-LABARTHE, 1991)

O reportar indefinido e insistente do sentido, específico à cadeia significativa, transmitiria isso que iria além do próprio sentido, e que, portanto, não se restringiria a este. O sentido nunca se satisfaria por completo, logo a necessidade de sempre novos sentidos. A insistência da letra transmitiria isso que, ao insistir, não permitiria aos sentidos se esgotarem por si só. O que apontaria, a contragolpe, algo para além dos sentidos: o significativo. Caberia dizer, que, além disso, há nessa insistência uma elaboração do psicanalista referente à repetição, ao além do princípio do prazer. Entretanto, não nos aprofundaremos nesse ponto agora na introdução. Voltaremos a isso nos próximos capítulos, ao tratar de uma possível “gênese” do conceito de letra na obra. Prosseguiremos agora com algumas considerações de Jean Allouch sobre *leitura* e *escrita* que nos oferecerão uma chave de leitura da questão da letra, nos ajudando a avançar na nossa análise sobre os seus desenvolvimentos na obra.

### **Transcrição, tradução e transliteração**

Podemos constatar, com efeito, que cada uma das leituras que Lacan promoveu até poder delas receber o ensino (e assim fazer ensino desse ensino) se caracteriza pela colocação em questão de um escrito para a leitura, para o acesso ao texto lido, a sua literalidade. Lacan lê *com o escrito*; e uma clínica do escrito se demonstra assim uma clínica na qual a leitura se confia no escrito, se faz tola do escrito, aceita deixar o escrito leva-la pela ponta do nariz.<sup>7</sup>. (ALLOUCH, 1984. P. 16. Tradução modificada)

---

<sup>6</sup> Lição XVI, *LE SUJET ET L'AUTRE : L'aliénation*.

<sup>7</sup> On peut constater en effet que chacune des lectures que Lacan a poursuivies jusqu'à en recevoir l'enseignement lui-même (et ainsi faire enseignement de cet enseignement) se caractérise par la mise en jeu d'un écrit pour la lecture, pour l'accès au texte lu, à sa littéralité. Lacan lit *avec l'écrit* ; et une clinique de l'écrit s'avère ainsi une clinique où la lecture se confie à l'écrit, se fait dupe de l'écrit, accepte de laisser l'écrit la mener par le bout du nez

A colocação de um escrito para uma leitura – a colocação de letras para que algo possa ser lido – permite que a escuta analítica se direcione à escrita mesma daquilo que está em questão. Ora, qual a nossa via de acesso ao inconsciente senão a partir daquilo que se escreve, a partir das suas formações? A língua oculta do inconsciente não é efeito de uma metafísica, existindo como forma pronta que, ao ser acessada, revelaria a totalidade de um saber; a língua oculta do inconsciente pode ser decifrada por participar de uma cifração, por ser ela própria escrita, e o saber que uma leitura pode revelar é, ele próprio, parte de sua produção.

Neste tópico acompanharemos os desenvolvimentos de Jean Allouch (Ibid.) a respeito de três noções ligadas à escrita/leitura: transcrição, tradução e transliteração. Trata-se de um trabalho muito importante que nos ajudará a melhor entender os desenvolvimentos da letra na obra de Jacques Lacan, distinguindo na sua gênese passagens onde a elaboração do conceito tende ora à questão simbólica implicada na escrita da letra; ora a um certo efeito imaginário de tradução; e ora à escrita de algo real no simbólico, como transcrição. Voltaremos a isso com o avanço do trabalho, porém cabe frisar que tal distinção nos será importante principalmente no que tange à gênese do conceito de letra. Se de um lado podemos encontrar, nos primeiros seminários, momentos nos quais já haveria uma ambiguidade própria da noção de letra, haverá, de outro, passagens iniciais nas quais termos como “tradução”, “leitura do inconsciente” ainda não participam de uma elaboração clara relativa à questão da escrita. Nossa hipótese inicial é que será só a partir da vinculação da escrita com a leitura que se tratará, efetivamente, do conceito de letra – enquanto uma noção ambígua.

Para iniciarmos a distinção desses três termos, partamos da seguinte citação: “Escrever se nomeia *transcrever* quando o escrito se pauta no som, *traduzir* quando ele se pauta no sentido e *transliterar* quando ele se pauta na letra<sup>8</sup>”. (ALLOUCH, 1984. P. 18, tradução modificada, itálicos do autor) A transcrição será uma operação ligada

---

<sup>8</sup> “Écrire se nomme *transcrire* quand l’écrit se règle sur le son, *traduire* quand il se règle sur le sens et *translittérer* quand il se règle sur la lettre

ao real, à passagem do som para um sistema simbólico, ao se servir de uma escrita que cifre o som. Porém, a cifração não se reduz simplesmente a essa operação dita real; será parte da escrita simbólica da letra, onde o escrito escreve o escrito:

O que escreve o escrito tem um nome, chama-se *cifra*. O sonho, mas também qualquer formação do inconsciente é cifração. Cifrar não é traduzir, mesmo que a tradução possa ser legitimamente considerada como um modo de cifração, na verdade pouco utilizado. Cifrar não é, também não, reduzível a um transcrever; que a transcrição esteja implicada na cifração não quer dizer que ela baste para definir a operação. Esta não surge senão com a escrita, não somente do som, mas do escrito.

(...)

Deste modo, que o sonho leia quer dizer que sua cifração tem valor de decifração. A transliteração, que escreve o escrito, é o nome da equivalência da cifração e da decifração.<sup>9</sup> (Ibid. Tradução modificada, p. 84)

Se nos voltássemos só à transcrição, à tão-só cifração do som, correríamos o risco de reduzir a cifração como participando de uma suposta “gênese do sistema simbólico”, onde, através da cifração do “puro som significante”, haveria a “criação” de estruturas, ou a criação da linguagem inconsciente. Esse tipo de raciocínio seria por demais simplista e estaria fadado ao fracasso por necessitar de uma metafísica estrutural para se justificar. Portanto, a diferenciação entre transcrição e transliteração é fundamental. Pois se sempre podemos supor certa arbitrariedade na transcrição de algo que seria real para uma cifra, para um escrito, é somente a comparação do escrito com o escrito que permite um desdobramento simbólico, segundo a lógica de um sistema que, se de um lado é arbitrário (por não se referir ao real), obedece a um funcionamento próprio. A comparação do escrito com o escrito é uma operação de leitura, onde o que fora cifrado pode ser decifrado. E a própria decifração é tida como

---

<sup>9</sup> Ce qui écrit l'écrit a un nom, cela s'appelle *chiffre*. Le rêve, mais aussi bien toute formation de l'inconscient est chiffage. Chiffrer n'est pas traduire même si la traduction peut être légitimement considérée comme un mode de chiffage, à vrai dire fort peu usité. Chiffrer n'est pas davantage réductible en un transcrire ; que la transcription soit impliquée dans le chiffage ne veut pas dire qu'elle suffise à en définir l'opération. Celle-ci n'advient qu'avec l'écriture non pas seulement du son mais de l'écrit.

(...)

Ainsi que le rêve lise veut dire que son chiffage a valeur de déchiffrement. La translittération, qui écrit l'écrit, est le nom de l'équivalence du chiffage et du déchiffrement

uma espécie de escrita e de cifração, parte do desdobramento simbólico do significante.

Ao ler o escrito, a decifração escreve. Isso é diferente, também, daquilo que o autor define como tradução: na tradução estaria em questão o “um sentido” que se espera extrair e passar de uma língua para uma outra. Por mais que, para realizar essa tarefa, seja convocado o fator literal das línguas, ao se pautar no sentido *correto* dos termos a tradução recorreria ao imaginário. Buscaria o termo certo, que traduzisse o mais fielmente possível o que estaria em questão. Ora, é certo que muitos tradutores sabem que estão lidando com uma tarefa impossível, preferindo definir a tradução como *transcrição* (CAMPOS, 2010). Não nos aprofundaremos nesta discussão em nosso trabalho. O que está em questão para Jean Allouch, ao falar de tradução, refere-se ao campo da letra na psicanálise, onde as formações do inconsciente poderiam ser entendidas como traduzindo um sentido oculto e correto. Ele criticará essa ideia e comentará a tradução feita por Lacan do termo *Unbewusste* como *une-bévue*: de um lado, uma tradução que conserva algo do sentido (“inconsciente”, “o não sabido” do termo em alemão; para “o erro inadvertido, não sabido” do termo em francês) e o apoio homofônico, como recurso para uma transliteração<sup>10</sup> (ALLOUCH, 2010. P. 128). Em francês, *Unbewusste* e *une-bévue* têm sons muito próximos, são homofônicos. Essa tradução, que se permite o arbitrário apoio homofônico entre duas línguas, é uma forma de ler um escrito (*unbewusste*) por um outro escrito (*une-bévue*). Como se Lacan decifrasse a cifra *Unbewusste* pelo termo *une-bévue*, não por se tratar da escolha mais “correta”, mas por ser uma escolha que faz funcionar o inconsciente como transliteração.

Em resumo, cada uma dessas operações se refere a um registro, à passagem de algo para o escrito como trabalho em um dos três registros. Assim, a transcrição se referiria ao real, à passagem de um som “real” para cifras simbólicas; a tradução seria uma operação ligada ao imaginário, por se propor transmitir um sentido que fosse o “certo”; e a transliteração se referiria à instância da letra, ao simbólico, como leitura/escrita do escrito. Todavia, essas operações não aconteceriam isoladamente, teriam implicações mútuas umas nas outras. Distingui-las se fará importante porque

---

<sup>10</sup> Se Allouch conhecesse a teoria de Haroldo de Campos sobre a tradução, ele talvez pudesse até ter usado o termo *transcrição* como apoio para falar dessa tradução com transliteração.

nos ajudará a ler alguns momentos da obra lacaniana onde o psicanalista tenderá a tratar, ora do sentido inconsciente traduzido pelas formações do inconsciente<sup>11</sup>; ora de uma suposta “gênese” do escrito<sup>12</sup>; e ora da problemática mesma da instância da letra, para a qual o termo *transliteração* fornece um modo de leitura assaz elaborado.

Para avançar no trabalho desses três termos, prossigamos com mais uma citação: “ A transliteração é o nome dessa operação na qual o que se escreve passa de uma forma de escrever a uma outra forma<sup>13</sup>”.(ALLOUCH, 1984, tradução modificada, p. 80). Como exemplo disso, é comentado o trabalho no sonho. A primeira escrita num sonho é uma escrita não alfabética, é uma escrita dita por imagens. Porém, ao se contar o sonho, a letra interveria transliterando o texto do sonho, decifrando-o segundo a escrita alfabética e dando lugar aos equívocos significantes. O autor fará uso de um exemplo muito interessante: um dos seus pacientes sonha primeiro carregar um homem e depois um peixe em um dos ombros (Ibid. P. 77). Ao falar, ao contar essa imagem do sonho, a transliteração intervém escrevendo esse escrito por imagem numa escrita alfabética. Assim, o peixe (*poisson*) poderá ser decifrado como *son poids* (seu peso), sendo uma de suas preocupações no momento. Trata-se de um exemplo de como uma decifração é também uma cifração: não podemos supor que *son poids* “traduza” exatamente o sentido da imagem do homem carregando o peixe; trata-se antes de algo que se *cifra* dessa forma, através da passagem de um escrito a um outro. Pois se pensarmos nos sentidos possíveis da imagem de um homem carregando um peixe, nada indica se tratar, necessariamente, do peso do próprio homem. Podemos até supô-lo, segundo o deslocamento do que é carregado: um homem e depois um peixe; mas o que confirma se tratar disso (ou, antes, o que nos faz *ler* isso) é a escrita alfabética de *poisson* que permitirá o jogo espirituoso com *son poids*. Em resumo: “*Trans-literando o sonho escreve. Escrevendo, o sonho lê, também, primeiramente o que na véspera não pôde ser*

---

<sup>11</sup> Referimo-nos aos primeiros seminários, embora caiba dizer que o termo “sentido” já aparece ali de um modo problemático, criando questões. Voltaremos a essa discussão no próximo capítulo.

<sup>12</sup> Trata-se de uma discussão muito interessante, também comentada por Allouch, relativa ao traço unário e a escrita do significante. Voltaremos a isso no segundo capítulo, ao trabalhar o seminário IX, *L'identification*.

<sup>13</sup> La translittération est le nom de cette opération où ce qui s'écrit passe d'une façon d'écrire à une autre façon

ligado, dizendo de outro modo, lido, e lido com o escrito<sup>14</sup>". (Ibid., tradução modificada, p. 83)

## O impossível da relação sexual

Há mais de uma forma de tratar a escrita na obra de Jacques Lacan. A diferença talvez não se refira tanto à sua função, mas antes ao seu enfoque. Assim, encontramos momentos nos quais a discussão se volta à escrita da letra, como formação do inconsciente (*L'instance de la lettre*); à escrita do significante, a partir do traço unário (*L'identification*); à escrita matemática, como modelo de formalização (*Problèmes cruciaux pour la psychanalyse*); à escrita dos discursos, pautada na escrita matemática (*L'envers de la psychanalyse*); etc. A partir do texto *L'Étourdit* e do seminário *Encore*, encontramos algumas elaborações do psicanalista tratando da escrita no campo do impossível da relação sexual. Faz-se importante uma breve discussão a esse respeito, na medida em que o sexual se apresenta aí como uma exceção, como algo que não pode se escrever. Exceção que, segundo Allouch (1984., p. 314), confirma a clínica analítica como uma clínica do escrito.

Prosseguiremos analisando alguns trechos de Lacan sobre a questão e nos apoiaremos nos comentários de dois autores com perspectivas um pouco diferente a respeito: Jean Allouch e de Barbara Cassin.

No seminário *Encore*, podemos encontrar a seguinte passagem sobre a conhecida fórmula *Il n'y a pas de rapport sexuel*:

(...) ela (tal fórmula) não se sustenta senão com o escrito, na medida em que a relação sexual não pode se escrever. Tudo o que está escrito parte do fato que será para sempre impossível escrever a relação sexual enquanto tal. É daí que há um certo efeito do discurso chamado escrita<sup>15</sup>. (LACAN, 1972-73/1975; tradução modificada)

---

<sup>14</sup> Trans-littérant le rêve écrit. En écrivant, le rêve lit et tout d'abord ce qui la veille n'a pas pu être lié, autrement dit lu, et lu avec de l'écrit

<sup>15</sup> (...) elle se ne supporte que de l'écrit en ceci que le rapport sexuel ne peut pas s'écrire. Tout en qui est écrit part du fait qu'il sera à jamais impossible d'écrire comme tel le rapport sexuel. C'est de là qu'il y a un certain effet du discours qui s'appelle l'écriture.



A fórmula *Il n'y a pas de rapport sexuel* escreveria uma inexistência, ou melhor: escreveria a impossibilidade mesma de escrever a relação sexual. Todo escrito teria a ver com esse campo, como se qualquer escrito tivesse como limite essa impossibilidade. Se o discurso é tido como laço entre seres falantes, a escrita seria um efeito do discurso diante da impossibilidade de laço. Efeito que não garante o laço, mas que pode ao menos escrevê-lo como impossível.

Barbara Cassin (BADIOU, CASSIN, 2010), num trabalho no qual ela comenta o texto *L'Étourdit* (LACAN, 1972/2005), tentará depreender dessa impossibilidade um princípio lógico no qual estaria em questão sempre uma espécie de “produção”, de criação diante do que se apresenta como impossível de ser escrito. Para ela, Jacques Lacan teria substituído o princípio lógico da não contradição pela fórmula *não há relação sexual*, derivando uma discursividade baseada na produção de equívocos:

Não se trata de nada menos que mudar o princípio de todos os princípios. Passar do princípio “*não há contradição*” para o princípio “*não há relação sexual*”. É a discursividade desse novo princípio, *não há relação sexual*, que o *Étourdit* faz funcionar<sup>16</sup>. (BADIOU, CASSIN, 2010; tradução modificada)

Ao definir o real a partir de uma impossibilidade, a partir de uma negatividade relativa à não existência de proporcionalidade ou relação entre os parceiros (*rapport*), passar-se-ia a operar com um princípio lógico no qual, justamente, permitir-se-ia contradição. Princípio este que se assemelha ao que Freud dizia quanto a não haver contradição no inconsciente, por lá serem encontrados traços de tendência que, ao nível consciente, seriam contraditórias entre si (FREUD, 1933/2010). Com um princípio tal, permitindo contradição, seria possível dizer que *a não relação sexual se sustenta com o escrito* (como efeito do discurso analítico), justamente pelo fato de ela não poder se escrever (LACAN, 1972-1973/1975). E a partir de então, a escrita ser tida como único modo de isolamento do impasse dessa impossibilidade de um suposto universal ou natural da sexualidade humana.

---

<sup>16</sup> Il ne s'agit de rien moins que de changer le principe de tous les principes. Passer du principe « il n'y a pas de contradiction » au principe « il n'y a pas de rapport sexuel ». C'est la discursivité de ce nouveau principe, il n'y a pas de rapport sexuel, que « L'Étourdit » met en œuvre.

Para compor esse raciocínio, a autora comentará o termo *ab-sens*<sup>17</sup>, trabalhado por Lacan em *L'Étourdit* (LACAN, 1972/2005). *Ab-sens* é formado a partir da conjunção do prefixo *ab*, que indica uma separação, um distanciamento, e da palavra *sens* (sentido), formando algo como “sentido pela separação, pela distância”. Além disso, o som de *ab-sens* é o mesmo da palavra *absence* (ausência). Trata-se, portanto, de uma maneira de considerar os *sentidos* pela via de uma separação. Algo que seria produzido com a escrita, anulando o “único sentido” de alguma coisa, para ser criada uma diversidade de sentidos a partir do equívoco. Como exemplo, podemos pensar num ato falho, no qual uma palavra que poderia ter se restringido a um sentido comum do discurso concreto surge criando equívocos na fala. Cassin faz o seguinte comentário sobre esse termo:

No lado de Lacan, o sentido único, o “um-sentido” (*un-sens*) faz parte do “insensato” (*in-sens*) – a saber, daquilo que é privado de sentido (a homofonia sempre atua de antemão com equívoco), ou ainda: faz parte da significação, mas não do sentido. Não há sentido senão naquilo que é equívoco e isso se chama “ab-senso”, a salvo da norma aristotélica do sentido – aliás, norma constitutiva da regulação perene da língua, mesmo que ela não cesse de retornar, como o faz o inconsciente. “*L'Étourdit*” (traduzido por aturdido), uma enunciação tal que se possa vê-la, maneira mais certa de ouvi-la<sup>18</sup>. (Ibid.; tradução modificada)

A produção de equívocos via o *ab-sens* se faz com a escrita<sup>19</sup>. Trata-se de uma decantação das significações únicas, visando seu esvaziamento e provocando equívocos de sentido. O próprio título desse texto, *L'Étourdit*, se baseia num *ab-*

---

<sup>17</sup> Esse termo pode ser traduzido como *ab-senso*, ou ab-sentido. Em francês, o som “*ab-sens*” é o mesmo de “*absence*”, que significa em português “ausência”.

<sup>18</sup> Côté Lacan, le sens unique, l'un-sens, c'est de l'in-sens, à savoir du privé de sens (l'homophonie acte toujours déjà l'équivoque), ou encore : c'est de la signification, mais pas du sens. Il n'y a de sens qu'équivoque, et cela s'appelle « ab-sens », échappée hors de la norme aristotélicienne du sens – norme par ailleurs constitutive de la régulation pérenne du langage, si bien qu'elle ne cesse de faire retour ni plus ni moins que l'inconscient. (...) « L'Étourdit », une énonciation telle qu'on puisse la voir, manière la plus sûre de l'entendre.

<sup>19</sup> Mesmos nos casos de homofonia e homonímia. Nos primeiros, a relação é mais clara: duas palavras com sons iguais se diferenciando pela forma escrita de cada uma delas. Já em se tratando de palavras homônimas, temos duas possibilidades: quando a forma escrita é a mesma, mas os sons são diferentes; quando a forma escrita é a mesma e os sons são iguais. No primeiro caso, o equívoco se amparará na relação entre os sons (distintos) e a grafia. No segundo, será a função de cada palavra na frase (verbo, substantivo, etc.) que propiciará o equívoco, ao serem comparadas com as formas escritas e faladas.

*sens*<sup>20</sup>. Trata-se de uma escrita, que não tem que ver com o significado, mas com o que para além do significado pode restar como “representante” do impossível da relação sexual. Dizendo de um outro modo: uma apresentação do impossível na linguagem, via equívoco, via paradoxo. É por essa razão que uma discursividade derivada disso permitiria contradição, ou melhor, produziria contradição nos sentidos correntes das palavras.

A autora propõe uma leitura importante do impossível em Lacan, ao localizá-lo como “novo princípio lógico”, fazendo funcionar a produção de equívocos. Como se, diante do que é impossível de se escrever, se escrevesse o impossível em tudo aquilo cujo sentido não fosse definitivo, fosse “equivocado” e diverso. A leitura de Jean Allouch sobre essa questão, entretanto, tem um tom diferente: ao invés de explorar o que é produzido diante do impossível, ele direcionará sua análise ao surgimento desse “princípio” do não há relação sexual. Como poderemos ver com a próxima citação, não se trataria exatamente de uma “verdade primeira” da psicanálise, na medida em que foi se desenvolvendo com o tempo:

Vê-se, o enunciado “não há relação sexual” não poderia de nenhum modo ser concebido como uma verdade primeira. Primeira, essa verdade não é nem ao menos quanto à sua formulação em Lacan. Um breve percurso de sua emergência não será inútil a fim de introduzir sua decifração e de precisar a partir daí o status do sexual na psicanálise.<sup>21</sup>. (ALLOUCH, 1984. Tradução modificada, p. 315)

Para o autor, essa fórmula teria emergido em três tempos. No tempo um, o ato sexual teria sido considerado com valor de ato. Allouch toma como referência aqui o seminário de Lacan do dia 22 de fevereiro de 1967 e comenta: “*Diremos, com Lacan, que há ato quando a ação em jogo é submetida à instância da letra de uma forma tal que o significante, do qual ela se encarrega, opera aí por conta disso, e ele mesmo*

---

<sup>20</sup> L'étéourdi significa em português “o descuidado”, “o distraído”, “o aturdido”. Ao colocar o t final, Lacan cria um equívoco: l'étéourdit, com o mesmo som de l'étéourdi, pode ser escutado como *Les tours dits*, ou seja, algo como “os giros ditos”, ou “as voltas ditas”.

<sup>21</sup> On le voit, l'énoncé « il n'y a pas de rapport sexuel » ne saurait en aucune façon être conçu comme une vérité première. Première, cette vérité ne l'est pas non plus au regard de sa formulation chez Lacan. Un bref parcours de son émergence ne sera pas inutile afin d'introduire son déchiffrement et de préciser de là le statut du sexuel en psychanalyse

*enquanto corte.*<sup>22</sup>” (Ibid., tradução modificada, p. 316). Tomar o ato sexual como ato refere-se àquilo que se estabelece como um antes e um depois, como um corte que o acesso à relação genital causaria, na medida em que o sujeito está submetido à castração. Porém, poucos meses depois, dirá Lacan que não há ato sexual. Trata-se do tempo dois, que Allouch localiza no seminário do dia 22 de abril de 1967. Para Allouch, dizer que não há ato sexual não é antítese da asserção anterior. Tratar-se-ia, antes, de um fato exterior, suplementar, relativo ao psicanalítico tomado como ato: ou seja, não há ato sexual, no sentido de um ato analítico. Finalmente, o tempo três seria aquele da frase *Il n’y a pas de rapport sexuel*, que Allouch localiza no seminário de dia 4 de junho de 1969: “O termo “relação” se substitui agora ao ato. Esta substituição é de ordem metonímica, posto que a inscrição que vinha com o ato é a única agora levada em conta com o termo “relação”<sup>23</sup>.” (Ibid., tradução modificada, p. 316). Trata-se do momento no qual a discussão se volta à escrita, em relação a não haver conector lógico que possa escrever e ligar um signo homem a um signo mulher.

Três tempos no desenvolvimento dessa fórmula. E o autor prosseguirá discutindo a relação entre esses momentos:

Essa metonímia não é sem consequências, em particular sobre a leitura do que propõe a língua francesa com o sintagma “O ato sexual”. Ainda não há ato – e é aí que o ato se encontra requerido, tal é a verdade da afirmação do tempo um, lida posteriormente desde esse tempo três – que possa fundar o sexual como relação; é também desde esse tempo três que podemos sustentar como uma verdade, como um meio dizer, que não há ato sexual. As afirmações dos tempos um e dois não são contraditas nem anuladas, e nem ultrapassadas ou “relevadas” (*Aufhebung*) no tempo três; elas são situadas. O ato sexual é de fato um ato, mas um ato chamado na falta da relação, um ato cuja ação seria fundar essa relação, mas que não consegue senão a se manter no seu lugar. Também, não há ato sexual aí mesmo onde não há relação sexual.<sup>24</sup>. (Ibid., tradução modificada, p. 317)

---

<sup>22</sup> On dira avec Lacan qu’il y a acte lorsque l’action en jeu est soumise à l’instance de la lettre d’une façon telle que le signifiant, qu’elle prend en charge, y opère de ce fait, et lui-même comme coupure

<sup>23</sup> Le terme de « rapport » se substitue maintenant à celui d’acte. Cette substitution est d’ordre métonymique puisque l’inscription qui allait avec l’acte est maintenant seule prise en compte avec ce terme de « rapport »

<sup>24</sup> Cette métonymie n’est pas sans conséquences, en particulier sur la lecture de ce que propose la langue française avec le syntagme de « l’acte sexuel ». Il n’y a toujours pas d’acte – et c’est en cela que l’acte s’y trouve requis, telle est la vérité de l’affirmation du temps un, lue après coup depuis ce temps trois – qui puisse fonder le sexuel comme rapport ; c’est depuis ce temps trois aussi qu’on peut soutenir comme une vérité, comme un mi-dire, qu’il n’y a pas d’acte sexuel. Les affirmations des temps un et deux ne sont pas contredites ni annulées, et pas davantage dépassées ou « relevées »

Não havendo ato sexual, no sentido do tempo dois, o ato sexual do tempo um seria requerido como forma de suplência. Essa relação entre o tempo um e o tempo dois só poderia ser lida desse modo a partir do tempo três, no qual a questão se volta ao *rapport*. Em termos de relação, não há ato sexual, embora o ato sexual possa ser chamado como forma de lidar com a não relação, como tentativa de suplência. Ao substituir o ato pela relação (*rapport*), no tempo três, Lacan sublinha o escrito, a ausência de escrita da relação sexual:

Vê-se que essa abordagem do sexual, no tempo três, com a substituição do ato por “relação”, coloca o acento sobre o escrito e o *dissocia assim do ato*; e o deslocamento de uma escrita tomada como registro, como transcrição, para uma escrita matemática traz consigo uma transformação da problemática do ato: o ato não é a ação da qual o sujeito seria o agente, mas o que se produz como desubjetivação quando se consegue escrever uma relação.<sup>25</sup> (Ibid., tradução modificada, p. 317)

A disjunção do escrito e do ato implica que uma inscrição se dará, então, a partir do momento no qual algo possa cessar de não se escrever<sup>26</sup>. Pois não se trata mais de um ato que inscreveria segundo o modo de uma transcrição. Ao voltar o raciocínio em termos de *rapport*, a problemática se volta à escrita matemática. Não é exatamente algo do real que se escreve em termos simbólicos (transcrição), mas algo que pode se escrever, em termos de *rapport*, ao cessar algo do real. Assim, o real do sexual se tornará aquilo que não cessa de não se escrever; ou, ao não se escrever, aquilo que não cessa:

É necessário o ato pois o sexual não cessa, ... de não se escrever. Sublinha-se aqui a vírgula ao dobrá-la com os três pontos de suspensão, pois ela é determinante no sentido da frase. Ela dá seu alcance à definição lacaniana da impossibilidade: o que, ao não se

---

(*Aufhebung*) dans le temps trois ; elles sont situées. L'acte sexuel est bien un acte, mais un acte appelé dans le défaut du rapport, un acte dont la portée serait de fonder ce rapport mais qui ne parvient qu'à se tenir à sa place. Aussi n'y-a-t-il pas d'acte sexuel là même où il n'y a pas de rapport sexuel.

<sup>25</sup> On voit que cet abord du sexuel, dans le temps trois, avec la substitution du « rapport » à l'acte, met l'accent sur l'écrit *et le disjoint ainsi de l'acte* ; et le déplacement d'une écriture prise comme enregistrement, comme transcription en une écriture mathématique n'est pas sans emporter avec lui une transformation de la problématique de l'acte : l'acte n'est pas l'action dont un sujet serait l'agent mais ce qui se produit de désubjectivation quand vient à s'écrire un rapport.

<sup>26</sup> Trata-se aqui de uma problemática desenvolvida por Lacan no seminário 20 (LACAN, 1972-73/1975). De um lado, a frase *Cessa de não se escrever* tem a ver com o contingente no quadrante das fórmulas da sexualização. De outro, *Não cessa de não se escrever* tem a ver com o real, tomado como impossível.

escrever, não cessa, tal é o modo da relação sexual.<sup>27</sup> (Ibid., tradução modificada, p. 317)

Há, portanto, diferenças nas abordagens de Cassin e de Allouch da problemática. Enquanto Cassin direcionará a discussão ao termo *ab-sens* e ao que pode ser produzido a partir desse “princípio” *il n’y a pas de rapport sexuel*, Allouch busca na obra do Lacan sua construção, tendo em vista especificamente a problema do escrito. Com a frase *il n’y a pas de rapport sexuel* o sexual é tomado como exceção, como impossível que não pode se escrever e que confirma a clínica psicanalítica como uma clínica do escrito (Ibid., p. 314). Não será mais exatamente o ato o que inscreve, mas o ato será convocado diante do que não pode se escrever. Ou, quando algo chega a se escrever – consegue se escrever – o ato é o que se produz como desubjetivação (Ibid., p. 317).

Para avançarmos ainda mais, partamos agora para uma discussão clínica. Trata-se da análise de dois sonhos de um dos nossos pacientes, através dos quais algo desse real que não cessa se faz presente naquilo que fracassa numa fantasia. Para contextualizar os sonhos, é necessário um pequeno preambulo: o encontro e a relação com uma mulher – que parecia estar numa posição mais melancólica – fez vir à tona alguns fantasmas que só haviam aparecidos, até então, de uma maneira muito mascarada e pontual na sua análise. Diante da depressão e do *olhar* triste dessa mulher, esse paciente teve alguns sonhos através dos quais associou esse *olhar* ao olhar da sua mãe nos momentos em que ela tivera depressão. Trata-se de um olhar que agia como signo de uma fantasia: “Ela não me ama”, frase fantasística que se repetia na “relação” com essa mulher, surgindo angustia e uma posição carente e demandosa.

Nos momentos em que ela se afastava dele, esse sujeito se encontrava muito fisgado e alienado nos seus próprios pensamentos, ao ponto de ter repetidos dias de insônia. Ao mesmo tempo, dizia não entender porque, pois, nas suas outras relações, conseguia sempre “duvidar” do envolvimento, se mantendo numa distância “segura”.

---

<sup>27</sup> Il faut l’acte car le sexuel ne cesse pas, ... de ne pas s’écrire. On souligne ici la virgule en la redoublant avec trois points de suspension car elle est déterminant du sens de la phrase. Elle donne sa portée à la définition lacanienne de l’impossibilité : ce qui, de ne pas s’écrire, ne cesse pas, tel est le mode du rapport sexuel.

Podemos dizer que, nesse momento de paixão, ele havia se deixado ser tolo, o que permitiu que viessem à tona questões fantasmáticas que até então não tinham se feito tão fortemente presentes na sua análise, abrindo caminho para que algo disso pudesse ser ouvido e tratado.

Os sonhos que discutiremos referem-se a um momento posterior, quando ele começava a desprender de suas fantasias em relação a ela. Ela havia se afastado dele, e a explicação que ele se dava sobre qual motivo referia-se à depressão dela. Mesmo não estando mais juntos, ele permanecia esperançoso de um retorno e se mantinha numa posição de “arcar silenciosamente com a dor dessa mulher, mesmo que pareça que ela não me ame”. No decorrer das sessões, foi-se separando dessa fantasia e teve o seguinte sonho:

Sonhou que precisava se preparar para uma invasão e estava sozinho. Há dois gatos que o ajudariam na luta, cada um com um livrinho de instruções. Um dos gatos, que já era seu, ataca o outro com fogo e queima a quina da porta. O outro fala que era desnecessário aquilo. Numa certa altura do sonho, decide desligar a geladeira e ir dormir, na despensa, em cima de um caixote. Diz que tinha desistido de fazer a defesa contra a invasão. Os inimigos começam a entrar e um deles é uma prima, que o encontra e diz que tinha parado com as costuras e começado a fazer brincos. Era basicamente pegar uma linha com agulha e furar a orelha e colocar um enfeite.

Ao ser perguntado sobre o que lia nesse sonho, esse paciente associou “geladeira” à posição distante, “fria”, dessa mulher e a invasão ao terror noturno que lhe tomava nos momentos em que sua demanda de amor não era correspondida. E quina, associa ao sobrenome dela. Podemos dizer que “queimar a quina” é metáfora de sua tentativa fantasmática de fazer suplência da não relação sexual, literalmente vivida numa relação que não existia mais (pois ela havia se afastado). Diante de uma mulher que ele interpretava como “fria” ao se afastar dele, o amor vinha como uma tentativa de suplência, como uma tentativa de contornar a “distância” entre eles. Porém, esse amor já lhe parecia desnecessário, como na frase do segundo gato que diz ser desnecessário aquilo. No sonho, ao ir dormir na despensa e deixar acontecer a invasão, escreve-se a possibilidade de não ser tão terrível o fato de essa mulher não estar mais interessada nele. Por fim, há ainda a cena curiosa dos “brincos”, que,

primeiro fazendo mensagem de uma costura que pôde ser deixada de lado, avança e aponta para algo diferente: o furo na orelha.

Na nossa interpretação, dizemos que o que “fura a orelha” parecia apontar para alguma coisa que ele não estava conseguindo escutar. Na próxima sessão, ele trará o seguinte sonho:

Sonhou que estava em um prédio e que alguns amigos jogavam bola em baixo, três amigos, e estava em três em cima, na varanda. A bola quica embaixo, vai pulando, até que chega a eles. Diz que era curioso ver as pessoas jogando bola tão longe de onde estavam, pequeninhas e atrapalhadas.

O momento fantasmático diante dessa mulher o deixara atrapalhado, e em alguns momentos até desesperado. Nessa sessão, associará “quica” novamente ao sobrenome dela e à quina do sonho anterior. Mas acrescentará uma outra coisa: diz que, por mais que já estivesse se sentindo afastado do laço com ela, alguma coisa sobrava como que uma inercia. Diz que essa alguma coisa não era tanto em relação a ela, à sua perda, mas em relação a não entender o motivo de ter se envolvido daquele jeito e tão rápido. Mesmo com o que já havia elaborado em relação ao seu fantasma, achava estranho ter se deixado fisgar de tal jeito. Podemos interpretar isso como o momento de suspensão no qual se encontrava, através do qual havia um desinvestimento libidinal, uma retirada da pulsão dessa fantasia e a questão de o que fazer com isso então. Há um gozo no fantasma que não se explica pela própria cena fantasmática, segundo um psicologismo que tomasse a depressão de sua mãe como causa da sua relação fantasmática. Mesmo que se acrescentasse a questão paterna nessa história, e o que havia surgido em outras sessões e sonhos como uma postura que o sujeito via como paradoxalmente submissa e firme desse pai, “segurando as pontas calado” quando sua mãe estava com depressão (uma identificação desse sujeito com essa postura ao mesmo tempo amorosa e masoquista do pai), há algo aí que é do sujeito. Algo que não se explica pelas suas séries de identificações. Há algo do gozo que precisa ser trabalhado para que de fato um sujeito possa deixar de lado uma forma de costura de um dos seus fantasmas. Algo que precisa ser furado e ouvido.

As letras que se deslocam parecem vincular seu movimento de afastamento, a escrita de algo que vai cessando, especificamente na relação com essa mulher:



quin... do sobrenome, associado a ela, à sua figura tomada na rede fantasmática; quina, como cessando de não escrever o que lhe parecia necessário e impossível nessa relação (o amor como forma de suplência necessária diante de um desencontro que apontava para o vazio de uma não relação, que pôde ser escrito no sonho, talvez por ter podido se tornar desnecessário); e, por fim, quica que abre um campo de questões em suspenso para o sujeito, uma relação que acaba e a questão de o que fazer com a “pulsão” e solidão aí envolvida. Trata-se aí de transliteração: um escrito que escreve e lê um outro escrito; que cifra ao decifrar. Assim, *quina* cifra *quin...* ao decifrar, com uma metáfora, o modo desesperado de amor através do qual esse sujeito tentava fazer suplência de uma relação que, literalmente, não existia mais. Diante de uma mulher que se afastava, surge a fantasia que toma a depressão dela como causa do afastamento e, nesse enredo fantasmático, o amor surge como tentativa de “queimar a frieza dessa depressão”. Na sequência, *quica* cifra *quina* ao decifrar esse amor como suplência e voltar a questão para ele, sujeito. Assim, se tratava de uma questão dele, sujeito, que não estava exatamente conseguindo ouvir, por se ater às suas explicações sobre a depressão dela. Por mais que talvez a depressão dessa mulher pudesse dificultar para ela ter uma relação com um homem, a “certeza” de que se tratava disso o fígava, e o fazia gerar para si inúmeras explicações sobre o fato simples de ela não querer estar mais com ele.

Escolhemos discutir esses dois sonhos pelo paralelo que pode ser estabelecido com a frase *Il n’y a pas de rapport sexuel*. Por mais que, de fato, não houvesse mais relação por não estarem juntos, seu fantasma surgia como tentativa de contornar algo que não dera certo, que não cessava de não se escrever, algo sobre não haver qualquer livrinho de instruções que permitisse escrever o *rapport* sexual entre essas duas pessoas e que o fantasma tentava suprir. Ao se afastar, isso que não cessava de não se escrever pôde minimamente cessar, e se escrever a partir de um significante que estabelece uma leitura nova em relação à situação: quina cifra e decifra o significante *quin...* da sua fantasia.

A problemática do impossível como limite da escrita permite que pensemos a letra como o que se produz quando algo cessa. Nesse sentido, a discussão de Barbara Cassin sobre o termo *ab-sens* faz avançar a reflexão. A possibilidade de equivococar o que se fixara num sentido é também uma forma de limite, de fazer cessar. No que tange aos sentidos que se fixaram, estamos mais no campo do necessário, não

exatamente do impossível: é o campo do que não cessa de se escrever, mas que assim se estabelece diante daquilo que não cessa de não se escrever, do que o necessário do sintoma tenta retirar como forma de gozo na repetição. De todo modo, o impossível da relação sexual seria assim considerado como exceção, como aquilo que não se escreve e que confirmaria a clínica psicanalítica como clínica do escrito (retomando novamente a afirmação de Allouch).

### **Leitura e escrita da letra**

Diante da discussão até então realizada, partamos agora para a questão específica da nossa pesquisa, qual seja: estaria a escrita desvinculada da leitura nos primeiros seminários de Lacan? O momento de formalização do conceito de letra é o momento no qual essas duas coisas se vinculam? E o que acontecerá com a letra com o avanço da obra? O que Lacan quer dizer com a separação por ele feita sobre o que pode ser lido do traço unário e da letra como escrevendo o significante, no seminário IX? São essas as perguntas que nortearão, doravante, o nosso trabalho. Trata-se de um campo, relativo à letra, que permite avançar na ideia de que a clínica psicanalítica seria uma clínica do escrito.

Deste modo, no próximo capítulo faremos uma discussão sobre o texto *L'instance de la lettre dans l'inconscient, ou la raison depuis Freud* (LACAN, 1957/2001). Essa discussão permitirá que exploremos a forma pela qual a letra foi primeiramente formalizada na obra. Em paralelo, teremos como referência o texto *Position de L'inconscient au congrès de Bonneval reprise de 1960 em 1964* (LACAN, 1966/1999), que, mesmo sendo posterior, nos ajudará a precisar essa problemática.

Feita essa discussão sobre a formalização da letra, partiremos para uma análise das aparições da palavra *lettre* nos quatro primeiros seminários. Esse trabalho nos permitirá mapear uma possível “gênese” do conceito. Trata-se de um ponto que merece alguns comentários: por “gênese” entendemos o momento de formalização da *Instância da letra*, como instância na qual a leitura e a escrita das formações do inconsciente adquirem valor de cifração e decifração. Porém, antes do texto de 1957 é possível encontrar nos seminários algumas ideias que parecem ter a ver com o “futuro” conceito, embora nomeadas de outras maneiras. Exploraremos essas

nomeações, nos perguntando a respeito de suas funções no que tange ao significante. Seriam ideias que vinculariam uma tentativa de Lacan de *leitura* do significante? E onde entraria a *escrita* no que tange a essas ideias? Nossa primeira hipótese é que a letra surge na obra enquanto conceito a partir do momento no qual leitura e escrita fazem parte de uma mesma operação simbólica. Trata-se do que Jean Allouch (1984) nomeou como *transliteração*, operação distinta da tradução e da transcrição.

Uma outra questão se impõe no que tange à letra: tratar-se-ia, de fato, de um conceito, ou seria mais rico tomá-la como uma *noção ambígua*? Um conceito exige uma economia conceitual, que, mesmo mutável, estabelece algumas definições coerentes entre si. Essa questão se justifica por ser possível encontrar momentos aparentemente ambíguos e paradoxais no que tange a letra. Como se uma ambiguidade própria a essa noção permitisse que ela fosse tomada na obra de maneiras diversas – aparentemente contraditórias entre si. Somente o avanço dos capítulos permitirá que respondamos satisfatoriamente a essa questão. Por ora, cabe dizer que falaremos em conceito de letra e em economia conceitual da letra mantendo no seu horizonte a possibilidade constante de ambiguidade.

Um segundo momento deste trabalho será voltado para uma possível mudança de conceitualização da letra a partir do seminário IX, *L'identification* (LACAN, 1961-1962). Lacan fala aí de uma suposta “gênese do escrito” na história humana, cujas implicações poderiam representar uma separação da leitura e da escrita da letra. Discutiremos mais detidamente esse ponto no segundo capítulo, porém, cabe adiantar, como se *leitura* passasse a se voltar ao traço unário, à leitura de algo anterior à própria letra, e escrita se voltasse à letra, como algo que escreve o significante. Trata-se de uma discussão complexa, cujo esboço aqui deixamos, mas cujas particularidades serão detidamente trabalhadas no segundo capítulo.

## Capítulo I: Da carta à letra: gênese do conceito de letra nos primeiros seminários de Jacques Lacan

No presente capítulo, voltar-nos-emos aos quatro primeiros seminários de Jacques Lacan com o intuito de analisar a construção e gênese do conceito de letra na obra do psicanalista. Trabalharemos detidamente o texto *Instância da letra*, tomado como o primeiro momento de formalização do conceito. Esperamos demonstrar, entretanto, que o conceito já existia antes de sua formalização, sob a forma de ideias aparentemente desconexas no primeiro seminário (como *leitura do significante*, *hieróglifo*, *ser*, etc), que com o passar do tempo se sintetizam na letra. Para tanto, comentaremos também um outro texto importante nessa construção conceitual, a saber *O seminário sobre a carta roubada*.

Costuma-se dizer que *lettre* aparece, pela primeira vez, em *Séminaire sur la lettre volée*, e que somente é formalizada enquanto conceito em *L'instance de la lettre dans l'Inconscient ou la Raison depuis Freud* (MALEVAL, 2010). Isso pode servir enquanto uma orientação geral sobre os primeiros passos de *lettre* na obra de Jacques Lacan, mas não permite detalhar seu início, o que simplifica sua gênese. Ao fazer uma pesquisa bibliográfica da palavra nos primeiros seminários, encontramos algumas passagens, anteriores ao texto *Instância da letra* (dentre elas, algumas até mesmo anteriores ao *Séminaire sur la lettre volée*), onde o sentido de *lettre* se aproxima da sua futura formalização conceitual. Já no seminário I, parece haver uma ideia de *leitura*, ligada à estrutura significante, que se aproxima do conceito. É por vezes encarnada pela palavra *lettre*, tanto segundo o sentido de uma carta, quanto de letra. Porém, nota-se também aparições dessa ideia com o uso de outras expressões, como *hieróglifo*, *signo*, *alfabeto*, *ordem do ser literalmente criada pelo simbólico*, etc.

Parece-nos que se trata de algumas noções que só serão formalizadas em *L'instance de la lettre dans l'inconscient*, mas com as quais Lacan já estava às voltas antes de 1957. Para compreender esse movimento, faremos primeiramente neste capítulo uma apresentação dos pontos essenciais relativos à letra, nos baseando na

maneira como ela foi formalizada no texto de 1957. Na sequência, mapearemos o possível percurso de sua construção através dos seminários, sublinhando algumas passagens que dialogam com esse texto. Isso nos permitirá analisar o que estava em questão para Lacan na gênese do conceito, nos fornecendo uma base teórica para avançar nas mudanças posteriores da sua economia conceitual.

Nossa hipótese neste capítulo é que só tratará do conceito de letra a partir do momento em que *leitura* se associará à *escrita*, ou seja: que decifração e cifração farão parte de uma mesma operação. Já pudemos discutir essa problemática na nossa introdução, desde a noção de transliteração (ALLOUCH, 1984). Agora, veremos se em *Instância da letra*, enquanto primeiro texto no qual *lettre* aparece formalizada em conceito, ela se mantém. É possível considerar que já em 1957 decifração e cifração fazem parte de uma mesma operação ligação à instância da letra no inconsciente?

Depois dessa primeira discussão, nos voltaremos aos quatro primeiros seminários de Jacques Lacan. As ideias atrás comentadas – que parecem se associar nesses seminários ao campo do que futuramente será tratado como letra – já são ideias que nos fazem pensar numa *leitura* do campo do inconsciente? Além disso, já seria possível encontrar nelas algo relativo à *escrita*? Eis duas perguntas importantes que iremos explorar mais na segunda parte deste capítulo.

### **Instância da letra**

O texto *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud* (LACAN, 1957/2001) é um trabalho muito bem elaborado, no qual diversas questões importantes na época para Lacan (e posteriormente) se encontram desenvolvidas e formalizadas. Segundo Le Gauffey (1991), é um trabalho que condensa o essencial da operação significante. Faremos uma análise e discussão do estatuto do conceito de letra nesse momento, considerando que se trata do primeiro momento no qual *lettre* apareceria formalizada.

É importante notar que *Instância da Letra* foi publicado num volume sobre ciências humanas da revista *La psychanalyse*, e que a discussão a partir da qual surgiu foi uma discussão sobre literatura e filosofia (*Groupe de philosophie de la*

*Fédération des étudiants ès (sic) lettres*). Pois é nesse quadro conceitual (psicanálise e ciências humanas) que Lacan localizará a psicanálise entre o escrito e a fala.

Para além da fala do paciente, a psicanálise nos faz descobrir a estrutura da linguagem no inconsciente. Isso teria a ver com o escrito, vindo a letra aí como suporte material que o discurso concreto toma emprestado da estrutura da linguagem (LACAN, 1957/2001). Ou seja, nesse momento letra é matéria da linguagem, estrutura localizada do significante (Ibid.).

A noção de escrito é, portanto, ligada à noção de estrutura, o que nos leva a pensar no então projeto de validação da psicanálise enquanto uma ciência (BEER, 2015), proposto por Lacan a partir do uso da linguística, estruturalismo e conceitos da matemática. É importante sublinhar, todavia, que não se trata de uma noção qualquer de escrito. O projeto científico encarnado pela letra se atém ao significante e não ao significado. Ao se servir do algoritmo S/s, Lacan não só dará uma importância maior ao significante em relação ao significado, como dirá que é pelas ligações próprias aos significantes que haverá gênese mesma do significado (LACAN, 1957/2001).

Para compreender essa diferença entre significante e significado, é importante partir de uma outra distinção feita pelo psicanalista: significado e sentido não são a mesma coisa, e é com o sentido, na cadeia significante, que se constitui um significado. O sentido insistiria, como antecipação, na cadeia mesma do significante. Sublinha-se esse ponto: é no significante que surgiria algo como uma insistência do sentido. Entretanto, nenhum dos elementos significantes consistiria o sentido (Ibid.). Como dirão Philippe Lacoue Labart e Jean-Luc Nancy (1991), a letra tem a ver com essa insistência do sentido que não se esgota; com essa insistência sem constituição, pois ela (letra) não tem qualquer sentido em si mesma.

Através disso, entretanto, surgem efeitos de significância. A metáfora e a metonímia são consideradas como orientações na cadeia significante que permitem ao sentido tomar lugar, criando assim tais efeitos. Ou seja, se o sentido insiste no significante, mesmo que este não o constitua, serão a metáfora e a metonímia orientações dessas insistências, que constituirão imagens (poderíamos dizer) que significarão. Ao se tomar a parte pelo todo (metonímia) ou uma palavra por outra palavra (metáfora), a insistência do sentido é orientada, seja por um deslocamento através dos significantes, seja por uma condensação. Como se uma significação fosse

criada na experiência temporal da falta a ser do desejo, ou na imagem do que seria, no “como se” do sintoma do sujeito.

Esses pontos configuram um quadro geral da letra. Há aí o escrito e a estrutura, o significante e o sentido e o signo letra propriamente. Veremos na sequência alguns outros termos que incarnam o sentido da letra sob a forma de signos.

### **Signos da letra**

Lacan insiste na ideia de uma letra do discurso, que a obra freudiana nos traria. Como comentado atrás, letra é suporte material através do qual algo da estrutura da linguagem (do inconsciente estruturado como uma linguagem) pode ser lido. O discurso do Outro, inconsciente, do qual o sujeito se mantém servo, poderia ser decifrado a partir da produção de letras do inconsciente (LACAN, 1957/2001). Diante desse ponto, o autor faz uma comparação do trabalho de decifração freudiano com a decifração de criptogramas de uma língua perdida. Veremos a frente neste trabalho que o termo “criptograma” aparece diversas vezes no decorrer dos primeiros seminários, sendo um dos “títulos” da letra antes do texto *Instância da letra*.

Outro termo importante, no mesmo corrente do criptograma, é o hieróglifo. Como o primeiro, é tomado como signo pertencente a um sistema de escrita a partir do qual é possível ler algo do significante. A ideia da letra, nesse momento de gênese conceitual, se manterá sempre atrelada a um sistema de signos através do que surge uma tal leitura possível do inconsciente estruturado como uma linguagem.

Além do significante e sua leitura, do sistema de signo e seus nomes, há ainda outra ideia importante na economia conceitual da letra, desenvolvida em relação à insistência do sentido. Trata-se de uma questão sobre o ser, aparecendo desde o início dos seminários, e bastante trabalhada em *Instância da letra*. Vejamos como Lacan a desenvolve no texto de 1957.

### **Letra (*lettre*) e o ser (*l'être*)**

A problemática do ser ressoa em diversos momentos na problemática da letra. Encontramos passagens nos seminários nas quais Lacan fala sobre a ordem de ser literalmente determinada pela linguagem, em paralelo a termos como *tradução*, *signo*, etc. No texto em questão, Lacan se voltará mais à letra e ao ser, englobando as

reflexões anteriores nessa associação. A questão do ser, como numa charada do sonho, como num enigma que se instaura com as formações do inconsciente, surgirá a partir de uma operação de *escrita*, diante da qual o sujeito aparece excêntrico em relação a si mesmo. Dizendo de uma outra forma, é com uma escrita que vai além do sujeito que se introduz uma questão sobre o ser:

Que o sonho disponha da fala, não muda nada – visto que para o inconsciente ela não é senão um elemento de colocação em cena como os outros. É justamente quando o jogo e igualmente o sonho se chocarão contra a falta de material taximático para representar as articulações lógicas da causalidade, da contradição, da hipótese, etc., que eles demonstrarão que se trata de um trabalho de escrita e não de pantomima.<sup>28</sup>. (Ibid., tradução modificada, p. 509)

*Escrita* aqui está fortemente vinculada à *leitura* do significante: escrita que permite uma leitura disso que foi colocado em cena no sonho. Sua importância se faz naquilo que transmite sobre uma produção *para além* do sujeito, que o faz excêntrico em relação a si mesmo, e que permite uma leitura do seu *ser*. Ora, trata-se de uma escrita que permite uma decifração; algo que, ao cifrar, decifra. Deste modo, temos aqui uma primeira resposta afirmativa às perguntas que fizemos no início deste capítulo, especificamente sobre se no texto de 1957 *leitura* e *escrita* fariam parte de uma mesma operação ligada à instância da letra no inconsciente. Mas prossigamos com uma outra citação:

Se eu disse que o inconsciente é o discurso do Outro, com um grande O, é para indicar o além onde se amarra o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento. Dizendo de um outro modo, este outro é o Outro invocado até mesmo pela minha mentira, como garantidor da verdade na qual ela subsiste.

Ao que se observa que é com o aparecimento da linguagem que emerge a dimensão da verdade.<sup>29</sup>. (Ibid., tradução modificada, p. 522)

---

<sup>28</sup> Que le rêve dispose de la parole n'y change rien, vu que pour l'inconscient elle n'est qu'un élément de mise en scène comme les autres. C'est justement quand le jeu et aussi bien le rêve se heurteront au manque de matériel taximatique pour représenter les articulations logiques de la causalité, de la contradiction, de l'hypothèse, etc., qu'ils sont affaire d'écriture et non de pantomime.

<sup>29</sup> Si j'ai dit que l'inconscient est le discours de l'Autre avec un grand A, c'est pour indiquer l'au-delà où se noue la reconnaissance du désir au désir de reconnaissance. Autrement dit cet autre est l'Autre qu'invoque même mon mensonge pour garant de la vérité dans laquelle il subsiste. A quoi s'observe que c'est avec l'apparition du langage qu'émerge la dimension de la vérité.



Essa dimensão do reconhecimento do desejo e do desejo de reconhecimento é escrita nas formações do inconsciente. O discurso do Outro, do qual o sujeito se mantém servo, é cadeia significante, conjunto de significantes a partir do qual se produz uma significação sintomática, e através do qual o significante se desloca como falta a ser (que liga o sujeito e sua vida à questão do seu “destino”). Trata-se de um tema muito denso, que não pretendemos encerrar com o nosso comentário, mas que merece ser minimamente explorado para se entender a construção do conceito de letra. As letras escritas nas formações inconscientes permitem que se leia a estrutura significante na qual o sujeito permanece amarrado. É nesse reconhecimento que se revela também algo da dimensão da verdade, da verdade que fala (mesmo que aqui se trate de escrita). O que se falaria (ou falharia) aí nessa verdade seria algo relacionado ao ser, que habita a linguagem, mas que nela se desvela num além:

Trata-se aqui desse ser que não aparece senão no brilho de um instante, no vazio do verbo ser, e eu disse que ele coloca sua questão para o sujeito. O que isso quer dizer? Ele não a coloca *na frente do* sujeito, posto que o sujeito não pode alcançar o lugar onde ele a coloca, mas ele a coloca *no lugar* do sujeito, ou seja, que nesse lugar ele coloca a questão *com* o sujeito, como se coloca um problema *com* uma pluma e como o homem Aristóteles pensava *com* sua alma.

<sup>30</sup>. (Ibid., tradução modificada, p. 517. Itálicos do autor.)

Um ser que colocaria sua questão – questão do desejo, questão do que é? – para o sujeito, no lugar do sujeito e com o sujeito (enquanto objeto dessa questão). Para o sujeito do sintoma, determinado pela cadeia significante; e com esses significantes. Entreve-se aí um lugar do singular para Lacan, articulado à dimensão da verdade, e ressonante talvez (se nos permitirem os jogos de palavra) num *sem lugar* (simlugar), ou num *largar* – como poética de um momento no qual tocar e ler esses significantes permite mudar as amarras do ser na história:

É que ao tocar o pouco que seja na relação do homem com o significante, aqui como conversão dos procedimentos de exegese,

---

<sup>30</sup> Il s'agit ici de cet être qui n'apparaît que l'éclair d'un instant dans le vide du verbe être, et j'ai dit qu'il pose sa question pour le sujet. Qu'est-ce à dire ? Il ne la pose pas *devant* le sujet puisque le sujet ne peut venir à la place où il la pose, mais il la pose *à la place* du sujet, c'est-à-dire qu'à cette place il pose la question *avec* le sujet, comme on pose un problème *avec* une plume et comme l'homme d'Aristote pensait *avec* son âme

muda-se o curso de sua história, modificando as amarras do seu ser<sup>31</sup>.  
(Ibid., tradução modificada, p. 524)

Para compor com a discussão, leiamos esse trecho do texto *Position de l'inconscient au congrès de Bonneval – reprise de 1960 em 1964* que nos permitirá avançar um pouco mais:

O registro do significante se institui disso que um significante representa um sujeito para um outro significante. É a estrutura, sonho, lapso e palavra espirituosa, de todas as formações do inconsciente. E é também a (estrutura) que explica a divisão originária do sujeito. O significante, ao se produzir no lugar do Outro ainda não “localizado” (*répéré*), aí faz surgir o sujeito do ser que ainda não tem fala, mas ao preço de fixá-lo. O que havia aí pronto para falar, – isso nos dois sentidos que o imperfeito do francês dá ao havia (*il y avait*), ao colocá-lo no instante anterior: ele estava aí e não está mais; mas também no instante posterior: um pouco mais ele estaria ao ter podido aí estar, – o que havia aí, desaparece por não ser mais que um significante.<sup>32</sup>.  
(LACAN, 1966/1999, tradução modificada, p. 321)

Essa passagem retoma a problemática do significante determinando um sujeito. O registro do significante se instituiria nessa determinação, tratando-se da estrutura geral das formações do inconsciente. E avança, colocando uma questão sobre o ser: ao se produzir no lugar do Outro ainda não “apreendido”, o significante faz surgir o sujeito do ser, que adquiria fala ao ser “fixado”, amarrado, na determinação significante. Como se, num tempo anterior, houvesse um ser sem fala, mas pronto para falar, e que ao entrar nos desfiladeiros do significante passa a não estar mais lá (“ele estava aí e não está mais”); e também num instante posterior: um pouco mais, um pouco depois, ele seria encontrado aí, mas desapareceu, por não ser mais, doravante, que um significante.

Como dirá Allouch (1984):

O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por este efeito, ele não é causa de si mesmo, ele carrega em si o verme da causa que

---

<sup>31</sup> C'est qu'à toucher si peu que ce soit à la relation de l'homme au signifiant, ici conversion des procédés de l'exégèse, on change le cours de son histoire en modifiant les amarres de son être

<sup>32</sup> Le registre du signifiant s'institue de ce qu'un signifiant représente un sujet pour un autre signifiant. C'est la structure, rêve, lapsus et mot d'esprit, de toutes les formations de l'inconscient. Et c'est aussi celle qui explique la division originnaire du sujet. Le signifiant se produisant au lieu de l'Autre non encore repéré, y fait surgir le sujet de l'être qui n'a pas encore la parole, mais c'est au prix de le figer. Ce qu'il y avait là de prêt à parler, - ceci aux deux sens que l'imparfait du français donne à il y avait, de le mettre dans l'instant d'avant : il était là et n'y est plus, mais aussi dans l'instant d'après : un peu plus il y était d'avoir pu y être, - ce qu'il y avait là, disparaît de n'être plus qu'un signifiant.

o fende. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e ele não saberia representar nada senão para um outro significante: ao que, a partir de então, se reduz o sujeito que escuta.<sup>33</sup>. (Ibid., tradução modificada, p. 315)

O significante causa o sujeito como efeito de linguagem. Logo o “ser” do sujeito não é causa de si, só surge na fala enquanto sujeito determinado pelo significante.

Como dirá Le Gaufey (1991):

(...) “sujeito” é a resposta que, pelo intermédio do verbo “ser”, vem fazer solda entre duas aparições fundamentalmente diferentes, solda que vem dizer: o “mesmo” sobre o fundo de diferenças. Assim, portanto, a identidade da letra em relação a ela mesma (...) não é apresentada por Lacan como um dado de base, mas como algo construído a partir de diferenças primeiras, em uma operação que se apresenta agora a nós como o lugar mesmo desse “sujeito” que Lacan busca aqui introduzir.<sup>34</sup>. (Tradução modificada, grifos do autor)

O autor está tomando como referência aqui o seminário IX, *L'identification* (LACAN, 1961-62). Trata-se de uma discussão relativa à identidade da letra consigo mesmo, como quando se diz que A é igual a A. Não adentraremos nessa discussão nesse ponto da nossa pesquisa. Ao tratar do seminário IX no próximo capítulo, teremos um momento mais propício para trabalhá-la. Por hora, essa passagem nos servirá para prosseguir com a discussão em relação ao sujeito: sujeito como resposta, solda entre duas aparições fundamentalmente diferentes. A letra, como estrutura localizada do significante, marcaria essas duas diferenças, cifraria esses dois momentos permitindo uma decifração da estrutura significante determinando o sujeito. Desta maneira, ela não seria um dado de base, seria algo construído, segundo a operação do inconsciente.

---

<sup>33</sup> L'effet de langage, c'est la cause introduite dans le sujet. Par cet effet il n'est pas cause de lui-même, il porte en lui le ver de la cause qui le refend. Car sa cause, c'est le signifiant sans lequel il n'y aurait aucun sujet dans le réel. Mais ce sujet, c'est ce que le signifiant représente, et il ne saurait rien représenter que pour un autre signifiant : à quoi dès lors se réduit le sujet qui écoute

<sup>34</sup> (...) « sujet » est la réponse qui, par l'entremise du verbe « être », vient faire la soudure entre deux apparitions foncièrement différentes, cette soudure qui vient dire : « le même » sur le fond de différences. Ainsi donc l'identité de la lettre à elle-même (...) n'est pas présentée par Lacan comme un donné de base, mais comme quelque chose de construit à partir de différences premières, dans une opération qui se présente maintenant à nous comme le lieu même de ce « sujet » que Lacan cherche ici à introduire.

Deixaremos o tema da associação ser e letra aqui. Para explorar toda a sua problemática necessitaríamos de outro trabalho. Porém, mesmo que não possamos esmiuçar em toda a sua complexidade esse tema, é necessário a ele se referenciar para minimamente localizarmos uma das questões contidas no conceito de letra. Agora, voltar-nos-emos às aparições de *lettre* nos seminários, e retomaremos algumas questões sobre o ser em momentos nos quais elas se fizerem presentes. Prossigamos com o mapeamento da sua gênese.

### ***Lettre* no seminário I**

A primeira aparição da palavra *lettre* nos seminários de Jacques Lacan se encontra na lição *XII* do seminário I (LACAN, 1953-1954/1975. P. 243). Trata-se de um momento no qual o psicanalista comenta o texto *Introdução ao Narcisismo*, discutindo a função de desconhecimento do eu. Primeiramente ele citará uma frase da Bíblia<sup>35</sup> para ilustrar essa questão (do desconhecimento) e acrescentará, na sequência, a maneira pela qual ele entende ler, interpretar, tal citação: ao pé da letra. Trata-se de um uso comum da palavra *lettre*, na expressão corrente *ao pé da letra*, não podendo ser tomado conceitualmente. Só nos é importante pelo fato de ser a primeira aparição do termo *lettre* nos seminários. Porém, além disso, evidencia uma postura de Lacan referente ao inconsciente que tem a ver com a literalidade do significante. *Ter olhos para nada ver*, como uma frase que revela a estrutura de desconhecimento do eu – do eu que se vê no espelho, e que, através disso, se cega.

Há somente cinco resultados para *lettre* no texto do seminário I. Assim como o primeiro resultado, outros dois, o quarto e o quinto<sup>36</sup>, são aparições da palavra que se aproximam do campo do que posteriormente será conceitualizado como *lettre*. O quinto resultado em particular merece um pequeno comentário. Localiza-se numa lição na qual *R.P. Beirnaert* comenta um texto de Santo Agostinho sobre a fala (*Parole*). *De locutionis significatione*, que ele traduz como *De la signification de la*

---

<sup>35</sup> “*Eles têm olhos para nada ver*”

<sup>36</sup> Trata-se da quarta aparição (LACAN, 1975/1953-1954, p. 356) e da quinta aparição (LACAN, 1975/1953-1954, p. 387).

*parole*. Santo Agostinho teria feito uma diferenciação entre fala e signo. Os signos só se apresentariam por outros signos e a fala não seria signo em si mesma, seria significada por signos, como as palavras, os gestos e as letras. Lacan analisa essa questão segundo uma vertente do significante, em paralelo à ideia de Saussure (1916/1967) da diferença entre significado e significante.

Foram esses os principais resultados para *lettre* de nossa pesquisa no seminário I. Não são numerosos e nos trazem somente um pequeno vislumbre da questão, que só nos parece oportuno se nos adiantarmos e nos referirmos ao texto *Instância da letra*. Porém, em diversas outras passagens do mesmo seminário, encontramos considerações de Lacan sobre a leitura do significante. Haveria, talvez, algum outro conceito que trouxesse consigo, na sua economia conceitual, algo sobre essa leitura. Ora, as formações do inconsciente trazem questões relativas à decifração. Em particular o sonho, enquanto via régia do inconsciente.

Assim, fizemos uma nova pesquisa agora com o termo *rêv* (engoblando *rêve* – sonho; *rêver* – sonhar; e *rêvé* – particípio passado do verbo *rêver*) e encontramos diversos resultados que contribuem particularmente para o nosso trabalho, como no seguinte trecho:

Mas os sonhos como tais. (...) Nós retornarmos ao pensamento, à concepção de FREUD ele mesmo, em suma, à ideia da leitura, a leitura qualificada, experimentada, do *criptograma* que representa o que o sujeito possui atualmente na sua consciência – *o que eu vou dizer: dele mesmo! – não, não somente dele mesmo, dele mesmo e de tudo; ou seja, o conjunto de seu sistema convenientemente traduzido, é disso que se trata.*<sup>37</sup>. (LACAN, 1953/1954, tradução modificada, p.9. Itálicos do autor)

Como em *Instância da letra*, o termo *criptograma* aparece ligado à leitura significante, fazendo parte da economia conceitual da letra. Além de ser representante do“(...) conjunto do seu sistema convenientemente traduzido (...)”, traz o que *atualmente* o sujeito pode dizer de si e desse sistema, de um modo que possa se

---

<sup>37</sup> Mais les rêves comme tels. (...) Nous en venons, dans la pensée, dans la conception de FREUD lui-même, en somme, à l'idée que la lecture, la lecture qualifiée, expérimentée, du *cryptogramme* que représente ce que le sujet possède actuellement dans sa conscience - *qu'est-ce que je vais dire* : de lui-même ! - non, pas seulement de lui-même, de lui-même et de tout, c'est-à-dire l'ensemble de son système convenablement *traduit*, c'est de cela qu'il s'agit

ouvir. Essa passagem é muito curiosa, pois além de se localizar nas primeiras páginas desse seminário, engloba diversas teses que parecem ter a ver com o futuro conceito. Algo de uma leitura e tradução e também, cabe dizer, algo que tem a ver com o *ser* do sujeito na atualidade de sua linguagem: “(...) *o que eu vou dizer*.” de mim mesmo!

Na nossa introdução, discutimos acerca de três termos trabalhados por Jean Alloch (1984): tradução, transcrição e transliteração. A tradução seria uma operação ligada ao imaginário e ao sentido, à transmissão de um sentido correto. O uso da palavra tradução nesse trecho carrega esse viés imaginário, enquanto o que o sujeito possui na sua consciência do conjunto do seu sistema convenientemente traduzido. Porém, no que tange à *leitura* do criptograma, traz também uma ideia que não se restringe a esse sentido imaginário: por conjunto do seu sistema, deve-se ouvir significantes. Lacan já está às voltas nesse momento com a questão do significante, e leitura e tradução aqui se ligam à estrutura significante que pode ser lida a partir do criptograma do sonho.

As ideias principais que se repetem no que tange à letra em *Instância da letra*, como já comentado, são: 1-) *escrita* e *leitura* do inconsciente (estruturado como uma linguagem, composto de significantes); 2-) *signo* através do qual se torna possível tal leitura da estrutura significante, cabendo aqui palavras como *letra*, *criptograma* e *hieróglifo*; 3-) e *ser*. Na passagem em questão, há algo sobre a leitura e também sobre o signo, enquanto criptograma. Não podemos com isso afirmar que já se trataria aqui do conceito de letra; porém, são ideias que participam do campo da letra, quando na sua conceitualização.

Prossigamos com mais um trecho. Cabe sublinhar o que aí é dito sobre a relação entre ser e estrutura simbólica:

Tudo isso está implicado já nessa *invocação simbólica*, que, literalmente, *faz surgir nas relações entre os seres humanos uma ordem de ser que é literalmente criada pelo surgimento do símbolo ele mesmo*. Vocês me dirão: “há de todo modo expressões irreduzíveis” e que além disso nós podemos tentar reduzir ao domínio factual essa *emissão criadora* da chamada simbólica, e que se poderia encontrar fórmulas mais simples, mais aproximadas, mais *orgânicas*, mais animais. Façam vocês mesmos a tentativa: vocês verão que vocês

nunca sairão do mundo do *símbolo*<sup>38</sup>. (LACAN, 1953-1954, tradução modificada, p. 244. Itálicos do autor)

A frase “(...) *invocação simbólica, que, literalmente, faz surgir nas relações entre os seres humanos uma ordem de ser que é literalmente criada pelo surgimento do símbolo ele mesmo*” nos parece fundamental. A ordem de ser aqui está colocada como essencialmente determinada pelo simbólico, como ordem de ser literal. Isso se aproxima do que atrás discutimos acerca do ser em *Instância da letra*, como amarrado ao significante. Porém, no texto de 1957 Lacan avança mais na discussão, e deriva dessa ordem de ser determinada pelo significante um além que aparece no *vazio do verbo ser* (LACAN, 1957/2001).

Talvez a palavra *lettre*, em sua ressonância entre *o ser* e *a letra* (*l'être* e *la lettre*), possa ter caído na mão de Lacan como uma luva quando ele formalizava o conceito, enquanto um termo oportuno para tratar da questão do ser através da determinação significante e de sua leitura. Os sons de *l'être* e *lettre* são iguais. Veremos no próximo tópico, sobre o seminário II, um aumento significativo das aparições da palavra *lettre* após a lição sobre o conto *A Carta roubada* (LACAN, 1955/2001), podendo ter sido o título desse conto o que despertou Lacan para esse jogo de palavras<sup>39</sup>.

Para finalizar nossa discussão a respeito do seminário I, faz-se importante comentar o termo *Tagesreste* de Freud retomado por Lacan. Ele o lerá de uma maneira muito próxima à letra, enquanto sem investimento de desejo, sem sentido, usado como alfabeto na escrita do sonho:

O que nos diz FREUD, quando ele nos fala na primeira definição de *Übertragung*? Para o que servem os *Tagesreste*? Eles são o material significante. Não é exatamente assim que ele se expressa. Ele diz que eles são desinvestidos do ponto de vista do desejo, que são para o sonho, e no estado de sonho, espécies de formas errantes que, para

---

<sup>38</sup> Tout cela est impliqué déjà dans *cette invocation symbolique, qui, littéralement, fait surgir dans les rapports entre les êtres humains un ordre d'être qui est littéralement créé par le surgissement du symbole lui-même*. Vous me direz : « *il y a tout de même des expressions irréductibles* » et qu'au-delà nous pouvons essayer de réduire au domaine factuel *cette émission créatrice de l'appel symbolique* dans cette occasion, et on pourrait en trouver des formules plus simples, plus rapprochées, plus *organiques*, plus animales. Faites-en vous-même l'essai : vous verrez que vous ne sortirez jamais du monde du *symbole*.

<sup>39</sup> Carta e letra em francês são, todas duas, *lettre*.

o sujeito, se tornaram sem importância; são por assim dizer esvaziadas de seus sentidos. É o que, com efeito, acontece toda vez que se trata do material significante. *O material significante, que ele seja fonemático, hieroglífico, ou outra coisa, são formas despossuídas de seus sentidos próprios, e como tais retomadas numa organização que é justamente aquela através da qual um novo sentido encontra lugar para se exprimir. É exatamente o que FREUD chama Übertragung. É na medida em que o desejo inconsciente, ou seja impossível de ser expresso, encontra um meio de se expressar através, se se pode dizer, do alfabeto, da fonemática dos restos do dia, eles mesmos desinvestidos de desejo.*<sup>40</sup>. (LACAN, 1953-1954, tradução modificada, p. 247. Itálicos do autor)

No texto *Instância da letra*, Lacan não comenta sobre esse termo. Mas fala de fonemas e estrutura diferencial do significante, localizando nesse ponto a letra (LACAN, 1957/2001). Ditas materiais significantes, são formas, como os signos, decaídas, despossuídas de sentidos próprios; e tomadas assim numa rede simbólica que se estrutura (como as associações do paciente ao contar um sonho) a partir da qual alguma coisa surge como uma linguagem, permitindo ler algo do inconsciente. Uma letra não significa nada por si só, refere-se a um conjunto de signos (como outras letras) a partir dos quais é possível que um sentido inconsciente se exprima. A frase “*O material significante, que ele seja fonemático, hieroglífico, ou outra coisa, são formas despossuídas de seus sentidos próprios, e como tais retomadas numa organização que é justamente aquela através da qual um novo sentido encontra lugar para se exprimir*” nos parece fundamental. Falar do material significante como *fonemático, hieroglífico, ou qualquer outra coisa* é tratá-lo de um modo que sirva para uma *escrita* do inconsciente; ao ser despossuído do sentido próprio, passa a fazer parte de um “alfabeto” através do qual algo do inconsciente se cifra e pode, desse modo, ser decifrado. O termo *Tagesrest*, nesse sentido, traz uma referência a Freud que ajuda a sustentar a tese de Lacan sobre o significante. Certamente, o seminário I

---

<sup>40</sup> Qu'est-ce que nous dit FREUD, quand il nous parle, dans la première définition de l'*Übertragung* ? À quoi servent les *Tagesreste* ? Ils sont le matériel signifiant. Ce n'est pas exactement comme cela qu'il s'exprime. Il dit qu'ils sont désinvestis du point de vue du désir, que ce sont pour le rêve, et dans l'état du rêve, des espèces de formes errantes qui, pour le sujet, sont devenues de moindre importance, se sont pour ainsi dire vidées de leur sens. C'est bien, en effet, ce qui se passe chaque fois que nous avons affaire à un matériel signifiant. *Le matériel signifiant*, qu'il soit *phonématique, hiéroglyphique*, ou autre chose, *ce sont des formes, qui sont déçues de leur sens propre*, et comme telles *reprises dans une organisation* qui est justement celle à travers laquelle un sens nouveau trouve à s'exprimer. C'est exactement cela que FREUD appelle *Übertragung*. C'est pour autant que le désir inconscient, c'est-à-dire impossible à exprimer, trouve le moyen de s'exprimer à travers, si on peut dire, *l'alphabet, la phonématique de ces restes du jour, eux-mêmes désinvestis du désir*.



é um grande representante do chamado *retorno a Freud*. Ao se apoiar em termos freudianos para falar de fonologia, alfabeto, estrutura, Lacan abre um campo de interpretação, e nos permite localizar outra referência contida no termo *lettre*.

### ***Lettre* no seminário II**

A pesquisa do termo nesse seminário revelou 214 resultados. Um número muito alto, se compararmos ao seminário 1 (5 resultados). Muito se deve a uma de suas lições, chamada *Seminário Sobre a Carta Roubada* (LACAN, 1955/2001), que foi posteriormente publicada e na qual Lacan analisa o conto *A Carta Roubada* de Poe a partir das noções de significante e estrutura. Além de ali a palavra *lettre* se repetir diversas vezes, esse termo passará a ser mais empregado nas lições posteriores. Parece-nos que as diversas questões sobre *o ser, tradução e leitura* do significante, etc., que já haviam aparecido no seminário anterior, encontram no termo *lettre* uma forma de síntese conceitual a partir dessa lição. Ora, se antes eram ideias que já estavam presentes na obra, é somente a partir de *O seminário sobre a Carta Roubada*, que aparecerão mais sistematicamente segundo a palavra *lettre*.

Aos temas já comentados do seminário I, relativos à economia conceitual da letra, acrescenta-se nesse novo seminário o *automatismo de repetição*. Esse conceito já havia sido usado por Lacan antes, mas é somente no seminário II que se mostrará associado ao campo da letra. Letra enquanto carta, a carta do conto de Poe que circula e determina lugares:

(...) nós aprendemos a conceber que o significante não se mantém senão num deslocamento comparável àquele de nossos letreiros luminosos ou das *memórias rotativas* das nossas “*máquinas de pensar como os homens*”, isso em razão do seu funcionamento alternante em seu princípio, que exige que ele deixe seu lugar, deixe o seu lugar para retornar circularmente.

(...)

Eis-nos, com efeito, novamente no cruzamento onde nós havíamos deixado nosso drama e sua ronda, com a questão sobre o modo pelo qual os sujeitos se substituíam. Nosso apólogo foi feito para mostrar que é a *carta* e seu desvio que rege suas entradas e seus papéis. Que ela esteja em suspenso (*em souffrance*), são eles que vão sofrer. Ao passar sob sua sombra, eles se tornam seu *reflexo*. Ao cair *em posse da carta* – admirável ambiguidade da linguagem – é seu sentido que

os *possui*.<sup>41</sup>. (LACAN, 1954-1955, p. 178, tradução modificada, Itálicos do autor)

Essa citação, sobre o funcionamento de retorno circular, se refere ao *automatismo de repetição*. Trata-se de um trecho que introduz uma questão sobre a determinação estrutural presente na repetição. Acompanhando o desenvolvimento do raciocínio, Lacan se volta à carta do conto de Poe. Ela evocará o significante, falando do seu deslocamento e repetição.

A carta se mostra, deste modo, uma ferramenta útil para se falar da repetição na cadeia significante, chamada *automatismo de repetição*. Num primeiro momento, é sobre essa associação (carta – automatismo de repetição) que Lacan avançará suas reflexões. Uma grande parte de *O seminário sobre a Carta roubada* (LACAN, 1955/2001) se foca nisso, a partir dos lugares que se deslocam através dos personagens, determinados pela posição da carta. Contudo, ao se avançar no texto do seminário II, Lacan começará a derivar um outro ponto a partir desse, ligado ao *Além do princípio do prazer*. Algo insiste na trama simbólica para além das motivações ditas conscientes do sujeito e isso tem a ver com a *instância da morte materializada pelo significante* (LACAN, 1954-1955. P.175). *Instância da morte* pode ser entendida como *pulsão de morte*, conceito crucial avançado por Freud em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 2014).

Nesse *além* Lacan encontra a estrutura determinando lugares discursivos. Ponto importante na lição sobre a *Carta roubada*. Porém, ele encontra também uma *insistência*, aqui ainda não chamada *insistência do sentido no significante*, mas ligada a esse campo assim<sup>42</sup> avançado em *Instância da letra*:

E, precisamente, justamente nesse ponto *além do princípio do prazer* no qual nós podemos nos perguntar: o que é apanhado nessa *trama*

---

<sup>41</sup> (...) nous avons appris à concevoir que le signifiant ne se maintient que dans un déplacement comparable à celui de nos bandes d'annonces lumineuses ou des *mémoires rotatives* de nos « *machines à penser comme les hommes* », ceci en raison de son fonctionnement alternant en son principe, lequel exige qu'il quitte sa place, quitte à y faire retour circulairement.

(...) Nous voici en effet derechef au carrefour où nous avons laissé notre drame et sa ronde avec la question de la façon dont les sujets s'y relaient. Notre apologue est fait pour montrer que c'est *la lettre* et son détour qui régit leurs entrées et leurs rôles. Qu'elle soit *en souffrance*, c'est eux qui vont en pâtir. À passer sous son *ombre*, ils deviennent son *reflet*. À tomber « *en possession* » de *la lettre* - admirable ambiguïté du langage - c'est son sens qui les *possède*.

<sup>42</sup> Ver o tópico anterior sobre *Instância da letra*.

*simbólica*, nessa frase fundamental que insiste além de tudo o que nós podemos apanhar de motivação do sujeito, o que é pego aí dentro?<sup>43</sup> ? (LACAN 1954-1955. P. 197, tradução modificada, itálicos do autor)

Conjuga-se numa mesma trama conceitual *automatismo de repetição*, *insistência*, *significante-lettre* e *pulsão de morte*. Trata-se de algo que fala de uma materialidade significativa que é *insistente* e *repetitiva*, no sentido em que o significante só se mantém em deslocamento. E tal insistência tem a ver com aquilo que não se mantém segundo o princípio do prazer, que vai além: a pulsão de morte.

Sabemos que em *Instância da letra* (LACAN, 1957/2001) Lacan partirá da insistência do sentido para falar do *ser*. Caberia então a questão se já no seminário II seria possível encontrar o *ser* associado à letra e a sua *insistência*. A ideia de *ser*, trabalhada até então por Lacan, se refere à *ordem de ser literalmente criada pelo símbolo* (LACAN, 1953-1954). Como comentado atrás, sobre o seminário I, sabemos que indiretamente essa questão se associa à construção do conceito de letra. Resta saber se no seminário II uma ideia de *ser* também é trabalhada pelo psicanalista.

Encontramos algumas passagens ligadas ao umbigo do sonho nas quais Lacan avança a questão do *ser*. Ele não falará aí exatamente de uma “insistência” do sentido, como em *Instância da letra*. Porém, trata-se do tema do *ser* relacionado às formações do inconsciente, como poderemos ver com a próxima citação:

Eu faço alusão por exemplo a isso que FREUD designa, que há sempre no sonho um ponto absolutamente inalcançável e – escreve ele – do domínio do desconhecido: ele chama isso de “*umbigo do sonho*”. Não se sublinha essas coisas no seu texto por se achar que se trata provavelmente de poesia. Mas não! Isso quer dizer que há *um ponto* em algum lugar *que*, ele, *não é acessível*, que de modo algum pode ser apanhado no fenômeno, que é o ponto de surgimento da relação ao *simbólico* que há nesse objeto particular que é nosso parceiro na análise. Sim! Nós temos aí a referência a esse ponto de FREUD que eu chamo *ser*, a última palavra que na posição científica não nos é de modo algum acessível. Mas o importante é que, nos fenômenos, vejamos a direção já aí indicada.<sup>44</sup> (LACAN 1954-1955. P. 90, tradução modificada, itálicos do autor)

---

<sup>43</sup> Et précisément justement de ce point de *l'au-delà du principe du plaisir* où nous pouvons nous demander : qu'est-ce qui est saisi dans cette *trame symbolique*, dans cette phrase fondamentale qui insiste au-delà de tout ce que nous pouvons saisir des motivations du sujet, qu'est-ce qui est pris là-dedans

<sup>44</sup> Je fais par exemple allusion à ceci que FREUD désigne, qu'il y a toujours dans un rêve un point absolument insaisissable et - écrit-il - du domaine de l'inconnu : il appelle cela « *l'ombilic du rêve* ». On

Ponto inacessível e no qual se localizaria o surgimento da relação ao simbólico, ligada ao processo transferencial e, em última análise, ligada ao *ser*. Ser assim chamado com muito cuidado, enquanto ponto inalcançável segundo uma posição científica. Encontramos esse trecho numa lição anterior à problemática da carta do conto de Poe. Contudo, esse ponto que não é acessível, e que é ao mesmo tempo umbigo da trama do sonho, parece muito com a forma pela qual Lacan trata a carta do conto. Ela é tida como o personagem principal do conto, sinônimo de sujeito inicial, radical (LACAN, 1954-1955). Não é possível saber, em nenhum momento da leitura, qual é o seu conteúdo. Sabemos de seus efeitos na estrutura do enredo, mas não exatamente o que é.

No decorrer de várias lições do seminário, o psicanalista fará uma análise bem aprofundada do sonho de injeção de Irma. Trata-se de um sonho cheio de detalhes, e, segundo a interpretação lacaniana, fundamental para o surgimento da psicanálise. Nosso propósito não é analisá-lo em toda a sua extensão, mas há um momento importante no seu enredo, cujo comentário de Lacan nos interessa para compreender a temática do ser. O sonho é de Freud, analisado por ele mesmo. Durante boa parte da trama, ele está presente enquanto um “eu”. De repente, desaparece, sobrando em cena uma fórmula química da trimetilamina.

Geralmente, tratar-se-ia de um momento de angústia, no qual o sonhador desperta. Mas pela insistência de Freud em querer saber sobre o inconsciente e seu endereçamento intelectual àqueles com quem queria dialogar, o sonho não acaba, e transmite a estrutura simbólica em questão:

Eu o tomei simplesmente enquanto discurso, e totalmente independente de seu sentido, posto que é de um discurso insensato que se trata: a entrada em jogo no *sonho de injeção de Irma* do discurso enquanto tal, no momento no qual o mundo do sonhador, sob o plano *figurativo*, está

---

ne souligne pas ces choses dans son texte parce qu'on trouve que c'est probablement de la poésie. Mais non ! Cela veut dire qu'il y a *un point* quelque part *qui*, lui, *n'est pas accessible*, n'a rien de saisissable dans le phénomène, qui est le point de surgissement de ce rapport au *symbolique* qu'il y a dans cet objet particulier qui est notre partenaire dans l'analyse. Oui ! Nous avons là la référence de ce point de FREUD que j'appelle l'*être*, ce dernier mot qui dans la position scientifique ne nous est absolument pas accessible. Mais l'important est que dans les phénomènes nous en voyions la direction déjà indiquée.

mergulhado no maior caos *imaginário*, ou seja: na *decomposição*, crescente e total; na *desaparição do sujeito* enquanto tal.

Bem, o que eu já lhes indiquei é que *há* no sonho, a saber o reconhecimento do caráter *fundamentalmente acéfalo* do sujeito, passando um certo limite: esse *ponto* que parece designado de um modo que quase parece ele mesmo uma espécie de jogo simbólico, que faz designar o *ponto N*, da fórmula da *trimetilamina* o lugar onde é necessário ver, conceber, designar, que se encontra nesse momento o “*Eu*” do sujeito. O que eu não fiz sem prudência, sem humor, nem sem hesitação, posto que tem quase um caráter de um *Witz*, de um chiste, ver no final das contas aí a última palavra do sonho, *ponto* onde se vê todas as cabeças dessa hidra num corpo que não tem mais, numa “*voz que não é mais a voz de ninguém*”, na aparição, no surgimento dessa fórmula da *trimetilamina*, como sendo a *última palavra* do que se trata, disso que é buscado, disso que é dado como a *palavra de tudo*. E, mesmo com tudo isso, essa palavra não quer dizer nada, senão que ela é uma palavra.<sup>45</sup>. (LACAN 1954-1955. P. 157, tradução modificada, itálicos do autor)

Nosso comentário, em diálogo com o propósito deste tópico, será aquele de analisar esse momento fundamental do sonho como trazendo o umbigo inalcançável, o *ser* do sujeito Freud, enquanto uma questão que se abre sobre o símbolo ele mesmo: a estrutura significante, que pode ser lida ao pé da letra no três que se repete na fórmula de trimetilamina e em outros momentos do sonho. É essa a interpretação de Lacan, a fórmula química escrevendo um sujeito “sem cabeça”, “sem eu”, literalmente determinado pelo que está escrito como símbolo. Trata-se de um ponto importante para entender mais uma referência contida no conceito de letra, mais bem trabalhada em *Instância da letra*, mas já em questão para Lacan no seminário II: o ser (*l'être*) que se confunde com o símbolo e seu endereçamento, como uma carta (*lettre*).

---

<sup>45</sup> Je l'ai pris simplement à l'état de discours, et tout à fait indépendamment de son sens, puisque c'est un discours insensé dont il s'agit : l'entrée en jeu dans *le rêve de l'injection d'Irma* du discours comme tel au moment où le monde du rêveur, sur le plan *figuratif*, est plongé dans le chaos *imaginaire* le plus grand, c'est-à-dire dans *la décomposition* croissante et totale, dans *la disparition du sujet* en tant que tel.

Eh bien, ce que je vous ai indiqué *qu'il y a* dans le rêve, à savoir la reconnaissance du caractère *fondamentalement acéphale* du sujet, passée une certaine limite : *ce point* qui paraît désigné d'une façon qui paraît presque elle-même une sorte de jeu symbolique, qui fait désigner au *point N*, de la formule de la *triméthylamine* l'*endroit* où il faut voir, concevoir, désigner, qu'est à ce moment le « *je* » du sujet, celui que je n'ai pas fait sans prudence, sans humour, ni sans hésitation, puisque cela a presque le caractère d'un *Witz*, d'un *mot d'esprit*, que de voir en fin de compte là le dernier mot du rêve, *au point* où l'on voit toutes les têtes de cette hydre dans un corps qui n'en a plus, dans « *une voix qui n'est plus la voix de personne* », dans l'apparition, le surgissement de cette formule de la *triméthylamine*, comme étant *le dernier mot* de ce dont il s'agit, de ce qui est cherché, de ce qui donne *le mot de tout*. Et après tout ce mot ne veut rien dire, si ce n'est qu'il est quand même un mot.

Esperamos ter podido avançar neste tópico um momento importante de construção do conceito de *lettre*, que é o seminário II. Vimos como diversas ideias presentes já no primeiro seminário ali retornam condensadas na análise feita por Lacan da *Carta roubada*, somadas também ao automatismo de repetição. Parece-nos que ele “furtou” a carta do título do conto para dar nome ao seu conceito. Em *Instance de la lettre* não se trata mais exatamente de uma “carta”, mas da letra enquanto símbolo alfabético para tratar do significante. Contudo, a ideia de um endereçamento, de alguém que leria a carta, também está presente na vertente letra: como nas formações do inconsciente, através das quais, endereçadas a alguém, o sujeito lê algo que está em questão consigo.

### ***Lettre* no seminário 3**

Nesse seminário há poucas aparições do termo *lettre*. Entretanto, o tom dos seus usos é conceitual, não exatamente enquanto um conceito formalizado e acabado, mas enquanto um termo que recupera as várias ideias que o psicanalista já havia desenvolvido nos seminários anteriores.

Cabe dizer também que, sendo o assunto do seminário a psicose, muitas passagens, onde aparece o termo *lettre*, têm a ver com esse tema. Como, por exemplo, o seguinte trecho. Lacan comenta o fenômeno da frase interrompida na psicose, evidenciando um resto que não está *dans la lettre* da frase:

O fenômeno, por exemplo, da frase interrompida é muito frequente – eu diria: quase sempre – num período da sua vida, surge constantemente nessa subjetividade como algo que é dado como tal, como frase interrompida, ou seja, para deixar uma suspensão de sentido, o qual é dado ao mesmo tempo, mas o que é auditividade é uma frase cortada no meio, o resto que não está de modo algum na *lettre* da frase está implicado enquanto significação, enquanto queda da frase.<sup>46</sup> (LACAN 1955-1956. P. 82, tradução modificada.)

---

<sup>46</sup> Le phénomène par exemple de la phrase interrompue est très souvent - je dirais : presque toujours – dans une période de sa vie, constamment surgi dans cette subjectivité comme de quelque chose qui est bel et bien donné comme tel, comme phrase interrompue, c'est-à-dire pour laisser une suspension de sens, lequel est donné en même temps, mais ce qui est auditivité, c'est une phrase coupée dans le milieu, le reste qui n'est nullement dans la lettre de la phrase est impliqué en tant que signification, et comme chute de la phrase.

*Lettre* aqui seria melhor traduzida por *letra* ou por *carta*? Trata-se de uma pergunta importante de ser feita. Pois, poderíamos tanto ler como algo que não está na *letra da frase*, no escrito da frase, quanto que não está *na carta da frase*, no seu texto. Talvez o importante seja essa ambiguidade: o que está (e ali não está) escrito com letras, e cuja mensagem endereçada ao Outro não se configura exatamente enquanto uma suposição, mas enquanto um saber: o Outro sabe, sem que eu diga, do que trata.

Outro ponto caro, relativo à letra nesse seminário, é a posição com a qual Lacan diz ser importante considerar o discurso do psicótico. Além de ser necessário se fazer de *secretário*, é importante tomar o que ele nos conta ao *pé da letra* (LACAN, 1955-1956. P.165). Em diversos momentos, Lacan dá exemplos sobre essa tomada *ao pé da letra* do discurso psicótico. Já nas primeiras páginas, pode-se encontrar esse comentário sobre o trabalho de interpretação de Freud do texto de *Schreber*:

FREUD pega, portanto, esse livro das *Memórias de um doente dos nervos* e faz uma decifração champolionesca, uma decifração ao modo como se decifra *hieróglifos* (...) há da parte de FREUD uma verdadeira sacada de gênio que não se deve ao que se pode chamar “*penetração intuitiva*”, mas é uma sacada de gênio literalmente do linguista, que vê aparecer num texto várias vezes o mesmo signo e o pressupõe parte da ideia que este deve querer dizer algo; por exemplo, a vogal mais frequente “e” na língua da qual se trata, visto o que nós sabemos vagamente, e que *a partir desse traço de genialidade* chega a recolocar em pé quase o uso de todos os signos em questão nessa língua.<sup>47</sup> (LACAN 1955-1956. P. 9, tradução modificada, itálicos do autor)

Em suma, as ideias sobre a letra nesse seminário giram em torno da psicose e da maneira como tratá-la. Esse exemplo sobre uma decifração da questão a partir de letras que se repetem no texto ilustra a posição de tomar o discurso psicótico *ao pé da letra*. Não nos parece que Lacan tenha avançado na construção do conceito

---

<sup>47</sup> FREUD prend donc ce livre des *Mémoires d'un malade nerveux* et il donne un déchiffrement champolionnesque, un déchiffrement à la façon dont on déchiffre *des hiéroglyphes* (...) il y a de la part de FREUD un véritable coup de génie qui ne peut rien devoir à ce qu'on peut appeler « *pénétration intuitive* », c'est le coup de génie littéralement du linguiste [Champollion] qui dans le texte voit apparaître plusieurs fois le même signe, et présuppose, part de l'idée que ceci doit vouloir dire quelque chose, par exemple la voyelle la plus fréquente « e » dans la langue dont il s'agit, vu ce que nous savons vaguement, et qui *à partir de ce trait de génie* arrive à remettre debout à peu près l'usage de tous les signes en question dans cette langue.

para além do que ele já havia dito no seminário II. Suas aparições aqui se voltam à clínica psicótica, com sua importância se dando aí. Prosseguiremos agora com o seminário IV, durante o qual Lacan escreve e publica o texto *L'instance de la lettre dans l'inconscient*.

### **Lettre no seminário IV e conclusão**

O texto *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud* (LACAN, 1957/2001) foi produzido entre os dias 12 e 26 de maio de 1957, na mesma época do seminário IV (LACAN, 1956-1957). Porém, diferentemente do que acontece com o outro texto, *Le séminaire sur la lettre volée* (LACAN, 1955/2001), não se vê um grande uso do termo *lettre* no decorrer do seminário. Encontramos somente 36 aparições, incluindo notas de rodapé.

Entretanto, dois meses antes de escrever *Instância da letra*, no dia 20 de março de 1957 Lacan abre sua lição comentando o artigo (já então publicado) *Le séminaire sur la lettre volée*. Não deixa de ser curioso o retorno a esse texto antes da escrita de um outro sobre a letra.

Primeiramente, o tom dessa retomada se dá no uso da combinatória para analisar os desvios e trajeto da carta roubada. A partir disso, ele tentará demonstrar como na escolha de qualquer símbolo sempre haverá uma ambiguidade dada de partida, que o símbolo sempre implicará o seu contrário (LACAN, 1956-1957). Tudo isso para a partir do símbolo se direcionar à letra, para da carta retirar a letra:

Em outros termos, desde que haja *grafia*, o menor surgimento da *grafia* faz surgir ao mesmo tempo a *ortografia*, ou seja, o *controle* possível de um erro. É por isso que foi construído esse exemplo, para lhes mostrar que desde o mais simples surgimento, o mais elementar, do *significante*, a lei surge totalmente, e independentemente de qualquer elemento *real*. Isso não quer dizer que de um modo qualquer o *acaso* seja comandado; é que a *lei vem com o significante*, anteriormente e independentemente de qualquer experiência.<sup>48</sup>. (Ibid., p. 120, tradução modificada, itálicos do autor)

---

<sup>48</sup> En d'autres termes, dès qu'il y a *graphie*, le moindre surgissement de la *graphie* fait surgir en même temps l'*orthographe*, c'est-à-dire le *contrôle* possible d'une faute. C'est pour cela qu'est construit cet exemple, pour vous montrer que dès le surgissement le plus simple, le plus élémentaire du *signifiant*, la loi surgit tout à fait - bien entendu - indépendamment de tout élément *réel*. Cela ne veut pas dire que d'une façon quelconque le *hasard* soit commandé, c'est que la *loi sort avec le signifiant*, antérieurement indépendante précisément de toute expérience.



Ao falar sobre a *carta roubada* do conto, Lacan tratou da lei significante, do modo como a carta circula e determina lugares. Algo próximo desse comentário sobre a grafia e a ortografia: a lei estrutural que pode ser apreendida a partir dos movimentos da carta revela uma lei significante independente do real, ou seja: os movimentos da carta não são obra de puro acaso. No trecho em questão, a grafia se refere não exatamente à carta, mas às letras que ele usou no decorrer dessa lição do dia 20 de março de 1957 para trabalhar a teoria combinatória; esta, por sua vez, permitindo tratar da circulação da carta no conto. Ou seja, a *lettre* – carta obedece a uma mesma lei significante revelada pela combinação de letras, ao tratar da combinatória.

Cabe sublinhar como através disso o psicanalista deriva do termo *lettre* a questão da letra do alfabeto. Sabemos como em francês *lettre* tem o sentido tanto de carta, quanto de letra. Desde o *Seminário sobre a carta roubada* (1955/2001), a atenção se voltava à carta, como desdobramento do raciocínio propiciado por esse seminário sobre o conto. Tal raciocínio refere-se às reflexões acerca da lei significante, da estrutura simbólica independente de qualquer elemento real. Isso não implica afirmar que até então na obra Lacan não tivesse, de modo algum, pensado na problemática gráfica da letra. Desde o primeiro seminário, há usos de termos como *criptograma*, *hieróglifo*, que se associam ao que em *Instância da letra* será conceitualizado como letra do inconsciente. O que nos parece ter acontecido nessa lição do dia 20 de março de 1957 é a retomada da carta do conto a fim de dela derivar um raciocínio sobre a letra do alfabeto, visando a escrita desse novo texto no qual diversas reflexões do psicanalista se concentram em torno da instância da letra no inconsciente.

Cabe sublinhar um outro ponto nessa passagem: o que garante que seja derivada da carta do conto a letra é a teoria combinatória, um certo uso da teoria matemática. Como justificativa desse uso matemático, o psicanalista se servirá de *Frege*, para quem o número 3 não pode ser deduzido de nenhuma experiência, o que demonstraria a originalidade do símbolo, da fala (LACAN, 1956-1957. P. 120). Trata-se de um argumento sobre o registro simbólico, o significante e sua estrutura tomados para além de qualquer experiência, trazendo consigo a questão da verdade.

Entretanto, a letra não se restringiria aos símbolos matemáticos. Outras formas de simbolização trariam consigo a letra, como grafia desse três do registro simbólico em relação ao real e ao imaginário. Ainda no mesmo corrente de retorno ao artigo *Séminaire sur la lettre volée*, Lacan comentará o caso do pequeno Hans e a questão simbólica que ali se faz ver. Tomará alguns dos seus desenhos e sonhos para analisar o significante, e novamente usará o termo *lettre*. Como no caso do desenho de uma girafa por ele feito, a partir de um sonho. O psicanalista aí associará grafia a rabisco, a desenho e também a mensagem, como numa carta:

Mas agora nós entramos no grande jogo do significante, o mesmo que aquele sobre o qual eu fiz um seminário sobre *A Carta roubada*. Esse *duplo da mãe* é algo que é de uma ordem reduzida a esse suporte sempre necessário para a veiculação do significante como tal, a saber algo que se pode rabiscar, que se pode segurar também, e sobre o qual se pode se sentar. É *um testemunho tão apaixonado, que até há uma espécie de “mensagem comercial”, de recado*.<sup>49</sup> (LACAN 1956-1957. P. 135, tradução modificada, itálicos do autor)

O suporte necessário em questão é o falo. Trata-se de um traço embaixo da girafa, e desligado do corpo dela, que o pequeno Hans nomeia como *faz pipi*. É como traço de algo para além do corpo da girafa, como terceiro elemento para além dele e de sua mãe, que esse *faz pipi* é importante. Uma grafia que leva à questão simbólica, que evidencia a estrutura significante para além da experiência concreta e imaginária dele com sua mãe. O curioso da retomado do termo *lettre* aqui é por se tratar do sentido de uma carta: um pequeno “recado” que Hans endereçaria a sua mãe, um testemunho apaixonado, mas mediado por esse pequeno traço. O texto *Instância da letra* seria escrito em breve, e trabalhar sobre o *traço* e a *mensagem*<sup>50</sup>, no que tange aos dois sentidos de *lettre*, pode ter servido na elaboração do conceito, por ele trazer consigo tanto o sentido de uma mensagem enigmática do inconsciente, quanto a escrita mesma, o traço que permite uma leitura.

---

<sup>49</sup> Mais maintenant nous entrons dans le grand jeu du signifiant, le même que celui sur lequel je vous ai fait un séminaire sur *La lettre volée*. Ce *double de la mère* est quelque chose qui est de l'ordre réduit à ce support toujours nécessaire pour la véhiculation du signifiant comme tel, à savoir quelque chose qu'on peut chiffonner, qu'on peut tenir aussi, et sur lequel on peut s'asseoir. C'est *un témoignage si amoureux, qu'il a quand même quelque chose qui est une espèce de traite, de libelle*.

<sup>50</sup> Veremos posteriormente nesse trabalho, no capítulo sobre o seminário IX e uma primeira mudança conceitual da letra, como o *traço unário* terá um peso importante na elaboração da questão da leitura e da escrita da letra.

Além de se tratar dos dois sentidos do termo *lettre*, o conceito implica em si mesmo essa diferenciação. Desde suas primeiras aparições, o *signo* que encarna uma *leitura* do significante traz consigo seu traçado e sua mensagem, no sentido que se endereça a alguém que o leria. Mesmo os hieróglifos de uma língua perdida, que se desconheça totalmente a cultura da qual se originaram, trazem consigo a possibilidade de serem transliterados numa linguagem que os desvela (ALLOUCH, 1984). Pois a letra não tem sentido nenhum em si mesma, é um sistema que pode configurar novas leituras de sua estrutura.

Pouco tempo depois dessas lições que retomam o *Seminário Sobre a Carta roubada*, em 15 de maio letra já é tomada claramente como significante: “(...) como se é cego ao que se está sob os olhos, e que se chama o significante, a letra.<sup>51</sup>” (LACAN, 1956-1957, p. 166, tradução modificada). O texto *Instância da letra* estava sendo escrito durante esses dias, e ter podido associar claramente *lettre* à significante talvez se deva ao trabalho de formalização do conceito que ele se propunha então. É uma passagem na qual o psicanalista comenta novamente o caso do pequeno Hans, quanto à construção do seu fantasma. Na lição, a letra vem como essa possibilidade de leitura do contexto fantasmático, através do qual alguma coisa se diz sobre o desejo.

Para finalizar agora a retomada dos seminários, comentaremos um último trecho, que se encontra ao final do seminário IV, e muito posterior à escrita do artigo *Instância da letra*. Trata-se de uma passagem na qual ele se reportará ao artigo, ainda não publicado, mas já escrito, comentando a formalização feita a partir do uso de letras:

Eu formalizei pequenas letras e eu tentei lhes mostrar em qual sentido a gente poderia se esforçar para se habituar a *escrever as relações* de modo a gerar pontos de orientação fixos, com os quais não se pudesse voltar atrás na discussão, que não se pudesse evitar depois de tê-los colocado, ao se aproveitar do que pode habitualmente haver como flexível demais nesse jogo entre o *imaginário* e o *simbólico*, tão importante para a nossa compreensão da experiência. O que eu lhes teria, portanto, esboçado é um *começo* dessa formalização. Eu sei bem que eu não deixei claro os motivos para todos os termos, quero dizer desse modo que uma certa indeterminação pode lhes parecer subsistir no modo de ligar os termos entre si. Não se pode tudo explicar de uma só vez. O que eu quero lhes dizer é que no artigo que vai aparecer no terceiro *número de “La Psychanalyse”*, vocês talvez aí vejam de um modo mais próximo e mais certo a justificação da ordem

---

<sup>51</sup> (...) *combien on est aveugle à ce qu'on a sous les yeux, et qui s'appelle le signifiant, la lettre*

dessas fórmulas, a saber respectivamente fórmulas da *metáfora* e da *metonímia*.<sup>52</sup>. (LACAN 1956-1957. P. 212, tradução modificada, itálicos do autor)

O conceito de letra não se reduz ao uso de letras na formalização. O que nos interessa aqui nessa passagem é a referência ao artigo, que apareceria no terceiro volume de *A Psicanálise, L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud* (LACAN, 1957/2001). Lacan o associa a um esforço de formalização e escrita, e comenta sobre a metáfora e a metonímia. Pudemos ver, no começo do presente trabalho, a importância dessas duas figuras de linguagem, no que tange à estrutura significante e ao sentido<sup>53</sup>.

Finalizaremos agora nossa discussão acerca desses quatro primeiros seminários. Logo no primeiro, pudemos encontrar algumas ideias que se fizeram importantes na construção do conceito, a saber: 1-) *leitura* do inconsciente (estruturado como uma linguagem, composto de significantes); 2-) *signo*<sup>54</sup> através do qual se torna possível tal leitura, cabendo aqui palavras como *letra*, *criptograma* e *hieróglifo*; 3-) *sentido* e *ser*. De início, não apareciam diretamente ligadas, mas já fazendo parte de um campo de discussão relativo ao inconsciente estruturado como uma linguagem, composto de significantes e podendo ser decifrado. Esse campo (de discussão) é muito similar às discussões propostas no texto *L'instance de la lettre dans l'inconscient, ou la raison depuis Freud* a partir do termo *lettre* (LACAN, 1957/2001). Nesse sentido, podemos dizer que a noção de letra já existia antes de *Instância da letra*, não exatamente como conceito claro, com uma economia

---

<sup>52</sup> J'ai formalisé des petites lettres, et j'ai essayé de vous poser dans quel sens on pourrait faire un effort pour s'habituer à *écrire les rapports* de façon à se donner des points de repère fixes, et sur lesquels on ne puisse pas revenir dans la discussion, qu'on ne puisse pas éluder après les avoir posés, en profitant de tout ce qu'il peut y avoir de *trop souple* habituellement dans ce jeu entre *l'imaginaire* et *le symbolique*, si important pour notre *compréhension de l'expérience*. Ce que je vous aurai donc amorcé, c'est un *commencement* de cette formalisation. Je sais bien que je n'en ai pas absolument motivé tous les termes, je veux dire par là qu'une certaine indétermination peut vous paraître subsister dans la façon de lier ces termes entre eux. On ne peut pas tout expliquer à la fois. Ce que je veux vous dire, c'est que dans l'article qui va paraître dans le 3<sup>ème</sup> *numéro* de « *La Psychanalyse* », vous y verrez peut-être d'une façon plus proche et plus serrée, la justification de l'ordre de ces formules à savoir respectivement des formules de *la métaphore* et de *la métonymie*.

<sup>53</sup> Veremos no próximo capítulo, porém, que ao tratar do traço unário no seminário IX Lacan buscará algo para além dessas figuras de linguagem, que ajude a pensar no sujeito e seu desejo.

<sup>54</sup> Signo aqui enquanto símbolo, não segundo a formulação de que o signo é algo que representa alguma coisa para alguém.

conceitual determinada; mas como uma noção que engloba essas diversas ideias, e que, a partir do texto de 1957, se encarnam no termo letra.

Cabe acrescentar, todavia, uma outra ideia que, a partir do *Séminaire sur la lettre volée*, vemos associada a esse campo, a saber: o automatismo de repetição. No texto *Instância da letra*, Lacan avançará nesse sentido e, do automatismo da cadeia simbólica, tratará da pulsão de morte, de um além do simbólico que teria a ver com o Ser e com o sentido que insiste no significante, mas que o significante não constitui (*ibid*). Essa problemática do sentido que insiste no significante e que, entretanto, não tem constituição é fundamental. Pois, a partir desse sentido, surgem os chamados efeitos metafóricos e metonímicos, que trazem consigo questões sobre o ser do sujeito (o ser que coloca sua questão para o sujeito) e sobre o desejo. No próximo capítulo retornaremos a essa discussão, pois ela será retomada por Lacan no seminário IX, a partir do traço unário e da função de nomeação.

Esperamos ter podido transmitir os deslocamentos e transformações dessas ideias, através dos seminários, que parecem compor o que no texto de 1957 é chamado de *Instância da letra*. Na introdução desse trabalho, fizemos duas perguntas em relação à escrita e a leitura da letra, quais sejam: estaria a escrita desvinculada da leitura nos primeiros seminários de Lacan? O momento de formalização do conceito de letra é o momento no qual essas duas coisas se vinculam? No início do capítulo, ao tratar o texto de 1957, pudemos encontrar uma discussão que parece confirmar que a leitura que a *estrutura localizada do significante* permite tem a ver com uma operação de escrita<sup>55</sup>. Cabe agora responder à primeira dessas questões: leitura e escrita estariam desvinculada nos primeiros seminários? Acreditamos que não. As passagens dos primeiros seminários onde se trata de leitura do significante tem que ver com as formações do inconsciente. Para efeito de exemplo, cabe retomar o trecho do seminário I onde Lacan fala do termo *Tagesreste* de Freud: “*O material significante, que ele seja fonemático, hieroglífico, ou outra coisa, são formas despossuídas de seus sentidos próprios, e como tais retomadas numa organização que é justamente aquela através da qual um novo sentido encontra lugar para se exprimir*” (LACAN, 1953-1954. P 247). Se o material significante são formas

---

<sup>55</sup> Ver o tópico Letra (*lettre*) e o ser (*l'être*) do presente capítulo.

desposuídas de seus sentidos próprios e que podem ser retomadas numa organização nova (como *Tagesreste*) para que um outro sentido encontre um lugar para se exprimir, trata-se de um tipo de escrita. Trata-se do que se pode escrever com esse material para que um sentido inconsciente possa ser lido. Deste modo, não é somente no momento de formalização do conceito em 1957 que *leitura* e *escrita* são associadas numa mesma operação – nomeada por Allouch de *transliteração* (1984); já no seminário I já é possível encontrar essa associação.

Cabe retomarmos uma outra discussão levantada na introdução: de a letra poder ser tomada como uma espécie de noção ambígua na obra. Que em 1957 tenha sido escrito um texto, cuja questão central é a *Instância da letra*, não implica que essa noção não existisse antes, embora sem ser nomeada como letra. A nomeação de letra do inconsciente parece fornecer o estatuto de conceito à noção, englobando o que antes havia aparecido como discussão e que parece configurar uma certa economia conceitual: trata-se do que chamamos de ideias que se repetem: *leitura* do significante, *signo* através do qual essa leitura é realizada, sentido vinculado por essa leitura e que tem a ver com o *ser*. Isso permite falar de um tipo de “economia conceitual”, na medida em que são ideias que se repetem num mesmo campo. Mas é como se a noção de letra já existisse antes de sua nomeação enquanto tal.

Avancemos agora para o seminário IX com intuito de trabalhar o *traço unário*. A partir disso, retomemos nossa discussão dos seminários e vejamos possíveis mudanças e referências no que tange à letra a partir do seminário V.

## Capítulo II: A letra e o apagamento

Prosseguindo nossa pesquisa, faremos agora uma apresentação do conceito de letra no seminário IX, particularmente nas lições de 6 de dezembro, 13 de dezembro, 20 de dezembro e 10 de janeiro de 1960-61. A partir da relação entre traço e letra, signo e significante, esperamos demonstrar uma diferença no entendimento do conceito em relação ao texto *Instância da letra* de 1957. Ao demonstrar e elaborar essa diferença, partiremos, num segundo momento do capítulo, para a pesquisa bibliográfica do conceito nos seminários V, VI, VII e VIII com intuito de analisar os movimentos da letra até o seminário IX.

### Letra e traço unário no seminário IX

Em 20 de dezembro de 1961, Lacan retoma a carta (*lettre*) de *Le Séminaire sur la lettre volée* (LACAN, 1955/2001), a partir de sua estrutura ficcional: “*Fábula, sem dúvida, mas que trazia a mais profunda verdade na sua estrutura de ficção*”<sup>56</sup> (LACAN, 1961-62, tradução modificada). E acrescenta um comentário sobre a formalização do conceito em *L’Instance de la lettre* (LACAN, 1957/2001), visando tratar da novidade trazida nesse seminário, ao explorar o traço unário:

Quando eu falei da Instância da letra no inconsciente alguns anos depois, eu coloquei nela – com a metáfora e a metonímia – um acento muito mais preciso. Nós chegamos agora, nisso por onde iniciamos com a função do traço unário, a algo que vai nos permitir ir muito mais longe.

Digo que só pode haver definição do nome próprio na medida em que nós percebamos a relação da emissão nomante com algo que, na sua natureza radical, é da ordem da letra.<sup>57</sup> (LACAN, 20 de dezembro de 1961, tradução modificada.)

---

<sup>56</sup> *Fable, sans doute, mais qui ne faisait que rejoindre la plus profonde vérité dans sa structure de fiction.*

<sup>57</sup> Quand j’ai parlé de L’instance de la lettre dans l’inconscient quelques années plus tard, j’y ai mis – à travers métaphore et métonymie – un accent beaucoup plus précis. Nous arrivons maintenant, avec ce départ que nous avons pris dans la fonction du trait unaire, à quelque chose qui va nous permettre d’aller plus loin. Je pose qu’il ne peut y avoir de définition du nom propre que dans la mesure où nous apercevons du rapport de l’émission nommante avec quelque chose qui, dans sa nature radicale, est de l’ordre de la lettre.

O que o traço unário permitiria avançar no conceito de letra? Eis a questão geral que nos servirá de guia neste capítulo. Exploraremos, através dessas quatro lições do seminário *L'identification*, os desdobramentos percorridos pelo *traço*, naquilo em que ele permite ler, e posteriormente escrever, sobre a letra. Nossa discussão sobre *leitura* e *escrita* da letra (SILVA, 2017) encontrará formulações importantes nesse estudo, principalmente no que tange à diferença entre *signo* e *significante*. Do apagamento da coisa e de sua leitura, eis que na história humana surgirá uma marca a partir da qual algo poderá ser escrito como significante. Deixaremos por ora esses pontos em aberto. Voltaremos a isso no andar do texto. Por ora, será importante trabalhar o traço unário.

### **Traço unário, automatismo de repetição e identificação**

O campo do inconsciente seria, nesse momento para Jacques Lacan, o campo do traço unário, naquilo em que o traço unário traz como suporte da diferença. Como ele dirá (LACAN, 6 de dezembro de 1961), traço a partir do qual cada ente consegue se dizer um. Trata-se de um ponto que à primeira vista pode soar muito obscuro, mas que de forma geral tem a ver com o que se pode chamar de singular na psicanálise. Ora, na escuta clínica há alguma coisa que exige uma lógica que leve ao traço singular do sintoma do sujeito. Nas suas inibições, na sua angústia, algo do seu sintoma fala (LACAN, 1962-63/2004) e que tem relação com a sua verdade enquanto sujeito (LACAN, 1956/2001). Lacan tentará, no seminário IX, explorar esse campo pela via da serialidade significante, naquilo em que na série significante se fala sobre o sujeito: alienado, mas ao mesmo tempo separado do Outro.

É no deslocar significante, como ordem não natural e simbólica, que encontramos o traço da diferença unária. O sujeito como aquilo que aparece entre dois significantes (LACAN, 1957/2001) é o “guia” desse processo, não no sentido de dominá-lo a partir de uma existência a priori, mas ao ser determinado pela cadeia mesma do significante, como aquilo que um significante representa para um outro significante. Ou seja, podemos saber sobre isso ao direcionar a questão para o sujeito.



Não que ele saiba a priori do que se trata, mas ao falar sobre suas inibições e sintoma alguma coisa disso que ele não sabe poderá aparecer. Nesse sentido, “diferença unária” tem a ver com o não saber do sujeito.

A diferença introduzida no traço unário é também uma diferença *concebível*. Eis aqui um ponto importante, que merecerá uma breve discussão. Trata-se do que, grosso modo, se poderia definir como “abstração”: não é no traço, em si mesmo, que se encontra a diferença, mas no seu alhures, poderíamos dizer. Na pré-história humana, riscos encontrados desenhados pelos homens pareciam *contar* algo, sem ainda o uso de letras e muitas vezes sem mesmo o recurso figurativo do desenho. Um pequeno tracinho era marcado, depois outro, e mais outro, assim sucessivamente. Não era pela diferença na forma dos traços entre si que se poderia dizer alguma coisa, como no traçado de desenhos; mas na repetição dos traços, dos riscos. Uma série de riscos poderia querer dizer: “Um dia matei um animal”, “outro dia matei outro animal”, etc. Esses traços no tempo permitiriam uma diferença no tempo. Não ainda um hoje, um ontem e um amanhã: mas simplesmente escansões, que retiravam o homem de seu presente eterno (LACAN, 6 de dezembro de 1961).

Com a série de traços, não se tratava de uma imagem do homem com uma lança na caça, mas da abstração de traços que por si mesmos não diriam nada, não fosse a escansão criada em relação aos outros, um *alhures* do traço, que introduzisse uma Outra cena (a cena da caça, por exemplo). Pensar a diferença por essa via retira a questão de certa “atomização” do traço, como se este agisse enquanto unidade atômica da linguagem (Ibid.). Trata-se de uma diferença que se concebe na série de traços, indefinível, mas restrita, particular entre cada traço. E é essa série iniciada pela diferença que tem a ver com o significante.

Diferença e repetição, eis que encontramos um conceito, já comentado por nós em um artigo (SILVA, 2017) e no primeiro capítulo do presente trabalho, ligado à economia conceitual da letra. Trata-se do automatismo de repetição, que introduz uma questão sobre o ser a partir do além da pulsão de morte em *L’Instance de la lettre* e que no seminário IX é apresentado identificado à série unária. Se a diferença é concebível na repetição, talvez não seja à toa um além do princípio do prazer que apresenta algo a mais que uma simples homeostase no que tange ao funcionamento

psíquico (FREUD, 2014). O unário do traço é concebido na repetição, e não na simples descarga de prazer, que eliminaria as diferenças.

Lacan (13 de dezembro de 1961) retomará o termo *pensamento* em Freud, na base do inconsciente, que mantém uma forte relação com o que é *concebido*. Como os *pensamentos inconscientes*, trata-se de uma organização simbólica “abstrata”, baseada numa combinatória significante, cuja relação com a coisa é apagada. Retornaremos a isso mais a frente quando formos tratar do que Lacan nomeia como *effaçons* nesse seminário.

Para terminarmos esse tópico sobre a série e o traço, cabe um pequeno comentário sobre identificação e traço unário. Lacan recorrerá à segunda forma de identificação proposta por Freud (FREUD, 2011). Trata-se da identificação tida como regressiva, reduzida a um traço do objeto amado perdido. Ela traz à tona, não simplesmente uma correspondência biunívoca entre uma coisa e outra, mas uma separação, fundada na perda e deslocamento. Como no jogo do Fort-da do neto de Freud, onde a aparição e desaparecimento do carretel é identificada à aparição e desaparecimento da mãe, segundo a perda do objeto que permite ao sujeito se encadear num jogo repetitivo, para além do que se esperaria segundo o princípio do prazer (LACAN, 6 de dezembro de 1961).

### **Do apagamento da coisa à repetição significante**

Lacan (Ibid.), visando falar da letra, discutirá sobre o ideograma. Tratá-lo-á como algo que tem relação com a imagem, mas que se torna ideograma na medida em que perde, que apaga a cada vez mais, seu caráter de imagem. Vai se tornando *traço*, e nada mais da origem, da *coisa* a qual se referia, é reconhecível. Nesse apagamento da coisa, Lacan usará o termo *effaçons*, que se refere aos diversos modos (*façons*) que a coisa assumirá então, ao ser apagada, e ao próprio apagar (*effacer*). A relação com a coisa é apagada<sup>58</sup> e ficam os traços que são da ordem do traço unário e da marca.

---

<sup>58</sup> A crença “primitiva” de que a manipulação da imagem afetaria necessariamente a coisa a qual ela se refere talvez indique, paradoxalmente, como nessa imagem há já uma ordem simbólica que se diferencia da coisa. Tal crença é encontrada em tribos ditas “primitivas” e utilizada como uma das explicações do surgimento das primeiras imagens nas cavernas (GOMBRICH, 2013). O homem, ao

Assim, um signo que representava a cabeça de boi irá, com o passar do tempo, se tornar traços que não manterão mais relação com o boi, podendo, num segundo momento, se tornar uma letra (LACAN, 10 de janeiro de 1962). Encontramos esse tipo de apagamento da coisa no que falamos sobre os riscos que marcam uma escansão temporal de acontecimentos. Nos proprios riscos não ha nada que se refira a coisa, e no seu alem que algo diferente dos riscos se concebe. Assim, o funcionamento dos traços por simples escanses temporais e diferente daquele de um símbolo representando a cabeça de um boi, com funcionamento figurativo. De um lado, temos algo do traço unário que funciona como o *significante*; de outro, algo do *signo*, onde uma coisa e representada para alguém – mesmo que aí haja também um tipo de apagamento.

Um significante se distingue de um signo primeiramente nisso que eu tentei lhes fazer sentir: que os significantes não manifestam primeiramente senão a presença da diferença enquanto tal, nada alem disso. A primeira coisa, portanto, que ele implica e: que a relação do signo a coisa seja apagada<sup>59</sup> (LACAN, 6 de dezembro de 1961, tradução modificada)

Um significante não representa uma coisa para alguém. Um som diferencial numa língua não pode ser tomado como uma coisa que e endereçada a uma pessoa. Um significante representa um sujeito para outro significante (LACAN, 1957/2001). Um símbolo que representa uma cabeça de boi já e diferente da própria cabeça de boi. Entretanto, pela imagem e formato mantém ainda uma relação com essa “coisa”, e são encontraremos um funcionamento puramente diferencial, próprio ao significante, quando essa relação for completamente apagada.

No primeiro capítulo, usamos em diversos momentos o termo “signo” para falar sobre a economia conceitual da letra. Trata-se de uma palavra usada por Lacan, que não tem a mesma conotação do que no seminário IX ele está discutindo enquanto

---

manipular a imagem do animal, ganharia “poderes” sobre ele. Por mais que assim se possa supor uma proximidade entre a coisa e sua imagem, segundo a causalidade dessa relação, parece-nos que poderia indicar justamente o contrário: que já não se trata mais da coisa aí, e sim do seu traço. Um traço feito do seu apagamento, que a retoma enquanto significante organizando uma vida simbólica humana.

<sup>59</sup> Un signifiant se distingue d’un signe d’abord en ceci, qui est ce que j’ai essayé de vous faire sentir, c’est que les signifiants ne manifestent d’abord que la présence de la différence comme telle et rien d’autre. La premire chose donc qu’il implique, c’est : que le rapport du signe à la chose soit effacé.

signo. Como já pudemos dizer atrás, era um uso que se associava ao signo como cifra, como, por exemplo, ao falar do signo letra (da letra do alfabeto), do criptograma, do hieróglifo. No seminário IX em questão, o signo tem a ver com aquilo que estaria fora da cadeia significante, da “coisa” que poderia ser representada para alguém, ainda não totalmente apagada pelo traço unário, funcionando como significação. Como na neurose obsessiva, quando o sujeito se encontra à espreita de signos, tentando verificar no Outro se, finalmente, poderia “encontrar” o objeto perdido (TEIXEIRA, 2010).

Caberá explorar o processo de apagamento da coisa, a partir do qual restam-se os traços. Se a relação entre signo e coisa é apagada, qual é a relação entre o traço que resta e a coisa, inversamente? Leiamos a próxima citação:

O que há de mais destruído, de mais apagado que um objeto? Se é do objeto que o traço surge, é algo do objeto que o traço retém: justamente sua unicidade. O apagamento, a destruição absoluta: de todas suas outras emergências, de todos seus outros prolongamentos, de todos os seus outros apêndices, de tudo o que pode haver de ramificado, de palpitante<sup>60</sup>. (LACAN, 10 de janeiro de 1962, tradução modificada)

Por mais que se trate de algo que já fora apagado no traço, restaria o seu caráter unário, que teria sido “herdado” da coisa que fora apagada. Uma pegada no deserto é única naquilo em que apresenta da coisa perdida: do corpo que partiu. Mas esse *rastro* na areia permite somente a *leitura* do que foi perdido. Ainda não há uma *escrita* possível, porque o *pas* desse passo não se tornou um não (*pas*)<sup>61</sup>.

Eis que nesse ponto vemos se abrir uma nova questão: que relação poderia existir entre a leitura de um rastro e a escrita? Lacan trabalhará nesse sentido tentando encontrar uma relação entre a *escrita* da fala, dos sons, e a *leitura* dos signos. Veremos mais à frente como essas reflexões virão contribuir com a ideia de uma

---

<sup>60</sup> Qu'est-ce qu'il y a de plus détruit, de plus effacé qu'un objet ? Si c'est de l'objet que le trait surgit, c'est quelque chose de l'objet que le trait retient : justement son unicité. L'effacement, la destruction absolue : de toutes ses autres émergences, de tous ses autres prolongements, de tous ses autres appendices, de tout ce qu'il peut y avoir de ramifié, de palpitant.

<sup>61</sup> Em francês, *pas* significa *passo* e *não*. Lacan se servirá dessa homofonia para criar um jogo com essas letras, indicando a relação entre a leitura de um traço e sua escrita. (LACAN, 6 de dezembro de 1961)

cifração e decifração presentes na letra. Por ora, leiamos a próxima citação que nos ajudará a melhor entender o desenvolvimento dessa questão para o psicanalista:

É um dos rastros por onde nós podemos ver que isso do que se trata, concernindo uma das raízes da estrutura na qual se constitui a linguagem, é esse algo que se chama primeiramente “leitura dos signos”, na medida em que eles já aparecem antes de qualquer uso de escrita (...) de um modo que parece antecipar, se a coisa deve ser admitida, de mais ou menos um milênio o uso dos mesmos signos nos alfabetos que são os mais comuns, que são os ancestrais do nosso alfabeto, alfabetos latino, etrusco, etc., os quais se encontram, pela mais extraordinária imitação da história, sob uma forma idêntica nas marcas em recipientes pré-dinásticos do antigo Egito. São os mesmos signos, mesmo que esteja fora de questão que eles tenham podido, de algum modo, ter sido empregados a usos alfabéticos, a escritura alfabética estando nesse momento longe de ter nascido<sup>62</sup>. (LACAN, 10 de janeiro de 1962, tradução modificada)

A leitura de signos seria, dessa forma, anterior à escrita. Como no comentado sobre um símbolo representar uma cabeça de boi, ao vê-lo teríamos uma leitura de que se trataria desse animal. Com o tempo, esse signo passaria a ser associado a um som que, através dos equívocos próprios ao desenvolvimento de uma língua (LACAN, 1972/2005), se associaria a outros signos sem relação alguma com o boi, fazendo com o que o próprio signo da cabeça de boi não tivesse mais nenhuma relação com o animal (LACAN, 10 de janeiro de 1962). Eis um pouco do percurso da letra Álef, seus desdobramentos até chegar no nosso A latino (FÉVRIER, 1959).

Nos encontramos aqui diante de uma hipótese lacaniana sobre o nascimento da escrita, que merecerá ser comentada antes de prosseguirmos. Supor uma gênese, um nascimento, é algo bastante inabitual na obra do psicanalista. Porém, para além de uma questão histórica, ela responde a uma problemática psicanalítica relativa à diferença do significante e do signo, no que tange à coisa. Para Allouch (1984), no apagamento da coisa e na leitura então produzida, haveria latente algo da escrita – a escrita como função latente na linguagem: “*Não há diferença fundamental entre a*

---

<sup>62</sup> C'est une des traces par où nous pouvons voir que ce dont il s'agit, concernant une des racines de la structure où se constitue le langage, est ce quelque chose qui s'appelle d'abord « lecture des signes », pour autant que déjà ils apparaissent avant tout usage d'écriture (...) d'une façon qui semble anticiper, si la chose doit être admise, d'environ un millénaire l'usage des mêmes signes dans les alphabets qui sont les alphabets les plus courants, qui sont les ancêtres du nôtre, alphabets latin, étrusque, etc., lesquels se trouvent, par la plus extraordinaire imitation de l'histoire, sous une forme identique dans des marques sur des poteries prédynastiques de l'antique Égypte. Ce sont les mêmes signes, encore qu'il soit hors de cause qu'ils n'aient pu à ce moment, d'aucune façon, être employés à des usages alfabétiques, l'écriture alfabétique étant à ce moment loin d'être née.

*operação da escrita na medida em que ela faz manifesta a latência da escrita na linguagem e a operação de descoberta dessa operação*<sup>63</sup>. (Ibid., p.158, tradução modificada). Ou seja, se podemos supor uma leitura anterior à escrita, haveria já algo de uma latência da escrita no próprio traço unário:

É, portanto, enquanto o sujeito – a propósito de algo que é *marca*, que é *signo* – já lê antes que se trate de signos da escrita, que ele percebe que signos podem trazer, ocasionalmente, pedaços diversamente *reduzidos, divididos* de sua modulação falante e que, invertendo sua função, pode ser admitido ser considerado, em seguida, como tal o “suporte fonético” como se diz<sup>64</sup>. (LACAN, 10 de janeiro de 1962, tradução modificada)

Esse trecho resume a transformação do signo em letra, segundo suas diversas *effaçons*. Do apagamento da coisa, surge o traço e a leitura. Ou seja, podemos dizer que o traço unário tem a ver com um nada colocado no lugar da coisa, uma anulação e surgimento de uma marca do real. Porém, um só apagamento não basta para que se constitua um sistema simbólico segundo a estrutura da linguagem. Será necessário um segundo momento, onde os símbolos surgidos desse apagamento passam a ser usados para conotar os sons da fala. Para Lacan, nessas lições, a letra apareceria justamente aí, onde o traço lido é usado para escrever o significante, como os fonemas.

No mesmo corrente do comentário de Allouch, sobre a latência da escrita, Lacan dirá que é como se a escrita (os primeiros signos) aguardasse para ser fonetizada, e que é só na medida em que é fonetizada que passará, paradoxalmente, a funcionar como escrita (Ibid.). Ora, ao se associar signos escritos aos sons, segundo a equivocidade própria aos acontecimentos dessa associação, a letra passará a não ter mais nenhuma relação com a coisa (álef não representará mais, mesmo na sua forma, uma cabeça de boi), não haverá mais nenhum rastro da coisa, e somente as marcas diferenciais próprias ao significante.

---

<sup>63</sup> *Il n'y a pas de différence fondamentale entre l'opération de l'écriture en tant qu'elle rend manifeste la latence de l'écriture au langage et l'opération de découverte de cette opération.*

<sup>64</sup> C'est donc en tant que le sujet – à propos de quelque chose qui est *marque*, qui est *signe* – lit déjà avant qu'il s'agisse des signes de l'écriture, qu'il s'aperçoit que des signes peuvent porter à l'occasion des morceaux diversement *réduit, découpés* de sa modulation parlante et que, renversant sa fonction, il peut être admis à en être ensuite comme tel le « support phonétique » comme on dit.

Deste modo, é na letra que se encontra a essência do significante a partir do que ele se distingue do signo. Pois é ela que apagará a relação de algo que é representado para alguém, fazendo surgir não mais uma questão sobre a “pessoa” para quem algo fosse representado, mas sobre o sujeito. Depois de discorrer sobre a serialidade significativa, o traço unário e o apagamento, uma questão sobre o sujeito dessa operação é colocada por Lacan. Para respondê-la, ele primeiro retomará seu texto *L’instance de la lettre*, se perguntando se o efeito de sujeito seria metonímico ou metafórico (LACAN, 20 de dezembro de 1961). Ora, como vimos no capítulo anterior ao trabalhar o texto *Instância da letra* e o *seminário IV*, a formalização do conceito de letra se deve muito a tais conceitos linguísticos, juntamente com a noção de combinatória matemática. Porém, não satisfeito, ele se perguntará se não haveria algo de articulável antes mesmo desses *efeitos* metafóricos e metonímicos. Como se ele encontrasse um limite nesses conceitos provindos da linguística para tratar do sujeito.

Antes de adentrarmos nesse ponto, relativo ao sujeito que é representado de um significante para um outro significante, cabe mais um comentário de Jean Allouch sobre essa hipótese lacaniana acerca do nascimento da escrita. Voltaremos a isso no próximo tópico, dedicado a esse tema. Pensar que, a posteriori, a escrita recuperaria os signos surgidos do apagamento da coisa enquanto leitura, para dessa forma escrever o significante como letra, é, para Allouch (1984), um tipo de “abuso” que trata de um indecível:

Que o colocar em relação consista em uma “leitura do signo” quer dizer que existe uma leitura anterior à escrita, que um certo “ler” precede o escrito. Essa leitura é, portanto, distinta daquela aqui isolada em Lacan e destacada como uma “leitura com o escrito”. A leitura do signo é, não somente anterior, mas prévia ao escrito, ela é um tempo constituinte. (...)

Assim a conjectura de Lacan chama a atenção à primariedade, em relação à escrita, de uma certa leitura que força o indecível. Esse indecível é a condição de possibilidade do dito abuso mencionado; ele dá igualmente razão ao fato que a pretensa escrita pictográfica supõe – não faltou quem notasse – que o leitor saiba a priori o que ele o que há a ser lido (para poder ler) o que ela escreveria<sup>65</sup>. (Ibid., p. 163, tradução modificada)

---

<sup>65</sup> Que la mise en rapport consiste en une « lecture du signe » veut dire qu’il existe une lecture d’avant l’écriture, qu’un certain « lire » précède l’écrit. Cette lecture est donc distincte de celle ici isolée chez Lacan et épinglée comme une « lecture avec de l’écrit ». La lecture du signe est non seulement antérieure mais préalable à l’écrit, elle en est un temps constituant. (...)

Tal leitura ali isolada, como leitura com o escrito, é o que já podemos discutir na nossa introdução como transliteração. Portanto, a primeira leitura do signo, antes do surgimento da escrita, não é exatamente transliteração. Embora possamos supor que haja uma latência da escrita em tal leitura, se a escrita “nasce” num certo momento da história humana, ao recuperar os signos surgidos do apagamento da coisa e organizá-los num sistema que não se referenciará mais à coisa, estamos diante de uma espécie de “abuso” feito por Lacan. Tal abuso se dá a partir de algo que não se pode decidir, de uma espécie de “paradoxo” que gera “dois tipos de existência” à escrita. Ora, pensar no apagamento da coisa e no surgimento, nessa operação, do traço unário supõe uma latência da escrita. Os signos do que fora apagado (a cabeça de boi desenhada nas cavernas, ou os riscos nos ossos que pareciam participar de uma forma de contagem) permitiriam uma leitura da coisa, mas, ao mesmo tempo, se organizam num tipo de “escrita” – ou, pelo menos, num tipo de traçado. Escrita essa, entretanto, diferente da escrita segundo um sistema de letras usado para marcar a fala. Podemos dizer que essa “primeira” escrita é o próprio apagamento, que cria, de um certo modo, “a coisa” como coisa apagada.

No seu seminário intitulado “De um Outro ao outro”, durante a sessão do dia 14 de maio de 1969, Lacan diz: *“Um ser que pode ler seu rastro, isso basta para que ele possa se reinscrever alhures que aí de onde ele o carrega”*. Essa reinscrição “alhures” corresponde exatamente ao que em 1962, ao apresentar sua “descoberta” sobre a origem da escrita, ele nomeava “leitura do signo”; o texto de 1969 se prolonga assim: *“Essa reinscrição, eis aí o laço que o faz, desde então, dependente de um Outro cuja estrutura não depende dele”*. Esse prolongamento corresponde, portanto, ao segundo tempo da colocação do escrito. Aqui aparece a aridez desse fechamento: vemo-lo, com efeito, consistir na instauração de um laço de dependência sem interdependência, de um laço desse ser a um Outro, ou ainda de uma relação do Sujeito ao significante tal que ao mesmo tempo a culpabilidade que habita o Sujeito aí se revela sem objeto (posto que não se pensa culpado senão daquilo sobre o que se imagina ter influência: há orgulho na culpa) e, portanto, aí se dissolve, mas não sem que essa dependência não recíproca, sem contrapartida, não

---

Ainsi la conjecture de Lacan en appelle-t-elle à la primarité, au regard de l'écriture, d'une certaine lecture qui force un indécidable. Cet indécidable est la condition de possibilité de l'abus mentionné ; il donne également sa raison au fait que la prétendue écriture pictographique suppose – on n'a pas manqué de le noter – que le lecteur sache d'avance ce qu'il y a à lire (pour pouvoir lire) ce qu'elle écrirait.



apareça ao Sujeito por aquilo que ela é, a saber persecutória<sup>66</sup>.  
(ALLOUCH, 1984, p. 165, tradução modificada)

Ao poder ler seu rastro, o sujeito estaria dependente de um Outro cuja estrutura não depende dele. Ou seja: trata-se de uma ordem simbólica, o traço unário como uma ordem “abstrata” para além do sujeito. Isso em relação ao primeiro tempo dessa operação, em relação ao que foi discutido como leitura do signo a partir do primeiro apagamento. Prosseguindo:

Esse segundo tempo é aquele da “inversão dessa relação” instaurada pela leitura do signo: a conjectura admite que lá onde um elemento de linguagem viera fixar um signo, ao nomeá-lo com o nome do objeto, trata-se agora desse signo tomado como escrevendo esse elemento de linguagem que o lia<sup>67</sup>. (Ibid., P. 165, tradução modificada)

Nesse tempo, trata-se do momento no qual os signos lidos passam a ser usados para conotar o significante. Desse modo, o signo que se referia antes à “coisa” passará a se referir ao significante. Como no trajeto atrás comentado da letra Álef. Enfim, nessa inversão (do signo lido à escrita) há uma mudança de posição:

(...) estaremos certos de que o signo vale como escrita do significante no nome quando nos encontrarmos no caso no qual o nome se relaciona não ao objeto que correspondia primeiramente ao signo (no tempo 1 da leitura do signo) mas a um outro objeto, cujo nome é homofônico (às vezes, somente em uma de suas partes) do nome com o qual esse signo foi lido. Nota-se, de imediato, que nesse caso, que é exatamente aquele do rébus de transferência, o signo tomou o nome por objeto, o tratou, esse nome, como um significante na sua materialidade, ou seja, na sua literalidade (...). Com o rébus de transferência *o escrito dá ao significante seu status de significante*,

---

<sup>66</sup> Dans son séminaire intitulé « D'un Autre à l'autre », lors de la séance du 14 mai 1969, Lacan disait ceci : « *Un être qui peut lire sa trace, cela suffit à ce qu'il puisse se réinscrire ailleurs que là d'où il l'a portée.* » Cette réinscription « ailleurs » correspond exactement à ce qu'en 1962, en présentant sa « découverte » sur l'origine de l'écriture, il nommait « lecture du signe » ; le texte de 1969 se prolonge ainsi : « *Cette réinscription, c'est là le lien qui le fait, dès lors, dépendant d'un Autre dont la structure ne dépend pas de lui* » Ce prolongement correspond donc au deuxième temps de la mise en place de l'écrit. Ici apparaît l'aridité de ce bouclage : on le voit en effet consister en l'instauration d'un lien de dépendance sans interdépendance, d'un lien de cet être à un Autre ou encore d'un rapport du Sujet au signifiant tel qu'en même temps la culpabilité qui habite le Sujet s'y révèle sans objet (puisqu'on ne se pense coupable que de ce sur quoi on imagine avoir prise : il y a de l'orgueil dans la culpabilité) et donc s'y dissout mais pas sans que cette dépendance non réciproque, sans contrepartie, n'apparaisse au Sujet pour ce qu'elle est, à savoir persécutive.

<sup>67</sup> Ce second temps est celui du « renversement de ce rapport » instauré par la lecture du signe : la conjecture admet que là où un élément langagier était venu accrocher un signe en le nommant du nom de l'objet, c'est maintenant ce signe qui est pris comme écrivant cet élément du langage qui le lisait.

*produzindo, com o mesmo movimento, o objeto como objeto metonímico*<sup>68</sup>. (Ibid., p. 166, tradução modificada)

Eis que finalmente aqui, na leitura, se trata de transliteração. É o momento no qual o signo lido não se reporta mais à “coisa”; passa a tomar por objeto o nome. É nesse momento que a leitura fará parte de uma operação de cifração-decifração: lê-se o que se escreve como significante, lê-se um objeto sem consistência, que se desloca através dos significantes como objeto metonímico.

### **Lugar do sujeito**

A letra cria o que o traço já apontava do significante. Encontramos aqui a escrita de uma ordem que *ex-siste* ao real a partir da qual nos questionamos sobre o sujeito. O traço unário seria isso de articulável existindo antes dos efeitos metafóricos e metonímicos. Nesse sentido, haveria algo do sujeito já no traço, algo ligado à repetição do um.

Da série unária que se inicia do apagamento da coisa, entramos no campo da repetição. Tratar-se-á de traços qualitativamente iguais que conotam a diferença a partir da repetição. Não será de um eterno retorno sobre a figura, sobre a “coisa” que estará em questão; mas da repetição de significantes, a partir do que a diferença é concebida:

(...) eu pontuei qual era a sua função, aquela que assegura à repetição justamente isso: que por essa “função” – somente por ela – essa repetição escapa à identidade de seu eterno retorno sobre a figura: do caçador riscando o número – de quê? – de traços por onde ele alcança a sua presa, ou do divino Marques que nos mostra que, mesmo no pico do seu desejo, seus “golpes”, ele tem o cuidado de contá-los, e que eis aí uma dimensão essencial enquanto ela nunca abandona a necessidade que ela implica, em quase nenhuma de nossas funções<sup>69</sup>. (LACAN, 13 de dezembro de 1961, tradução modificada)

---

<sup>68</sup> (...) on sera certain que le signe vaut comme écriture du signifiant du nom quand on se trouvera dans le cas où le nom se rapporte non pas à l'objet qui correspondait d'abord au signe (au temps 1 de la lecture du signe) mais à un autre objet dont le nom est homophone (parfois pour une part seulement) du nom avec lequel ce signe était lu. On remarque tout de suite que dans ce cas, qui est exactement celui du rébus à transfert, le signe a pris le nom pour objet, l'a traité, ce nom, comme un signifiant dans sa matérialité c'est-à-dire dans sa littéralité (...). Avec le rébus à transfert *l'écrit donne au signifiant son statut de signifiant en produisant du même mouvement l'objet comme objet métonymique*.

<sup>69</sup> (...) j'ai pointé quelle était sa fonction, celle qui assure à la répétition justement ceci : que par cette « fonction » - seulement par elle – cette répétition échappe à l'identité de son éternel retour sur la figure : du chasseur cochant le nombre – de quoi ? – de traits par où il atteint sa proie, ou du divin Marquis

Para além do acontecimento, o caçador e o marquês de Sade prestariam atenção em algo que podemos chamar de “abstrato”: uma ordenação fora da experiência. Traços que se repetem e que podem ser contados. Essa ordem teria a ver com a estrutura da linguagem e com o sujeito que é apanhado aí nessa rede, e cuja existência, enquanto sujeito do inconsciente, é inseparável da estrutura da linguagem.

Retomemos aqui o que já comentamos sobre o *fort-da* e o além do princípio do prazer. Dois sons se articulam diante da ausência da mãe: *fort* e *da*. Enquanto sons, fazem parte de uma língua, cuja estrutura existe para além da relação direta da criança com a mãe que partiu. A criança ali está sujeita não só à ausência da mãe, mas a essa estrutura de linguagem que organiza o acontecimento “abstratamente”. Nesse sentido, seu lugar de sujeito se dá segundo essa determinação, atualizada a cada vez que ela repete esses sons jogando e puxando o carretel (LACAN, 6 de dezembro de 1961).

Como se houvesse um buraco, um “buraco de nada”, separando a “coisa” da experiência simbólica humana. De certo modo, a estrutura de linguagem que sustenta essa experiência simbólica cria a coisa, enquanto aquilo que fora perdido, apagado. Daí o termo “apagamento” (*effaçons*) usado por Lacan, que sustenta o campo simbólico como tal, fundado no negativo da naturalidade: pois sempre se tratará de “pensamentos”, de algo que se pode “conceber”, e que remete à fantasia.

Ora, sabemos como esse buraco de “nada” é importante no que tange à formação do desejo (LACAN, 1958-1959/2013) e à separação do Outro (LACAN, 1964/1973). Não é à toa que Lacan o trabalhará ao falar do traço unário e da repetição. Todavia, esse buraco que aponta para a existência de um sujeito por si só não singulariza esse mesmo sujeito. É certo que o localize como algo existindo entre dois significantes, separado do “eu” da pessoa em questão. Mas, sozinho, esse lugar vazio não singulariza. Caberia então a questão: como Lacan trabalhará o lugar do singular no seminário IX? Que conceito o ajudará a compor esse raciocínio sobre o um e o

---

qui nous montre que même au sommet de son désir, ces « coups », il prend bien soin de les compter, et que c'est là une dimension essentielle en tant que jamais elle n'abandonne la nécessité qu'elle implique, dans presque aucune de nos fonctions.

unário, enquanto rede simbólica e enquanto lugar de um sujeito? A resposta será a função de nomeação.

### **Nomeação**

Primeiramente, ele traçará um paralelo entre a função de nomeação e a função da escrita. O traço que se escreve do apagamento da coisa nomeia esta “coisa” segundo algo que ex-siste a ela, por se referir ao traço unário. Além disso, as letras têm um nome, cada qual muitas vezes não significando nada, tendo sido tomadas de empréstimo de outras línguas.

Eu gostaria, de modo introdutório, lhes sugerir isso, é que se nós devemos considerar que o inconsciente é o lugar do sujeito onde isso fala, nós iremos agora aproximar esse ponto onde nós podemos dizer que algo, à revelia do sujeito, é profundamente remodelado pelos efeitos de retroação do significante implicado na fala. É na medida em que – e pela menor de suas falas – o sujeito fala, que ele não pode senão, sempre uma vez mais, se nomear sem o saber, e sem saber com qual nome<sup>70</sup>. (LACAN, 10 de janeiro de 1962, tradução modificada).

A nomeação se faria à revelia do sujeito, no ato mesmo de enunciação. Pois ela se referiria à ordem inaugurada com o traço unário, ordem não natural de existência. A característica especial de um nome não seria exatamente sua ligação ao som, mas sua ligação ao traço, à forma escrita que não depende da fala. Ou seja, algo da ordem diferencial que aparece com o apagamento da coisa.

Como falamos atrás, o traço unário permitiria ler algo do real: o Um da coisa apagada, sua singularidade em relação às outras. Quando na história humana surge a escrita – que transforma esse traço em letra, referente a uma fonética – algo muda. Surge um sistema de linguagem, a escrita da fala.

---

<sup>70</sup> Je voudrais, de façon introductive, vous suggérer ceci, c'est que si nous devons considérer que l'inconscient c'est le lieu du sujet où ça parle, nous en venons maintenant à approcher ce point où nous pouvons dire que quelque chose, à l'insu du sujet, est profondément remanié par les effets de rétroaction du signifiant impliqué dans la parole. C'est pour autant – et pour la moindre de ses paroles – que le sujet parle, qu'il ne peut faire que de toujours une fois de plus se nommer sans le savoir, et sans savoir de quel nom.

Entretanto, Lacan insistirá que, ao falar, o sujeito resgataria isso que tem a ver com o *real* do traço, que, com o advento da escrita, passou a ficar restrito ao nome próprio. O importante na nomeação não seria exatamente o “som” do nome – embora ele também o discuta comentando um texto de M. Gardiner –; e sim seu escrito, sua forma escrita, quase como um “ideograma”.

Referir a nomeação ao real, e não ao simbólico, é dar um lugar ao sujeito quase que “fora” da estrutura significante. Fora da própria fala, algo da escrita que aparece ao falar, na enunciação. O um unário teria a ver com a singularidade que o traço “herda” da coisa. E ao mesmo tempo, trata-se da cadeia significante, das voltas do significante em torno disso que seria real.

Uma das maneiras possíveis de entender esses desenvolvimentos de Jacques Lacan, seria aproximar isso que é real na nomeação ao buraco traumático em torno do que os significantes girariam, naquilo em que aparece como Um, real e traumático (SILVA JUNIOR & GASPARD, 2015). Nesse sentido, o automatismo de repetição, por mais que se ligue à série simbólica, trará também algo do real, melhor trabalhado por Lacan no seminário XI (LACAN, 1964/1973), através do conceito de *tuché*. Ora, o que não se encerra facilmente numa neurose tem a ver com aquilo que na repetição leva ao além da pulsão de morte, ao *troumatique* que não cessa de não se escrever. Essa é uma das maneiras de circunscrever esses desenvolvimentos de Lacan. Porém, caberá comentar algumas outras passagens de Jean Allouch nas quais o autor, através de uma discussão sobre o escrito, fará avançar ainda mais essa problemática.

Para o autor (ALLOUCH, 1984), o importante no nome próprio seria a sua “cor”, naquilo em que traz do escrito, fazendo parte de uma operação de transliteração: *“Assim, somente a cor do significante parece suscetível de fazer valer isso do que se trata quando se trata do nome próprio como tal. O nome próprio não se define nem pela denotação (transcrição), nem pelo sentido (tradução)”*<sup>71</sup>. (Ibid., p. 225, tradução modificada)

---

<sup>71</sup> *Ainsi seule la couleur signifiante apparaît-elle susceptible de faire valoir ce dont il s'agit quand il s'agit du nom propre comme tel. Le nom propre ne se définit ni par la dénotation (transcription) ni par le sens (traduction).*

E prossegue:

Quando o nome próprio é tomado como nome próprio, ele é isso que se constata ter que respeitar sua cor. Mas esse respeito não é nada mais que o fato de tomar o significante como objeto, nada mais, conseqüentemente, que esse modo pelo qual Lacan atualiza a constituição do escrito. Essa “*effaçons*” não é, portanto, específica ao nome próprio, mas o nome próprio a exemplifica: nesse lugar do nome próprio é incontornável esse laço da estrutura da linguagem ao escrito. O caráter impronunciável do nome próprio não é, contrariamente ao que muitos imaginam, uma exclusividade do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob. O nome próprio jamais assona, mas se empresta à colocação em jogo da homofonia (no lugar da referência, na falta da referência) a partir do que se lê sua cor na transliteração de sua letra.<sup>72</sup>. (Ibid., p.225, tradução modificada)

Nesse trecho poético de Allouch, trata-se de discutir aquilo que como marca no nome tem a ver com o escrito. Forma escrita da nomeação, impronunciável, que surge em toda e qualquer enunciação do sujeito; uma cor que pode ser lida na transliteração de sua letra, como marca de um sujeito que aparece no lugar do que se poderia esperar como “referência”. Ora, para além de uma referência metafísica a um significado, que pudesse fazer do Outro consistência, o nome vem fazer marca de uma singularidade, marca de um sujeito – determinado pelo Outro ao ser representado por um significante para um outro significante – mas ao mesmo tempo separado desse Outro, como marca do real que se faz enquanto “cor” escrita. Impronunciável e intranscritível (por não se tratar de um som que existisse no Outro), mas também intraduzível, pois o importante no que faz marca no nome não são os sentidos que a ele se possa ofertar. O nome próprio, com a transliteração, expõe sua literalidade, aquilo que não tem consistência senão a partir do escrito. Tratando dessa problemática, Allouch organizará em três tempos o processo de apagamento através do qual a transliteração encontra a sua função:

---

<sup>72</sup> Quand le nom propre est pris comme nom propre, il est ce dont il s'avère qu'on respecte la couleur. Mais ce respect n'est rien d'autre que le fait de prendre le signifiant comme objet, rien d'autre par conséquent que cette façon dont Lacan met au jour la constitution de l'écrit. Cette « *effaçons* » n'est donc pas spécifique au nom propre, mais le nom propre l'exemplifie : au lieu du nom propre est incontournable ce lien de la structure du langage à l'écrit. Le caractère imprononçable du nom propre n'est pas, contrairement à ce que beaucoup imaginent, une exclusivité du Dieu d'Abraham, d'Isaac et de Jacob. Le nom propre jamais n'assone mais se prête à la mise en jeu de l'homophonie (à la place de la référence, dans le défaut de la référence) à partir de quoi se lit sa couleur dans la translittération de sa lettre.

O ponto de partida concreto é o signo: o rastro (*trace*) do passo (*pas*) de Sexta Feira ou ainda o carácter chinês Ke, mas tomado de entrada como transcrevendo, esquematicamente, a relação de choque da coluna de ar contra a língua e o palato na oclusiva gutural, tomado, portanto, como tão figurativo quanto o traçado da impressão do passo. Na terminologia aqui proposta, isso corresponde à operação de transcrição.

Cabe sublinhar: há no signo algo concreto e figurativo, enquanto *rastro (trace)*, que é passado ao som através de uma transcrição (lembramos que a transcrição é uma operação no real). O autor prossegue:

Segundo tempo desse jogo: o apagamento do rastro do passo (*pas*) realizado por isso que é nomeado “vocalização” ou ainda “fonetização”, que seria mais exatamente identificado como uma *homofonia potencial* (posto que explicitamente o texto faz referência à escrita fonemática). Esse tempo é aquele no qual o rastro do passo (*pas*) é lido “não” (*pas*) e assim apagado enquanto pictograma do passo, enquanto impressão de um caminhar. O pictograma *Ke* sofre uma vicissitude parecida, mas que não pode ser reconstruída senão a partir do terceiro tempo.

Ao se “fonetizar” o rastro transcrito no primeiro tempo, gera-se uma homofonia em potencial: como ainda não se trata da constituição de uma língua com um sistema alfabético claro, essa homofonia é ainda potencial, mas se trata já do fato de um rastro (enquanto marca de um “objeto” que seria representado para alguém) poder se referir, enquanto som, a um outro “objeto”. Ou seja, o passo (*pas*) pode se tornar um não (*pas*) – a referência ao som apaga o rastro enquanto “coisa real”.

Essa contagem 1-3-2 é, alias, igualmente verdadeira no caso do “*pas*”. O terceiro tempo é aquele do traço (*trait*) que vem circundar o rastro (*trace*) apagada, que ratifica assim, definitivamente, esse apagamento ao tomar esse rastro apagado como escrevendo esse homofônico do “*pas*” primeiro que é, na língua francesa, o “*pas*” da negação. É, portanto, no *a posteriori* desse terceiro tempo que o apagamento, constitutivo do segundo, pode ser considerado como uma homofonia. Nós já identificamos como transliteração essa operação do rébus de transferência no qual o rastro do “passo” (*pas*) vem escrever um “não” (*pas*) da negação/apagamento do rastro. Do mesmo modo para o caractere *Ke* será conveniente estudar esse jogo com ponto de partida concreto (no signo) e do equívoco (homofônico) a partir do terceiro tempo.<sup>73</sup>. (ALLOUCH, 1984. P. 233, tradução modificada)

---

<sup>73</sup> Le départ concret est le signe : la trace de pas de Vendredi ou bien encore le caractère chinois Ke, mais pris d'entrée comme transcrivante, schématiquement, le rapport heurté de la colonne d'air contre la langue et le palais dans l'occlusive gutturale, pris donc comme tout aussi figuratif que le tracé de l'empreinte du pas. Dans la terminologie ici proposée, ceci correspond à l'opération de la transcription.

É no terceiro tempo que o traço (*trait*) virá circundar o rastro (*trace*) apagado, ratificando o apagamento. Desse modo, é somente no terceiro tempo que se trata, de fato, de homofonia. E é nesse terceiro tempo que surgirá a transliteração como operação da letra, como leitura a partir do escrito. Leitura da homofonia existente entre o passo (*pas*) e o não (*pas*) a partir do escrito *pas*. O objeto dessa leitura, é, desse modo o *próprio escrito*. Não se trata mais da coisa, e é nesse sentido que o importante no nome próprio é sua forma escrita, sua literalidade e “cor”.

### Síntese

Os desenvolvimentos feitos por Lacan no seminário IX, relativos ao traço unário e ao apagamento fazem avançar a problemática da letra, formalizada no texto *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud* (LACAN, 1957/2001). Se em 1957 já se tratava do que se pode ler como escrito nas formações do inconsciente, em *L'identification* (LACAN, 1961-62) o psicanalista refina a questão, a partir de uma separação de *leitura* do rastro, e *escrita* do traço. A partir da leitura do que teria sido apagado enquanto coisa, há a escrita de uma ordem de ex-sistência, que transforma essa primeira leitura da coisa em leitura do escrito. O rastro se tornará signo, como representando algo para alguém, e o traço funcionará como o significante, através do que um sujeito é representado para outro significante. Com a

---

Deuxième temps de ce jeu : l'effacement de la trace du pas réalisé par ce qui est nommé « vocalisation » ou encore « phonétisation », mais qui serait plus exactement identifié comme une *homophonie potentielle* (puisque explicitement le texte fait référence à l'écriture phonétique). Ce temps est celui où la trace de pas est lue « pas » et ainsi effacée en tant que pictogramme du pas, qu'empreinte d'une marche. Le pictogramme *Ke* subit une pareille vicissitude mais qui ne peut être reconstruite qu'à partir du troisième temps.

Ce comptage 1-3-2 est d'ailleurs également vrai dans le cas du « pas ». Le troisième temps est celui du trait qui vient entourer la trace effacée, qui entérine ainsi définitivement cet effacement en prenant cette trace effacée comme écrivant cet homophone du « pas » premier qu'est, dans la langue française, le « pas » de la négation. C'est donc dans l'après coup de ce troisième temps que l'effacement, constitutif du second, peut être considéré comme une homophonie. On a déjà identifié comme translittération cette opération du rébus à transfert où la trace du « pas » en vient à écrire un « pas » de négation/effacement de la trace. De même pour le caractère *Ke* conviendra-t-il d'étudier ce jeu du départ concret (dans le signe) et de l'équivoque (homophonique) depuis le troisième temps.



escrita da letra, o objeto não será mais a coisa enquanto “coisa real que existisse”, e sim a própria literalidade do escrito: o objeto será, doravante, objeto metonímico.

Como próximo passo dessa pesquisa, traremos agora o resultado de nossa investigação desses desenvolvimentos através dos seminários. Partiremos do seminário V (seminário sequente ao texto *L'instance de la lettre*), e analisaremos os trajetos e desvios da letra até o seminário IX, atentos também ao termo *effaçons*, importante nessa nova economia conceitual da letra.

## Pesquisa bibliográfica do conceito de letra nos seminários V, VI, VII e VIII

No presente tópico, faremos uma apresentação e discussão do conceito de letra entre a sua formalização em *L'instance de la lettre* (LACAN, 1957/2001) e a mudança ocorrida no seminário IX, *L'identification*, a partir da noção de *effaçons* associada ao traço unário. Deste modo, traremos o resultado de nossa pesquisa bibliográfica do conceito nos seminários V, VI, VII e VIII, discorrendo sobre o seu estatuto, sempre em diálogo com esses dois momentos. Veremos como *letra* permanecerá associada ao texto *L'instance de la lettre* e como o termo *signo* adiantará formulações referentes ao rastro (*trace*). Discutiremos também a contribuição do conceito de letra no trajeto dos seminários – que parte das *formações* do inconsciente, passa pelo *desejo* e pela *ética*, e que chega finalmente na *transferência*.

### **Letra no seminário V**

De um modo geral, foram encontradas 29 aparições da palavra *lettre* nesse seminário, incluindo notas e referências. Contudo, trata-se de um seminário onde o conceito é assaz importante, tanto por se tratar das *formações* do inconsciente, quanto por ser o seminário sequente à sua formalização. É assim que vemos, logo na primeira lição, Lacan convidando aqueles que não leram o seu texto sobre o conceito a fazê-lo, dadas as referências a ele que o psicanalista faria no decorrer do seminário:

Do mesmo modo, no quarto ano de seminário, eu quis lhes mostrar que não há objeto senão metonímico, o *objeto do desejo* sendo *objeto do desejo do outro*, e o desejo sempre *desejo de outra coisa*, precisamente disso que falta ao objeto perdido primordialmente, na medida em que FREUD nos mostra como objeto sempre a ser reencontrado. Do mesmo modo, não há sentido senão metafórico. *O sentido não surgindo senão da substituição de um significante por um outro significante* na cadeia simbólica. Precisamente o que está conotado no trabalho do qual eu lhes falava agora há pouco, e ao qual eu lhes convidava a recorrer, sobre *A instância da letra no inconsciente*.<sup>74</sup> (LACAN, 6 de novembro de 1957. Tradução modificada, itálicos do autor)

Sabemos como a metáfora e a metonímia foram importantes para Lacan articular os efeitos de sujeito através da cadeia significante, e sua falta a ser encontrada no desejo (LACAN, 1957/2001). O “ser” na letra (*l’être dans la lettre*), naquilo em que o desejo e o automatismo de repetição levam a um além, é lido na literalidade significante<sup>75</sup>. Aqui no seminário V, a metáfora e a metonímia são tidas como “(...) *as funções essenciais do significante*”, através do que a lâmina do significante perfura no real o que é chamado de significado (LACAN, 13 de novembro de 1957). Dizendo de um outro modo, são articulações dos significantes (substituição de um significante por outro ou deslizamento na cadeia significante) através do que surgem efeitos de significação, tanto sobre o desejo e sua falta, quanto sobre o sujeito e seu ser.

Para entendermos toda a importância da retomada da metáfora e da metonímia ao falar da letra, cabe um breve comentário sobre como Lacan as considera no seminário IX, no que tange ao sujeito. Ao se perguntar se o efeito de sujeito seria metafórico ou metonímico, colocará uma outra questão, aquela sobre se haveria algo de articulável antes mesmo desses efeitos, metafóricos e metonímicos<sup>76</sup>

---

<sup>74</sup> De même dans la 4<sup>ème</sup> année de séminaire, j’ai voulu vous montrer qu’il n’y a pas d’objet, sinon métonymique, *l’objet du désir* étant *l’objet du désir de l’autre*, et le désir toujours *désir d’autre chose*, très précisément de ce qui manque à l’objet perdu primordiallement, en tant que FREUD nous le montre comme étant toujours à retrouver. De même il n’y a pas de sens, sinon métaphorique. *Le sens ne surgissant que de la substitution d’un signifiant à un signifiant* dans la chaîne symbolique. C’est très précisément ce qui est connoté dans le travail dont je vous parlais tout à l’heure, et auquel je vous invitais à vous référer, sur *L’instance de la lettre dans l’inconscient*

<sup>75</sup> Ver capítulo I deste trabalho, tópico *Letra e o ser*.

<sup>76</sup> Ver o tópico *Lugar de sujeito*, neste capítulo

(LACAN, 6 de dezembro de 1961). Essa questão é importante no seminário IX, porque, a partir dela, o psicanalista se permitirá explorar o traço unário, como algo anterior a esses efeitos. Portanto, nessa altura da obra (seminários IV e V), a metáfora e a metonímia são fundamentais para se articular o sujeito, sendo vistas quase como limites conceituais, ideias provindas da linguística através das quais Lacan pensa o sujeito. E o pensa – cabe sublinhar – a partir da significância, ou melhor: dos significados possíveis de serem criados ao se furar o real com o significante.

De um modo geral, *lettre* aparecerá sempre ligada ao texto *L'instance de la lettre* nesse seminário. Não há nenhuma novidade na sua trama conceitual. Como ilustração desse uso geral, vejamos a próxima citação:

Eu lhes disse também que há *outra coisa* que nessa ocasião é *Verwerfung*. Pode haver na *cadeia dos significantes* um significante ou uma letra que falta, que sempre falta na tipografia... pois trata-se de *um espaço tipográfico*, o espaço do significante, o espaço do inconsciente é *um espaço tipográfico*. É necessário definir o espaço tipográfico como algo que se constitui numa linha, em pequenos quadrados. Há leis topológicas do espaço tipográfico... há *alguma coisa que falta nessa cadeia dos significantes*.<sup>77</sup> (LACAN, 8 de janeiro de 1958. Tradução modificada, itálicos do autor)

Letra ou significante que sempre faltará no texto falado de um psicótico, eis do que se trata, grosso modo, nessa citação. E tal falta tipográfica pode ser lida como algo que não se inscreveu no psiquismo, ligada a uma forclusão. Uma falta da falta, uma letra ou um significante que não se inscreveu como nome do pai. Ou seja, temos aqui um exemplo da letra como estrutura localizada do significante em uma psicose. Uso muito similar ao texto *Instância da letra*.

Para além desse uso próximo da maneira como letra fora formalizada, gostaríamos de comentar o conceito de *signo* nesse seminário. Aqui, tomaremos como referência os tópicos anteriores deste capítulo, que trabalham especificamente o seminário IX, *L'identification* (LACAN, 1961-62). Veremos como, na discussão sobre a *imagem* e *signo*, já se pode supor algo em relação ao apagamento da coisa:

---

<sup>77</sup> Je vous ai dit aussi qu'il y a *autre chose* qui dans cette occasion est *Verwerfung*. Il peut y avoir dans *la chaîne des signifiants* un signifiant ou une lettre qui manque, qui toujours manque dans la typographie... car il s'agit d'*un espace typographique* l'espace du signifiant, l'espace de l'inconscient est *un espace typographique*. Il faut tâcher de définir l'espace typographique comme quelque chose se constituant dans une ligne, dans des petits carrés. Il y a des lois topologiques de l'espace typographique ...il y a *quelque chose qui manque dans cette chaîne des signifiants*

E o próprio FREUD não pode fazer de outra forma quando ele articula esse mecanismo, esse nascimento das estruturas inconscientes (...) ele precisa admitir na origem que esse tipo de inscrição mimética que responderá alucinatoriamente à manifestação da necessidade não é nada além disso: *um signo*. Ou seja, algo que não se caracteriza somente por uma certa relação com a imagem na teoria dos instintos e essa espécie de engano que pode bastar para despertar a necessidade e não para preenchê-la, mas alguma coisa que, *enquanto imagem, se situa já numa certa relação com outros significantes*: com o significante, por exemplo, que lhe é diretamente *oposto*, que significa sua *ausência*; como alguma coisa que está já organizada enquanto *significante*, já estruturada nessa relação propriamente fundamental que é *a relação simbólica*, na medida em que aparece nessa conjunção de um jogo de *presença com a ausência*, da *ausência com a presença*, jogo ele mesmo ligado geralmente a uma articulação vocal, que já constitui a aparição de elementos discretos dos *significantes*.<sup>78</sup>. (LACAN, 5 de fevereiro de 58. Tradução modificada, itálicos do autor)

Na inscrição mimética de algo que vai além da pura satisfação da necessidade, que responde a isso de maneira alucinatória, vemos surgir o signo. O signo aqui não é tido como uma simples imagem que despertaria os instintos, mas como algo já articulado simbolicamente, uma imagem inscrita numa cadeia simbólica. Trata-se de algo próximo ao que fora discutido atrás relativo ao *rastro* no seminário IX<sup>79</sup>. Rastro de uma coisa apagada, que se encadeia simbolicamente a partir do traço unário. Ao conceitualizar o signo como leitura, que depois permitirá a escrita do significante, Lacan refinará a questão no seminário IX. Não discutiremos as especificidades dessa questão. Escolhemos trazer esse trecho por ele permitir uma referência na obra da discussão que pudemos acompanhar sobre o traço unário.

---

<sup>78</sup> Et FREUD lui-même ne peut pas faire autrement quand il articule ce mécanisme, cette naissance des structures inconsciente (...) il faut qu'il admette à l'origine que ce type d'inscription mnésique qui va répondre hallucinatoirement à la manifestation du besoin n'est rien d'autre que ceci : *un signe*. C'est-à-dire quelque chose qui ne se caractérise pas seulement par un certain rapport avec l'image dans la théorie des instincts et de cette sorte de leurre qui peut suffire à éveiller le besoin et non pas à le remplir, mais quelque chose *qui en tant qu'image, se situe déjà dans un certain rapport avec d'autres signifiants* : avec le *signifiant* par exemple qui lui est directement *opposé*, qui signifie son *absence* ; avec quelque chose qui est déjà organisé comme *signifiant*, déjà structuré dans ce rapport proprement fondamental qui est *le rapport symbolique* pour autant qu'il apparaît dans cette conjonction d'un jeu de *la présence avec l'absence*, de *l'absence avec la présence*, jeu lui-même lié ordinairement à une articulation vocale qui constitue déjà l'apparition d'éléments discrets de *signifiants*.

<sup>79</sup> Ver tópico *Do apagamento da coisa à repetição significante* deste capítulo

Para terminar este tópico, cabe dizer que, no final do seminário, o psicanalista usará a cada vez mais de letras num esforço de formalização. A partir disso, iniciará a construção do grafo, que o levará a outro tema importante para a psicanálise: o desejo. Ou seja, a partir de letras que permitem organizar uma topologia, Jacques Lacan encontrará o desejo, e prosseguirá assim no próximo seminário, nomeando-o *O Desejo e Sua interpretação* (LACAN, 1958-59)

## Seminário VI

Chegamos ao tema do desejo, num seminário onde há 25 aparições da palavra *lettre*. Não é um número muito alto, considerando se tratar em parte de usos comuns. Porém, algumas passagens, que dialogam com o tema do seminário, merecem ser comentadas.

Em determinado momento, Lacan coloca uma questão sobre o desejo, enquanto desejo de morte, e sobre o sujeito que se satisfaria com tal desejo, o sujeito do *Wunsch*. Não se sabe o que é, esse sujeito do *Wunsch*; e não se sabe o que é satisfeito enquanto desejo de morte. Diante disso, o psicanalista voltará a questão ao ser, tentando encontrar na sua letra o que seria satisfeito:

Não há nada de *substancial* em *o ser* senão essa própria palavra, “*ele se satisfaz de o ser*”, nós podemos tomá-lo como isso que é de *o ser*, somente ao pé da *letra*. No final das contas, é, com efeito, algo da ordem de *o ser* que satisfaz o *Wunsch*. Não há senão o sonho, ao menos no plano de *o ser*, onde o *Wunsch* possa se satisfazer<sup>80</sup>. (LACAN, 26 de novembro de 1958. Tradução modificada, itálicos do autor)

---

<sup>80</sup> Il n'y a rien d'autre de *substantiel* dans *l'être* que ce mot même, « *il se satisfait de l'être* », nous pouvons le prendre pour ce qui est de *l'être*, si ce n'est au pied de la *lettre*. En fin de compte, c'est bien en effet comme quelque chose de l'ordre de *l'être* qui satisfait le *Wunsch*. Il n'y a en somme que dans le rêve, tout au moins sur le plan de *l'être*, que le *Wunsch* puisse se satisfaire.

Não haveria nenhuma substância subjacente ao ser, sua importância se daria no fato de “ser algo”, de se satisfazer ao *sê-lo*. Um ser que habita a linguagem, portanto, e cuja satisfação depende dos atributos nela “sidos”, e que podem ser lidos literalmente, como quando dizemos “ser visto”, “ser ouvido”. Há ser, não enquanto surgimento de uma substância na cena de um sonho, por exemplo; mas no que se satisfaz na linguagem. E tal satisfação, sabemos, exige um tempo.

Ora, “ser ouvido” por alguém numa análise pode ser inesgotável, ser interminável. Não se trata de “o ser”, como entidade, ou pessoa, que ali é visto ou ouvido. Embora, muitas vezes, seja isso que a pessoa buscando um tratamento diz “querer”: que o Outro lhe mostre quem ela é, a veja e a ouça “na sua essência”. Essa demanda, porém, não se satisfaz, já que não basta ouvir uma pessoa, ou “vê-la”, para que o prazer parte desse processo elimine suas questões. Aliás, ser ouvido ou visto “totalmente”, sem falta, pode ser extremamente angustiante. Tal demanda leva a um além, cuja satisfação não tem a ver com o fato “concreto” e imaginário de ser ouvido por uma outra pessoa. De outro modo, a satisfação aí implicada tem a ver com o campo do desejo inconsciente que se abre na escuta.

A relação entre ser e letra (*l'être e la lettre*) nesse seminário é próxima daquela feita em *Instância da letra*, a partir do automatismo de repetição (LACAN, 1957/2001). Não há nenhuma novidade conceitual nesse sentido, no que tange ao conceito. Porém, cabe sublinhar que a problemática da letra permanecerá atrelada ao tema do desejo, como podemos ver com a próxima citação. Tratando do princípio do prazer, Lacan discorre sobre a relação entre as “impressões” que formam o aparelho psíquico e a satisfação. Novamente é colocada uma questão sobre *qual satisfação* seria essa, avançando em direção ao escrito, às camadas de escritos no sonho.

O fato de Freud tomar o sonho como camadas de escritos nos mostraria:

(...) justamente o que ele pensa no fundo dessa experiência vivida, a saber que ela tem toda vantagem de ser abordada assim, posto que ele não tentou articulá-la, ela própria já está estruturada em uma série de *Niederschriften*, numa espécie de *escrita em palimpsesto*, se pudéssemos dizer, se pudéssemos imaginar um *palimpsesto onde os diversos textos sobrepostos teriam uma certa relação* – tratar-se-ia ainda de saber qual – *uns com os outros*. Mas se vocês buscassem qual, vocês veriam que seria uma relação muito mais para ser buscada na *forma das letras* que no sentido do texto. Eu não estou dizendo

isso, portanto. Eu digo que, na ocasião, o que nós sabemos do sonho é propriamente o que nós *sabemos* atualmente, no momento no qual ele acontece como um sonho articulado.<sup>81</sup> (LACAN, 3 de dezembro de 58. Tradução modificada, itálicos do autor)

Palimpsesto é um tipo de escrita feita sobre o apagamento de algo anteriormente escrito. Pergaminho cujo texto fora raspado para dar lugar a um novo. Eis uma metáfora sobre as camadas de escritos no sonho, vários textos que vão se sobrepondo nos vários momentos do sujeito. Cada letra, em cada momento, falaria do que se pode saber, atualmente, do inconsciente. Algo a ser buscado na *forma* das letras, e o saber *atual*, no momento no qual o sonho acontece. Lacan prosseguirá no campo desse raciocínio e falará de um tipo de *unidade* que aí podemos encontrar, nessas diversas camadas do sonho:

As imagens do sonho, das quais nós nada sabemos na ocasião, encontram aqui, portanto, um *afixo*... se eu puder me expressar assim, com a ajuda de um termo emprestado da teoria dos números complexos... um *afixo simbólico* nessas palavras onde nós vemos de algum modo *o significante* se apresentar *num estado de aglomeração*, ou seja: numa *série de nomações*, e essa nomação constitui *uma sequência* cuja escolha não é indiferente. Pois, como Freud nos diz, essa escolha é precisamente *tudo o que lhe foi interdito* (interditado), *inter-dito*, *demanda de algo* diante do que lhe foi dito que “*Não! Não pode pegar*”. E *esse comum denominador introduz uma unidade na sua diversidade*, sem que se possa igualmente impedir de notar que *inversamente essa diversidade reforça essa unidade, e mesmo a designa*.

Em suma, é essa *unidade* que essa série opõe totalmente à *eletividade da satisfação da necessidade*, tal o exemplo do desejo imputado do porco e do ganso<sup>82</sup>. (Ibid., tradução modificada, itálicos do autor)

---

<sup>81</sup> (...) justement ce qu'il pense dans son fond de cette expérience vécue, à savoir qu'elle a tout avantage à être abordée ainsi puisqu'il n'a pas essayé bien entendu de l'articuler, elle est déjà elle-même structurée en une série de *Niederschriften*, dans une espèce d'*écriture en palimpseste* si l'on peut dire, si l'on pouvait imaginer un *palimpseste où les divers textes superposés auraient un certain rapport* - il s'agirait encore de savoir lequel - *les uns avec les autres*.

Mais si vous cherchiez lequel, vous verriez que ce serait un rapport beaucoup plus à chercher dans *la forme des lettres* que dans le sens du texte. Je ne suis pas en train, donc, de dire cela. Je dis que, dans l'occasion, ce que nous savons du rêve est proprement ce que nous en *savons* actuellement, au moment où il se passe comme un rêve articulé.

<sup>82</sup> Les images du rêve, dont nous ne savons rien dans l'occasion, trouvent donc ici un *affiche*...si je puis m'exprimer ainsi à l'aide d'un terme emprunté à la théorie des nombres complexes...un *affiche symbolique* dans ces mots où nous voyons en quelque sorte *le signifiant* se présenter à *l'état floclulé*, c'est-à-dire dans *une série de nominations*, et cette nomination constitue *une séquence* dont le choix n'est pas indifférent. Car comme FREUD nous le dit, ce choix est précisément de *tout ce qui lui a été interdit, inter-dit*, de ce à *la demande de quoi* on lui a dit que « *Non ! il ne fallait pas en prendre* ». Et *ce commun dénominateur introduit une unité dans leur diversité*, sans qu'on puisse s'empêcher également de remarquer qu'*inversement cette diversité renforce cette unité, et même la désigne*.

Uma unidade da satisfação do desejo, segundo o que estaria interdito enquanto demanda pelo Outro – ou seja, algo do desejo que surge para além do Outro – sendo encontrada nesses *afixos* (termo que vem da teoria dos números complexos, mas que na linguística é morfema que se adiciona a um radical, modificando a palavra). Algo da letra aqui, uma referência ao que é *mesmo*, unário, na satisfação do desejo. Ora, essa unidade relacionada ao campo do desejo é próxima ao que no seminário IX Lacan falará do traço unário. Novamente, encontramos nessa passagem algo que pode ser aproximado tanto do texto *Instância da letra*, no que tange ao conceito de letra, quanto do seminário IX, seja pelo apagamento e escrita em camadas, seja pela unidade, pelo o que é unário.

Prosseguindo a análise desse campo para além da demanda do Outro – o campo do desejo – Lacan usará a letra como suporte conceitual. Trata-se de um momento do seminário no qual ele retoma a construção do grafo do desejo, ele próprio articulado por letras. A letra surgiria da decomposição da “realidade”, feita de seus restos, decomposição em partes significantes. Seriam essas partes despedaçadas, decompostas, algo que levaria o sujeito para além da concretude da demanda; ou seja, a letra dividiria a concretude imaginária da realidade levando a uma simbolização, fundada na falta:

É a relação que há no título que eu coloquei em relevo, aqui particularmente chamativo, *entre justamente o que o esquema articula*, a saber *o desejo e a letra*. O que quer dizer, se não é que é nesse sentido que deve ser buscado, propriamente falando, na *reconversão do desejo a essa produção que se expressa no símbolo*, o qual não é a super-realidade que se acredita, mas essencialmente, ao contrário, *feito de seus detritos, de sua decomposição em partes significantes*. É – digo – *na reconversão do impasse do desejo nessa materialidade significativa que nós devemos situar*, e isso se nós quisermos dar um sentido conveniente ao termo, *o processo de sublimação* como tal<sup>83</sup>. (LACAN, 24 de junho de 59. Tradução modificada, itálicos do autor)

---

C'est en somme cette *unité* que cette série oppose tout à fait à l'*électivité de la satisfaction du besoin*, tel que l'exemple du *désir* imputé au cochon comme à l'oie.

<sup>83</sup> C'est le *rapport* qu'il y a dans le titre que j'ai mis au premier chef, ici particulièrement saillant, *entre justement ce que ce schéma articule*, à savoir *le désir et la lettre*. Qu'est-ce à dire, si ce n'est que c'est dans ce sens que doit être cherché à proprement parler, dans *la reconversion du désir à cette production qui s'exprime dans le symbole*, lequel n'est pas la super-réalité que l'on croit, mais essentiellement au contraire *fait de son bris, de sa décomposition en parties signifiantes*. C'est - dis-je - dans *la reconversion de l'impasse du désir dans cette matérialité signifiante que nous devons situer*, et ceci si nous voulons donner un sens convenable au terme, *le processus de la sublimation* comme telle.



O grafo articulava desejo e letra, como decomposição da concretude da demanda, articulação significante. Ao invés de recorrer a uma metafísica do símbolo, Lacan o tratará como “decomposição da realidade”, como organização dessa “realidade” enquanto significante. É nessa via que o psicanalista prosseguirá com a próxima citação, ao falar de um esvaziamento da pulsão, que evidenciaria o puro jogo do significante:

O que é essa noção se nós não pudermos defini-la como a forma mesma na qual escorre o desejo! Posto que isso que lhes é indicado é justamente que ela pode se esvaziar da pulsão sexual enquanto tal, ou mais exatamente que a noção mesma de pulsão, longe de se confundir com a substância da *relação sexual*, é esta forma mesma que ela é: jogo do significante. Fundamentalmente ela pode se reduzir a esse *puro jogo do significante*. E é como tal que nós podemos definir a “*sublimação*”. É essa alguma coisa pela qual – como eu escrevi em algum lugar – podem se equivaler *o desejo e a letra (...)* <sup>84</sup> (Ibid., tradução modificada, itálicos do autor)

A pulsão aqui é tomada como articulação significante e, na sublimação, desejo e letra podem se equivaler. É importante notar o uso do sintagma “relação sexual”, cuja substância não se confundiria com o puro jogo significante da pulsão. Já pudemos discutir, na nossa introdução<sup>85</sup>, os desdobramentos da problemática do ato/relação sexual para o psicanalista até o aforismo *Não há relação sexual*. Se a pulsão pode se resumir à pura articulação de letras, é curioso notar que o mesmo não acontece para a chamada “substância da relação sexual”. O uso do termo “substância” aqui pode até chamar a atenção, como se Lacan falasse uma espécie de “substancialização da relação sexual”. Porém, o mais notório é o fato de essa “relação sexual” não se articular como a pulsão, não poder ser escrita. O importante seria o que dessa pulsão sexual pode ser articulado enquanto letra, ao ponto de o psicanalista quase falar de um “esvaziamento da noção mesma de pulsão”. Trata-se de um trecho que prossegue no mesmo corrente da discussão anterior do seminário, a saber: a letra enquanto

---

<sup>84</sup> Qu'est cette notion si nous ne pouvons pas la définir comme la forme même dans laquelle se coule le désir ! Puisque ce qu'on vous indique, c'est justement qu'elle peut se vider de la pulsion sexuelle en tant que telle, ou plus exactement que la notion même de pulsion, loin de se confondre avec la substance de *la relation sexuelle*, c'est cette forme même qu'elle est : jeu du signifiant. Fondamentalement elle peut se réduire à *ce pur jeu du signifiant*. Et c'est bien aussi comme telle que nous pouvons définir la « *sublimation* ». C'est ce quelque chose par quoi - comme je l'ai écrit quelque part - peuvent s'équivaloir *le désir et la lettre (...)*

<sup>85</sup> Ver o tópico O impossível da relação sexual, na introdução deste trabalho.

símbolo, não de uma super-realidade, mas produzida da decomposição da “realidade” em partes significantes. O importante da pulsão seria o que, desse modo, pode ser articulado e não um tipo de “elan vital” – se nos permitirem aqui uma metáfora – suposto na sua base como concreto e mesmo substância do sexual.

Essa problemática do símbolo bem resume o uso da letra no seminário VI, articulada ao campo do desejo. Prossigamos agora com o seminário VII, seminário sobre a Ética na psicanálise.

### Seminário VII

Nesse seminário, foram encontramos 35 resultados para a palavra *lettre*. O tema da Ética prossegue àquele do desejo, no sentido em que a ética na psicanálise é a ética do desejo.

No resultado 12 da pesquisa, *lettre* corresponde a uma carta, à carta 52. Porém, discute-se aí um tema importante no que tange ao conceito: a ordem da escrita. Trata-se de uma passagem que pode ser articulada ao que foi trabalhado no tópico anterior, relativo ao campo esvaziado da letra, ao seu campo despedaçado que é da ordem da escrita. Ao falar sobre funcionamento do inconsciente girando em torno de várias inscrições, a partir do que se ordenam os traços mnêmicos, Lacan completará:

E aí, o que vemos no nível da *Carta 52*? Vemos isso, a *Wahrnehmung*, ou seja, a *impressão do mundo exterior* como *bruta*, ela é *original*, ela é *primitiva*, ela está *fora do campo* que corresponderá a uma experiência que seja notável, ou seja, efetivamente *inscrita* em alguma coisa que chama atenção na origem do pensamento de FREUD ser expressa como uma *Niederschrift*, como uma *inscrição*, como algo que se propõe, não simplesmente em termos de *Prägung* e de *impressão*, mas no sentido de *alguma coisa que faz signo, que é da ordem da escrita*.<sup>86</sup>. (LACAN, 9 de dezembro de 1959. Tradução modificada, itálicos do autor)

---

<sup>86</sup> Et là, que voyons-nous au niveau de la *Lettre 52* ? Nous en voyons ceci, la *Wahrnehmung*, c'est-à-dire l'*impression du monde extérieur* comme *brute*, elle est *originelle*, elle est *primitive*, elle est *hors du champ* qui correspondra à une expérience qui soit notable, c'est-à-dire effectivement *inscrite* dans quelque chose dont il est tout à fait frappant qu'à l'origine de sa pensée FREUD l'exprime comme une *Niederschrift*, comme une *inscription*, comme quelque chose qui se propose, non pas simplement en

A impressão do mundo exterior como bruta e fora do campo articulável. Haveria, portanto, uma *separação* entre essa impressão externa daquilo que encontramos como inscrição no aparelho psíquico, cuja ordem de escrita faz *signo*. Prossigamos com outro trecho. Trata-se de uma passagem que faz referência a *Le séminaire sur la lettre volée* no que tange ao mínimo necessário para se constituir uma bateria significativa, prosseguindo desenvolvendo a questão do signo e do surgimento da ordem simbólica:

Mas não se esqueçam disso: é no sistema primeiro dos significantes, no sistema no nível das *Wahrnehmungszeichen*, dos *signos da percepção*, isso com o que nós devemos lidar, essa alguma coisa que se propõe como a *sincronia do sistema significativo*. É na *Gleichzeitigkeit*, é na medida em que é ao mesmo tempo que pode se apresentar para o sujeito *vários significantes* que tudo começa, é nesse nível que o *Fort* é correlativo ao *Da* e *que o Fort só pode se exprimir na alternância*, que alguma coisa que não pode se exprimir senão a partir de uma sincronia fundamental – é a partir daí que alguma coisa se organiza e que, aqui, nos parece que o simples jogo do *Fort* e do *Da* bastaria para constituí-la. Eu já coloquei, diante de vocês, o problema: qual é o mínimo inicial de uma *bateria significativa* concebível para que possam começar a jogar, a se organizar o domínio, a ordem e o registro do *significante*?<sup>87</sup> (LACAN, 16 de dezembro, 1959. Tradução modificada, itálicos do autor)

O sintagma *Sincronia primitiva do sistema significativo* exige que pensemos numa unidade primordial a partir da qual os significantes se ordenem e constituam um sistema que poderíamos chamar “complexo”. E tal sincronia tem a ver com *signos da percepção*, ou seja, com algo da percepção que já se apresenta como signo de uma escrita. Problema importante, já que essa percepção, ordenada por signos, não é mais

---

termes de *Prägung* et d'*impression*, mais dans le sens de *quelque chose qui fait signe, qui est de l'ordre de l'écriture*.

<sup>87</sup> Mais n'oubliez pas ceci, c'est dans le système premier des signifiants, dans le système au niveau des *Wahrnehmungszeichen*, des *signes de la perception*, ce à quoi nous avons affaire, c'est à quelque chose qui se propose comme *la synchronie primitive du système signifiant*. C'est dans la *Gleichzeitigkeit*, c'est pour autant que c'est en même temps que peut se présenter au sujet *plusieurs signifiants* que tout commence, c'est à ce niveau que le *Fort* est corrélatif du *Da* et *que le Fort encore ne puisse s'exprimer que dans l'alternance*, que quelque chose qui ne peut s'exprimer qu'à partir d'une synchronie fondamentale, c'est à partir de là que quelque chose s'organise dont, ici, il nous apparaît que le simple jeu du *Fort* et du *Da* ne saurait suffire à la constituer. Déjà j'ai, devant vous, posé le problème : quel est le minimum initial d'une *batterie signifiante* concevable pour que puissent commencer à jouer, à s'organiser le domaine, l'ordre et le registre du signifiant.

a percepção da realidade externa, visto que esta não está inscrita, é bruta. Cabe sublinhar que mais uma vez se trata de uma discussão retomada no seminário IX, a partir do termo traço unário. Essa sincronia primitiva, com signos de uma escrita, permite tratar da estruturação do psiquismo para além do bruto da realidade externa. Signos da percepção que obedecem a uma ordenação significativa.

Ao final do seminário, Lacan desenvolverá uma discussão a respeito da ética, em torno da tragédia grega e do desejo. No que tange ao desejo, sabemos que a letra é importante naquilo em que traz como vazio e nada a partir do que o desejo inconsciente se constitui. Sendo a ética da psicanálise a ética do desejo, será sobre o limite deste desejo que Lacan voltará sua questão, a partir da tragédia, analisando Antígona. Um desejo cuja ética é definida antes “da letra”, no sentido de ser antes da lei escrita, como tradição oral que exige o devido respeito aos mortos (LACAN, 1º de junho de 1960)

Com o próximo trecho teremos uma ideia melhor do que se trata. Ao partir de um comentário sobre surgimento do discurso da matemática, sustentado pelo uso de letras que se combinam entre si, Lacan retomará o tema do desejo e, conjuntamente, o tema da ética. Trata-se do desejo humano enquanto determinado pela letra, pelo significativo. Desejo despedaçado e não natural, que se ordena por letras, como acontece nos discursos da matemática ou o da física. Eis que, nessa relação do homem ao significativo, surge uma questão de saber se este homem deverá ou não destruí-la, essa relação. Se ela o constitui, mesmo no seu desejo, qual seria o seu limite? Como no caso de Antígona que, para respeitar uma tradição antiga de velar os mortos, escolhe a morte:

*E o Homem, num certo momento, aprendeu a se servir, a lançar, a fazer circular, no real e no mundo, esse discurso das matemáticas que não saberia proceder a menos que nada seja esquecido. Quando somente uma pequena cadeia significativa começa a funcionar sobre esse princípio, parece que as coisas prosseguem como se elas funcionassem totalmente sozinhas, posto que também aí nós estamos diante disso: poder nos perguntar se esse discurso da física, esse discurso engendrado pela onipotência do significativo – esse discurso da física vai se confinar à integração da Natureza ou à sua desintegração.*

Tal é o que para nós complica e *singularmente* – ainda que sem dúvidas não seja senão uma de suas fases – o problema do nosso desejo. Digamos que, para aquele que lhes fala, é aí propriamente falando que se situa a revelação do caráter decisivamente original do lugar onde se situa o desejo humano como tal, na *relação do homem com o significativo*, e no fato de saber se, *essa relação, ele deve ou*

*não destruí-la*<sup>88</sup>. (LACAN, 18 de maio de 1960. Tradução modificada, itálicos do autor)

Diante do significante, o homem não poderá ser tomado simplesmente como “natural”, pois estará determinado pelo simbólico enquanto sujeito. Trata-se de uma ordenação que poderíamos nomear “artificial”, se a compararmos aos discursos da física e da matemática, nos quais a letra, ou o significante, funcionará autonomamente em relação à natureza. Se o significante mata a coisa, e se o homem enquanto sujeito é determinado por sua cadeia simbólica, cabe a questão sobre se a própria vida do sujeito poderia se tornar excêntrica em relação a ele mesmo. Como se, com o significante, ele pudesse existir metaforicamente alheio à própria vida. Sabemos como em alguns casos de melancolia ou mesmo de depressão isso pode parecer evidente, mas mesmo na menor relação do sujeito com seu desejo, não poderíamos nos perguntar se algo nesse limite não estaria em questão? O desejo traria consigo, naquilo que tem de trágico, uma questão sobre a sua própria destruição? Trata-se aí de algo tocando o impossível, que a ética da psicanálise precisaria ter na mais alta conta.

Não seria possível aprofundar esse tema pela complexidade aí implicada. Pensamos que, por hora, para o nosso propósito atual de investigação da transformação do conceito, localizar a letra naquilo que o desejo tem de trágico basta. Para finalizar esse tópico, cabe dizer que não foi encontrada nenhuma mudança no próprio conceito, somente esse uso importante em relação ao desejo e sua ética. Prossigamos agora com o seminário VIII, atentos ao que se pode supor próximo ao traço e ao apagamento.

---

<sup>88</sup> Et l'Homme, à un moment, a appris à se servir, à *lancer*, à *faire circuler*, dans le réel et dans le monde, *ce discours des mathématiques* qui, lui, ne saurait procéder, à moins que *rien ne soit oublié*. Quand seulement *une petite chaîne signifiante* commence à fonctionner sur ce principe, il semble bien que les choses se poursuivent tout comme si elles fonctionnaient toutes seules, puisque aussi bien là nous en sommes à ceci : c'est à pouvoir nous demander si *ce discours de la physique*, ce discours engendré par la toute-puissance du *signifiant* - ce discours de la physique va confiner à *l'intégration* de la Nature ou à sa *désintégration*.

Tel est ce qui pour nous, complique et *singulièrement* - encore que sans doute ce ne soit qu'une de ses phases - le problème de notre désir. Disons que, pour celui qui vous parle, c'est là à proprement parler que se situe la révélation du caractère décisivement original de la place où se situe le désir humain comme tel, dans *ce rapport de l'homme au signifiant*, et dans le fait *de savoir si, ce rapport, il doit ou non le détruire*.

## Seminário VIII e conclusão

No seminário anterior àquele da identificação, com o tema voltado para a transferência, encontramos 38 resultados para a palavra *lettre*. Um número razoável, embora sem grandes novidades conceituais no começo da obra. Entretanto, nas últimas lições, há algumas passagens que merecem ser comentadas. Neste tópico, servir-nos-emos de três citações: uma primeira no início do seminário e outras duas que se encontram no final da obra, com pontos que parecem indiretamente introduzir a noção de traço unário e de apagamento, em relação à identificação.

Na primeira citação, *lettre* vem junto da expressão ao pé da letra:

Nos parece de qualquer forma – para tentar dizer sobre isso algumas coisas – impossível de não partir tomando ao *pé da letra* o que nos é assegurado pelas pessoas do meio de SOCRATES, e isso ainda na véspera de sua morte, que ele é aquele que disse que, em suma: nós não saberíamos temer nada de uma morte da qual nós nada sabemos<sup>89</sup>. (LACAN, 21 de dezembro de 1960. Tradução modificada, itálicos do autor)

Mesmo que se trate da expressão *ao pé da letra*, o tema da morte traz uma problemática importante. Não temer uma morte da qual nada se sabe. Algo que é espantoso justamente por sua literalidade. Esse tema, ligado no seminário à transferência, tem um diálogo forte com aqueles dos seminários anteriores, a ética e o desejo. Literalidade do desejo inconsciente – daquilo que não se sabe – que talvez não precise ser temida. Uma morte escolhida por Sócrates que traz novamente uma questão sobre o ponto limite do desejo, no que tange à sua própria destruição. Nesse sentido, essa passagem serve de ilustração do diálogo entre este seminário e os dois anteriores. Prossigamos com aquilo que parece ser uma novidade conceitual referente à letra.

Na lição do dia 7 de junho de 1961, Lacan avançará algo importante no que se refere ao *traço único* da identificação. Trata-se de uma lição onde a identificação é amplamente discutida. Tenhamos como referência a segunda forma de identificação,

---

<sup>89</sup> Il semble tout de même - pour essayer là-dessus de dire des choses - impossible de ne pas partir en prenant *au pied de la lettre* ce qui nous est attesté de la part de l'entourage de SOCRATE, et ceci encore à la veille de sa mort, qu'il est celui qui a dit que somme toute : nous ne saurions rien craindre d'une mort dont nous ne savons rien.

aquela a um traço reduzido do objeto amado. Primeiramente, ele fará um comentário sobre a primeira forma de identificação e o conflito edípico decorrente dela, em Freud. Ou seja, identificação primordial ao pai, a partir da qual o próprio desejo em direção à mãe se constitui, na sua forma edípica:

Ele fala em seguida da *identificação regressiva*, aquela que resulta da *relação de amor*, na medida em que o objeto se recusa ao amor. O sujeito, por um processo regressivo, e vocês veem aí, não é a única razão sobre a qual efetivamente seria necessário pontuar, para FREUD, que houve esse estágio de identificação primordial, o sujeito por um processo regressivo é capaz de se identificar com o objeto que no pedido de amor o decepciona.

(...)

FREUD intencionalmente faz uma pausa no seu texto para nos dizer que, nesses dois modos de identificação – os dois primeiros fundamentais – a identificação se faz sempre por *ein einziger Zug*. Eis o que de uma só vez nos tira o peso de muitas dificuldades. Primeiramente pelo fato de podermos conceber – que não é algo que possamos desdenhar – um *traço único*. Segundo ponto, este que para nós converge em direção a uma noção que nós conhecemos bem, a do *significante*. Isso não quer dizer que esse *einzigiger Zug*, esse *traço único*, seja, por isso mesmo, dado como tal, como *significante*. De forma alguma! É assaz provável, se nós partirmos da dialética que eu tento esboçar para vocês, que se trata de *um signo*. Para dizer que é *um significante*, é necessário mais. É necessária sua utilização ulterior, numa bateria significante ou, como alguma coisa que tem uma relação com a bateria significante<sup>90</sup>. (LACAN, 7 de junho de 1961. Tradução modificada, itálicos do autor)

---

<sup>90</sup> Il parle ensuite de l'*identification régressive*, celle qui résulte du rapport d'amour, pour autant que l'objet se refuse à l'amour. Le sujet, par un processus régressif, et vous voyez là, ça n'est pas la seule raison pointée pour laquelle effectivement il fallait bien, pour FREUD, qu'il y eût ce stade d'identification primordiale, le sujet par un processus régressif est capable de s'identifier à l'objet qui dans l'appel d'amour le déçoit.

(...)

FREUD s'arrête expressément dans son texte, pour nous dire que dans ces deux modes d'identification - les deux premiers fondamentaux - l'identification se fait toujours par *ein einziger Zug*. Voilà ce qui à la fois nous allège de beaucoup de difficultés à plus d'un titre. Au titre d'abord de la concevabilité - qui n'est pas quelque chose qu'il y ait lieu de dédaigner - d'un *trait unique*. Deuxième point, ceci qui pour nous converge vers une notion que nous connaissons bien, celle du *signifiant*. Cela ne veut pas dire que cet *einzigiger Zug*, ce *trait unique*, soit par cela même donné comme tel, comme *signifiant*. Pas du tout ! Il est assez probable, si nous partons de la dialectique que j'essaie d'ébaucher devant vous, que c'est possiblement *un signe*. Pour dire que c'est un *signifiant*, il en faut plus. Il faut son utilisation ultérieure, dans une batterie signifiante ou, comme quelque chose qui a rapport à la batterie signifiante.

Como já havíamos anunciado, encontra-se aqui um tema amplamente trabalhado no seminário IX, o traço unário, aqui chamado traço único. E, além disso, já uma diferença entre signo e significante no que tange a esse traço. Este ponto é fundamental no seminário IX: o rastro (*trace*) de alguma coisa primeiramente traz uma leitura, enquanto signo; para que se constitua o significante é necessário que o traço unário apague esse rastro e o faça funcionar segundo um sistema de escrita. Ou seja: que esse rastro possa conotar outros objetos, segundo uma homofonia em potencial<sup>91</sup>.

Há também, nesse seminário, uma discussão a respeito do objeto parcial, cuja importância se daria naquilo que aparece como reduzido. Trata-se de uma discussão que prossegue ao tema da citação anterior, a saber, o traço único da identificação. Nossa atenção se voltará ao que nesse objeto parcial podemos refletir como convergindo ao termo *effaçons*, segundo os desenvolvimentos relativos ao apagamento da coisa no próximo seminário.

Leiamos o trecho seguinte. A discussão aqui se concentra no objeto parcial, a partir do termo *Agalma* no *Banquete* de Platão:

Disso que se trata, é do sentido *brilhante*, do sentido *galant* (galanteador), pois essa palavra provém de *gal*, brilho no francês antigo. É necessário dizer que é disso que nós, analistas, descobrimos a função sob o nome de *objeto parcial*. Eis aí uma das maiores descobertas da investigação analítica, essa função do *objeto parcial*.

Agalma ligado ao objeto parcial. Prossigamos:

(...)

É dito em algum lugar em PAUSANIAS, também *a propósito de um uso de ἄγαλμα* (agalma), que os ἄγαλματα (agalmata) que se encontram num tal santuário, feiticeiras que lá estavam intencionalmente para reter, impedir *Alcmene* de dar à luz, estavam ἄμυδροτερος (amudroteros), um tanto *apagadas*. E bem, é isso! Nós *apagamos* também, o tanto que a gente pôde, o que quer dizer o *objeto parcial*, ou seja, que o nosso primeiro esforço foi de interpretar o que nós tínhamos feito como descoberta, a saber esse lado fundamentalmente *parcial* do objeto, enquanto *pivô*, *centro*, *chave*, do desejo humano: valia parar aí por um instante. Mas não, *de forma alguma, que coisa chata!* A gente direcionou isso para uma *dialética*

---

<sup>91</sup> Ver o tópico Nomeação, do presente capítulo.



da totalização (...) <sup>92</sup>(LACAN, 1º de fevereiro de 1961. Tradução modificada, itálicos do autor)

Quando ele diz “*Nós também apagamos*”, trata-se da referência às feiticeiras enviadas por Hera e ao que os analistas teriam feito com o conceito de objeto parcial. O tom de “nós também apagamos” é irônico, ao falar desse esforço de interpretação totalizante que apaga sua importância. O fundamental seria esse ponto “parcial” e singular do objeto que não tem nada a ver com tal dialética da totalização.

Lacan está nessas lições seguindo o caminho trilhado a partir dos seminários anteriores: o desejo, a ética trágica do desejo chegando, finalmente, na transferência. Ao discutir o objeto parcial como objeto privilegiado do desejo, agalma encarnado pelo analista na relação transferencial, ele prosseguirá com uma discussão relativa ao objeto do desejo que culminará no conceito de objeto a, alguns anos depois no seminário *X L'angoisse* (LACAN, 1962-63). Antes disso, porém, trabalhará primeiro o conceito de traço unário, recuperando o que fora chamado de traço único neste seminário, ligado à segunda forma de identificação. O termo *effaçons* permite que o tema do objeto seja abordado a partir daquilo que se apaga numa escrita, rastro da coisa que se escreve enquanto letra. Já pudemos discutir, em relação aos seminários anteriores, como o conceito de letra é caro nos momentos nos quais Lacan aborda o desejo. O psicanalista chega a dizer que a letra e o desejo seriam equivalentes na sublimação <sup>93</sup>. Se, a partir de *L'instance de la lettre* (LACAN, 1957/2001), a letra foi um dos conceitos que permitiram ao psicanalista trazer algo referente ao “nada” e ao que se articula enquanto significante no que tange ao desejo, parece-nos válido supor um

---

<sup>92</sup> Ce dont il s'agit, c'est du sens *brillant*, du sens *galant*, car le mot *galant* provient de *gal*, *éclat* en vieux français. C'est bien, il faut le dire, de cela que nous, analystes, avons découvert la fonction sous le nom d'*objet partiel*. C'est là une des plus grandes découvertes de l'investigation analytique que cette fonction de l'*objet partiel*.

Il est quelque part dit dans PAUSANIAS, aussi à propos d'un usage d'ἄγαλμα [agalma], que les ἄγαλματα [agalmata] qui se rapportent dans tel sanctuaire, aux sorcières qui étaient là exprès pour retenir, empêcher de se faire l'accouchement d'ALCMÈNE, étaient ἄμυδροτερος [amudroteros], un tant soit peu *effacés*. Eh bien, c'est ça ! Nous avons *effacé* aussi, nous, tant que nous avons pu, ce que veut dire l'*objet partiel*, c'est-à-dire que notre premier effort a été d'interpréter ce qu'on avait fait comme trouvaille, à savoir ce côté foncièrement *partiel* de l'objet en tant qu'il est *pivot*, *centre*, *clé*, du désir humain : ça valait qu'on s'arrête là un instant. Mais non, *que nenni* ! On a pointé ça vers une *dialectique de la totalisation* (...)

<sup>93</sup> Ver o tópico anterior Seminário VI deste capítulo.

trilho tal através dos seminários que desemboca no conceito de objeto a. Trilho de discussão a respeito da escrita, que talvez demonstre o seu valor naquilo que permite ao psicanalista não recorrer a formulações metafísicas acerca do inconsciente.

Escolhemos nos voltar à problemática da escrita neste ponto de conclusão, por aquilo que ela permite resumir do que discutimos em relação aos seminários anteriores. Escrita ligada às formações do inconsciente; ao que pode se escrever enquanto símbolo a partir da pulsão e do desejo; escrita do aparelho psíquico através da qual o psicanalista fala de signos da percepção; escrita por apagamento, no seminário IX, etc. Essa questão é considerada por Jean Allouch, como uma forma de entendimento do inconsciente para além de uma metalinguagem ou de uma super-realidade – super-realidade, aliás, criticada por Lacan no seminário sobre o desejo (LACAN, 1959-1960), como pudemos ver nesse capítulo. Para Allouch (1991), o escrito viria no lugar da linguagem-objeto na oposição linguagem-objeto/metalinguagem, e a fala no lugar da metalinguagem. Deste modo, a oposição se daria entre fala e escrito na obra de Lacan, este como articulação simbólica possível diante da experiência de fala: “(...) há fala na falta (na deficiência) da metalinguagem, aí mesmo onde ela (a metalinguagem) falhe em dizer o verdadeiro do verdadeiro<sup>94</sup>.” (Ibid., tradução modificada, p. 156) A saída, diante disso, não seria fazer da fala “culto” da verdade. Para Allouch, Lacan teria optado pela lógica nesse ponto, como ciência do real. Não haveria acesso possível ao real senão pelo uso de pequenas letras. E nesse sentido, a fala, que ocuparia o lugar da metalinguagem, seria restringida pela escrita:

(...) que não haja, no ser falante, função de fala senão no campo da linguagem, mas, ainda mais precisamente e mais limitativamente, *que não haja fala senão no ponto de contemporaneidade da escrita e da linguagem*<sup>95</sup>. (Ibid., p. 156. Tradução modificada, itálicos do autor)

Para não cair na metafísica de uma fala que “viesse do Outro”, como verdade da verdade, Lacan teria optado pelo escrito, como articulação simbólica de um saber

---

<sup>94</sup> (...) il y a de la parole dans le défaut du métalangage, là même où il défaille à dire le vrai sur le vrai.

<sup>95</sup> (...) qu'il n'y a chez l'être parlant de fonction de la parole que dans un champ de langage mais, plus précisément encore, et plus limitativement, *qu'il n'est de parole qu'au point de contemporanéité de l'écriture au langage*.

inconsciente. Trata-se de uma maneira de entender o valor dado ao conceito de letra nos seminários, como conceito importante para tratar do tema do desejo e seu objeto, articulação depreendida da experiência de fala, através da qual é possível ler o que se escreve na fala do paciente.

Voltaremos a essa discussão no próximo capítulo de conclusão. Em resumo, pensar na função do escrito na obra do psicanalista, como forma de escrever o objeto da linguagem para além de uma metafísica, permite entender o percurso do conceito de letra até o seminário IX, partindo do texto *L'instance de la lettre* (LACAN, 1957/2001). Aliás, ao tratar da função de nomeação no seminário *L'identification* (LACAN, 1961-62), o psicanalista voltará sua atenção ao escrito, à forma escrita do nome para além do som<sup>96</sup>.

Com essas considerações feitas, encerramos aqui este capítulo. Esperamos ter podido demonstrar a importância do seminário *L'identification* no que tange ao conceito de letra, às discussões relativas ao objeto do desejo através dos seminários que parecem fazer parte do que, posteriormente, será chamado de objeto a. Essa discussão é pautada pela escrita, seja naquilo em que letra e desejo podem se equivaler, ao se esvaziar a pulsão; seja em se tratando dos signos da percepção, na formação do aparelho psíquico; seja em relação ao processo de apagamento da coisa, leitura e escrita de um traço que faz funcionar o significante.

---

<sup>96</sup> Ver o tópico **Nomeação** deste capítulo.

## Conclusão

Neste estudo sobre o conceito de letra na obra de Jacques Lacan a discussão se desenvolveu através daquilo que se escreve como leitura que toma a letra como objeto. Ao partir da diferença de três termos referentes ao que se pode ler, segundo os desenvolvimentos de Jean Allouch em *Lettre pour lettre* (1984), direcionamos a discussão sobre o conceito. Diante de passagens dos primeiros seminários onde Lacan falava de signos que permitiam uma tradução do inconsciente, colocamos uma questão sobre se a noção de letra, nesse momento inicial da obra, referir-se-ia tão somente a uma tradução, segundo a forma pela qual Allouch tratara esse termo, qual seja: como uma operação ligada ao registro imaginário, diferente da transliteração, como operação simbólica através da qual um escrito se escrevia ao poder ser lido enquanto letra. Indagávamos se, assim sendo, o conceito de letra só surgiria na obra a partir do momento no qual a leitura se vinculasse ao escrito, supondo como tal momento aquele da escrita do texto *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud* (LACAN, 1957/2001).

Ora, de fato neste texto a letra parece participar de uma operação de leitura vinculada à escrita do inconsciente, como pudemos discutir no primeiro capítulo. Porém, nos primeiros seminários os termos que compunham o que se poderia tratar como leitura do inconsciente não pareciam se reduzir a operações imaginárias, embora Lacan usasse em algumas passagens o termo tradução. A decifração do inconsciente não parecia estar desvinculada de uma cifração, as duas participando de uma mesma operação de transliteração. Passagens nas quais havia a presença de termos como criptograma, ou material hieroglífico pareciam demonstrar isso, já no seminário I. Para melhor retomar essa discussão, cabe lembrar o trecho no final do seminário I, onde Lacan comenta o termo *Tagesreste* de Freud (LACAN, 1953-1954. P 247). Ali, o material significante, podendo ser hieroglífico ou fonemático, são formas despossuídas de sentidos próprios retomadas numa nova organização através da qual um sentido inconsciente possa ser expresso. Deste modo, participam de uma operação de escrita, pois não se trata do sentido correto desse material, mas do fato de poderem ser despossuídos dos seus sentidos próprios possibilitando assim escrever outros sentidos. Embora se trate aqui do termo *sentido*, tal tradução não é

aquela de um sentido previamente conhecido que se tenta traduzir corretamente para uma outra língua, por exemplo. Trata-se, antes, de um sentido desconhecido, não sabido, que não mantém uma relação biunívoca com um objeto. Ou seja: não podemos reduzi-la a uma operação imaginária diante da qual temos em mente transmitir corretamente um sentido previamente conhecido. Esse material significante retomado numa nova organização permite decifrar porque ele mesmo participa de uma cifração, como escrita do que se pode ler do inconsciente.

Todavia, em tais passagens dos primeiros seminários não é a palavra *lettre* a usada. São outros os termos que incarnam essa ideia, tais quais *criptograma*, *hieroglífico*, *ordem de ser literalmente criada pelo simbólico*, etc. Nesse sentido, não poderíamos afirmar que o conceito de letra já existisse, mesmo que ali pareça haver uma noção muito próxima ao conceito. Diante disso, decidimos tratar a letra ora como conceito – segundo a forma como Lacan discute a instância da letra no texto de 1957 –, ora como noção ambígua. Isso justifica a diferença de termos no trato da questão e, também, garante que, mesmo ao ser formalizada como letra no texto de 1957, haja no seu horizonte uma possibilidade de ambiguidade.

Propusemos um mapeamento da gênese da letra na obra, ao analisar os primeiros seminários. Não podemos dizer que essa tarefa tenha sido completamente satisfatória, no sentido de uma gênese conceitual: não parece haver uma gradação de termos que, aos poucos, componham o conceito de letra, até que ela fosse finalmente formalizada em 1957. O nosso mapa foi de uma outra ordem: mapa das aparições de ideais muito próximas da ideia de transliteração como operação simbólica de decifração/cifração do inconsciente. Nesse sentido, considerar a letra como noção ambígua enriquece a discussão, permitindo entender sua existência antes mesmo de sua formalização como Instância da letra no inconsciente. Porém, é certo que o texto de 1957 marca um momento importante da obra de Jacques Lacan. Através dele, a discussão do sujeito como sendo representado de um significante para outro significante ganha um forte respaldo. Fecha-se uma trama conceitual importante, o sujeito determinado pelo significante e as operações metáfora e metonímia como formas de tratar dos efeitos desse sujeito e de seu desejo. O inconsciente, estruturado como uma linguagem, pode ser lido naquilo que se escreve, ou, podemos dizer, ele se escreve ao ser lido. Isso porque o que está em questão é o significante, a leitura como leitura da estrutura significante que, ao ser lida, faz essa

estrutura funcionar, escrevê-a como letra. É nesse sentido que a letra no texto de 1957 é definida como a estrutura essencialmente localizada do significante (LACAN, 1957/2001), objeto da transliteração.

Na medida em que os seminários avançam, a letra será usada para tratar de alguns outros temas fundamentais da psicanálise. Notadamente, cabe sublinhar, o tema do desejo. Lacan chegará a dizer que letra e desejo são equivalentes, quando numa sublimação (LACAN, 1958-59). Além disso, vemos despontar nos seminários uma problemática relativa aos signos da percepção (LACAN, 1957-58), como fazendo parte de uma primeira estruturação do aparelho psíquico, como algo diferente da percepção bruta exterior, mas ainda não podendo ser tomado exatamente como significante<sup>97</sup> (LACAN, 7 de julho de 1961). De um lado, o tema do desejo, que avançará em direção à ética e depois ao objeto da transferência; de outro, o signo, que avançará em direção ao *rastro* (*trace*) da coisa apagada, no seminário *L'identification* (LACAN, 1961-62). Esses dois desenvolvimentos ajudam a pensar no conceito de traço unário. Ele conjuga em si a questão da estrutura significante e sua relação com o objeto, enquanto “coisa” apagada.

Do tema do desejo, Lacan avançará em direção ao objeto, primeiramente a partir da função do objeto parcial como agalma na transferência, e, posteriormente, como objeto a (LACAN, 1962-63). O conceito de letra é fundamental nessa discussão, tanto por aquilo que se pode escrever do desejo ao se esvaziar o sexual da pulsão (LACAN, 24 de junho de 1959), tanto pelo o que ela permite escrever no processo de apagamento do rastro (LACAN, 1961-62). Há uma diferença entre signo e significante como há diferença entre rastro (*trace*) e traço (*trait*). O signo, como o rastro, tem a ver com a coisa que seria representada para alguém; já o traço e o significante tem a ver com o sujeito. De um lado, algo que permitiria uma leitura (mesmo que se suponha uma escrita latente para que essa leitura possa funcionar); de outro, a escrita de uma ordem simbólica baseada no que se pode ler como significante, ou como traço unário.

---

<sup>97</sup> Ver o tópico “Seminário VIII e conclusão” do capítulo II. Trata-se de uma passagem onde Lacan introduz uma questão sobre a diferença do signo e do significante, em relação à estruturação do aparelho psíquico. Cabe sublinhar que nos dois seminários anteriores, Seminários VI e VII, nas passagens tratando do mesmo tema, o signo paradoxalmente aparece associado ao significante. Parece-nos que Lacan faz essa diferença, porque no seminário VIII está preparando terreno para introduzir a noção de traço unário e a discussão em torno disso sobre a diferença do signo e do significante, do rastro e do traço.

A letra aqui recuperaria do rastro seu traçado, a fim de fazê-lo funcionar escrevendo a fala, como forma que não manterá mais qualquer relação com a coisa (por exemplo, o A latino derivado de Álef), se referindo, doravante, a outras letras segundo um sistema simbólico.

É curioso notar que, ao discutir essa problemática da escrita e da leitura, Lacan chegará a falar sobre uma suposta gênese do escrito (LACAN, 1961-62). Como já pudemos discutir, trata-se de algo pouco habitual em sua obra, mas que para além do tema histórico responde a uma questão psicanalítica relativa à diferença entre signo e significante. Para Allouch (1984), é possível supor uma leitura anterior à escrita porque nessa leitura há já algo da escrita em latência. Um primeiro apagamento faria surgir o signo (ou, podemos dizer, o rastro), como representando a coisa apagada. O traço unário virá cercar esse signo e fazê-lo funcionar segundo um sistema simbólico. A letra surgirá, segundo essa hipótese lacaniana, recuperando o signo e o fazendo funcionar como sistema alfabético conotando os sons da fala, escrevendo o significante.

Essa discussão no seminário IX faz avançar a problemática da letra. Se em 1957 já se tratava do que se pode ler como escrito nas formações do inconsciente, em *L'identification* (LACAN, 1961-62) o psicanalista refina a questão, através dessa separação de *leitura* do rastro, e *escrita* do traço. A partir da leitura do que teria sido apagado enquanto coisa, há a escrita de uma ordem de ex-sistência, que transforma essa primeira leitura da coisa em leitura do escrito. O rastro se tornará signo, como representando algo para alguém, e o traço funcionará como o significante, através do que um sujeito é representado para outro significante. Com a escrita da letra, o objeto não será mais a coisa enquanto “coisa real que existisse”, e sim a própria literalidade do escrito: o objeto será, doravante, objeto metonímico (ALLOUCH, 1984).

Para além da fala do paciente, a psicanálise nos ensina a ler algo estruturado como uma linguagem. Isso que ela nos ensina a ler tem a ver com o escrito (LACAN, 1957/2001), com a estrutura simbólica que se escreve, cujo objeto é de ordem metonímica, como acabamos de comentar. A fala por si só não oferece acesso ao inconsciente, mas é na medida em que o escrito passa a conotá-la, a escrever o significante, que entramos no domínio da transliteração. Como já pudemos comentar, Jean Allouch (1984) tem uma hipótese acerca da separação de fala e escrito em

Lacan. Ele toma o escrito no lugar da linguagem-objeto na oposição linguagem-objeto/metalinguagem, e a fala no lugar da metalinguagem. Ora, com as diversas *effaçons* sabemos que o *rastró* da coisa se transformará em letra. Nesse sentido, a letra substituirá o objeto, será uma marca colocada no lugar do objeto, funcionando a partir da estrutura da linguagem. Quanto à fala, ela viria no lugar da metalinguagem, ali onde a metalinguagem fracassa em dizer a verdade da verdade. Sem acesso possível à verdade da verdade, Lacan teria optado pela lógica, servindo-se da articulação de letras para tratar o real.

Nesse sentido, a psicanálise poderia ser tomada com uma clínica do escrito (ALLOUCH, 1984). O importante na fala do paciente seria o seu texto, o que ali se pode ler sobre o sujeito e seu desejo. E a relação sexual seria a exceção que confirma a regra psicanalítica (Ibid.): o que não cessa de não se escrever, diante do que haveria um efeito de discurso chamado escrita (LACAN, 1972-73/1975).

Pensamos que o nosso trabalho oferece uma discussão importante relativa à letra. De sua formalização em 1957, chegamos a um seminário onde Lacan trabalha uma nova noção através da qual a relação entre leitura e escrita é abordada a partir da questão do objeto. Pudemos acompanhar, através dos seminários, como o tema do objeto vai se desenvolvendo, ao tratar do desejo e da ética e ao tratar do objeto da transferência como agalma. O seminário *L'identification* fornece novas ferramentas para abordarmos essa questão, através do traço unário como articulação lógica diante do apagamento da coisa. Sabemos, entretanto, que a questão do objeto continua a ser desenvolvida por Lacan, especialmente a partir do *objeto a* como objeto da angústia (LACAN, 1962-63). Desta maneira, pensamos ser importante dar novos passos nessa pesquisa, partir do seminário *L'angoisse* para nele analisar a maneira como a letra é usada no trato do objeto *a*, e avançar, buscando trabalhar os futuros desenvolvimentos do conceito através da obra.

Na nossa introdução, discutimos a questão de a letra ser convocada diante da ausência do *rappor*t sexual. Trata-se de uma problemática mais detidamente desenvolvida na década de 1970, em textos como *L'Étourdit* (LACAN, 1972/2005), e no seminário *XX Encore* (LACAN, 1972-73/1975). Caberá com os futuros avanços da pesquisa tê-la no horizonte, possibilitando um trabalho mais aprofundado sobre a



questão de a psicanálise ser uma clínica do escrito. Ademais, a letra terá também um papel importante no trato dos discursos (LACAN, 1969-70/1991). Será, portanto, cogente sua discussão ao analisar os futuros trilhos da letra na obra.

Finalizamos aqui o nosso trabalho, contentes pela discussão promovida. Esperamos ter possibilitado uma leitura rica sobre esse conceito tão fundamental no trato do sujeito, a partir da escrita. E esperamos prosseguir nessa pesquisa produzindo novos escritos que possibilitem reler o que aqui se escande como um fim.

## Referências bibliográficas:

- ALLOUCH, J. 1984. *Lettre pour lettre. Transcrire, traduire, translittérer*, Toulouse, érès.
- BADIOU A & CASSIN B. *Il n'y a pas de rapport sexuel*. Deux leçons sur *L'Étourdit* de Lacan. Primeiro capítulo *L'ab-sens, ou Lacan de A à D*. Librairie Arthème Fayard, 2010.
- BEER, P. *Questões e tensões entre psicanálise e ciência: considerações sobre validação* / Paulo Antonio de Campos Beer; orientador Nelson da Silva Junior. -- São Paulo, 2015.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FÉVRIER, James G. *Histoire de l'Écriture*. Nouvelle édition entièrement refondie; Paris, payot, 1959.
- FREUD, S. *Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica*, original de 1933. Em *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)/Sigmund Freud* ; tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. Tradução Cristiana de Assis Serra. – Rio de Janeiro : LTC, 2013
- LACAN, J. (1972-1973). *Encore*. Paris : Seuil, 1975.
- LACAN, J. (1953-1954). *Le séminaire, Livre I : Les écrits techniques de Freud*. Paris: Seuil, 1975.
- LACAN J. (1954-1955). *Le Séminaire - Livre II : Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1980.

- LACAN, J (1955-1956). Le séminaire, livre III : *Les psychoses*. Ed Le Seuil, coll. « Le champ Freudien », Paris, 1978.
- LACAN, J. (1956-1957). *Le séminaire livre IV : La relation d'objet*. Paris: Seuil, 1994.
- LACAN J. (1957-1958). Le Séminaire livre V : *Les formations de l'inconscient*. Seuil, 1998 (Le champ freudien).
- LACAN, J. (1958-1959). Le séminaire livre VI : *Le désir et son interprétation*. Éditions de la Martière et Le champ Freudien Éditeur, juin 2013.
- LACAN, J. (1959-1960). Le séminaire, Livre VII : *L'éthique en psychanalyse*, Paris, Le Seuil, 1986.
- LACAN, J. (1960-1961). Le Séminaire, Livre VIII : *Le Transfert*, Paris, Le Seuil, 1999.
- LACAN, J (1962-1963). Le séminaire, livre X : *L'angoisse*. Ed Le Seuil, coll. « Le champ Freudien », Paris, 2004.
- LACAN, J. (1964). Le Séminaire, Livre XI : *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris : Seuil, 1973.
- LACAN, J. (1969-1970). Le séminaire, Livre XVII : *L'envers de la psychanalyse*. Paris, Le Seuil, 1991.
- LACAN, J. (1956-1957). *La relation d'objet*. Versão online <http://staferla.free.fr/>. Inédito.
- LACAN, J. (1958-1959). *Le désir et son interprétation*. Versão online <http://staferla.free.fr/>. Inédito.
- LACAN, J. (1953-1954). *Les écrits techniques de Freud*. Versão online <http://staferla.free.fr/>. Inédito.
- LACAN, J (1961-1962). *Le séminaire L'identification*. Aulas 6 de dezembro de 1961, 13 de dezembro de 1961, 20 de dezembro de 1961 e 10 de janeiro de 1962. Versão online <http://staferla.free.fr/>. Inédito.
- LACAN, J. (1955-1956). *Psychoses*. Versão online <http://staferla.free.fr/>. Inédito.
- LACAN, J. (1957-58). *Les formations de l'inconscient*. Versão online <http://staferla.free.fr/>. Inédito.
- LACAN, J. (1959-60). *L'éthique*. Versão online <http://staferla.free.fr/>. Inédito.

- LACAN, J. (1966). *La chose freudienne ou Sens du retour à Freud en psychanalyse*, original de 1956. Em *Écrits*. Paris: Seuil, 2001.
- LACAN, J. (1966). *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud*, original de 1957. Em *Écrits*. Paris : Seuil, 2001.
- LACAN, J. (1966). *Le séminaire sur la lettre volée*, original de 1955. Em *Écrits*. Paris: Seuil, 2001.
- LACAN, J. (2001). *L'Étourdit*, original de 1972. Em *Autres Écrits*. Paris : Seuil, 2005.
- LACAN, J. (1960-61). *Le Transfert*. Versão online <http://staferla.free.fr/>. Inédito.
- LE GAUFEY, G. *Lacan : au sujet de la lettre*. Em *L'incomplétude du symbolique, De René Descartes à Jacques Lacan*. EPEL, Paris, 1991.
- MALEVAL, S. *La lettre : du savoir dans le réel au symptôme*. Em *Les fondamentaux de la clinique lacanienne, repères épistémologiques, conceptuels et cliniques*. Rennes : Presses universitaires de Rennes, 2010.
- NANCY, J-L & LACOUÉ-LABARTHE P. *O título da letra* - São Paulo: Escuta, 1991.
- SAUSSURE, F. de (1967): *Cours de Linguistique générale*, publicado por Charles Bally e Albert Sechehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger, original de 1916. Paris, Payot.
- SILVA, G. O. *Entre Isso E Isso: Leitura E Escrita Da Não Relação Sexual*, em Revista *Affectio Societatis* Vol. 14, N.º 26, enero-jun de 2017, (pp. 52-66)
- SILVA JUNIOR, N., GASPARD, J.L. *Trauma e Narração: modelos e suas consequências clínicas de Freud a Lacan*. Cadernos de Psicanálise. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro. V. 31, n. 34, 2015, 21-37
- TEIXEIRA, A.M.R. *As bodas sintomáticas do obsessivo com a histérica*. *Ágora*, v.13, n.1, p.51-61, 2010.